





Volume IX

Number 1

2023

Public Sciences & Policies (PS&P) é uma revista interdisciplinar em ciências sociais, com foco em políticas públicas, administração pública, comunicação política e governação com abrangência internacional. PS&P publica artigos originais que são submetidos a um processo rigoroso de revisão por pares. As prioridades da Revista para publicação são trabalhos que: (i) apresentem investigação teórica, metodológica e empírica que contribua para o avanço do conhecimento em políticas públicas, administração pública e governação; (ii) apresentem investigação teórica relevante relacionada com os problemas globais de políticas públicas; (iii) promovam diversidade de estudos que abordem diferentes áreas geográficas, metodológicas e teóricas.

A revista adota uma abordagem pluralista e incentiva submissões independentemente da abordagem metodológica e do país de estudo. São aceites para publicação, artigos em português, inglês e espanhol. Os artigos publicados são predominantemente artigos originais, sendo também aceites artigos de revisão que avaliem o estado da arte das políticas públicas.

CONSELHO EDITORIAL

Raquel Baltazar (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Sónia Pedro Sebastião (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Pedro Fonseca (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Elvira Pereira (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Sandra Balão (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Ana Lúcia Romão (CAPP, ISCSP-ULisboa)

CONSELHO CIENTÍFICO

André Soares (Coventry University), Edson Guarido Filho (Universidade Federal do Paraná), Fernanda Guarido (Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais), Jeong-Nam Kim (University of Oklahoma), Lara Tavares (CAPP, ISCSP-ULisboa), Leonardo Secchi (Universidade do Estado de Santa Catarina), Nuno Garoupa (Universidade George Mason), Paula Campos Pinto (CIEG / CAPP, ISCSP-ULisboa), Ridvan Cinar (Western Norway University of Applied Sciences), Sara Moreno Pires (Universidade de Aveiro), Teresa Carvalho (Universidade de Aveiro)

GESTOR E EDITOR ASSOCIADO

Eduardo Barbabela (CAPP, ISCSP-ULisboa)

REVISÃO LINGUÍSTICA

It's GoodSpell

IMPRESSÃO

Europress, Lda.
Rua João Saraiva, 10-A
1700-249 Lisboa

PROPRIETÁRIO E EDITOR

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP) em parceria com o Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP-ULisboa)

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Publicação semestral, 250 exemplares impressos, distribuição gratuita nacional e internacional.

Depósito Legal: 434704/17
Registo na ERC: 127-707
ISSN: 2183-7384
e-ISSN: 2184-0644

Centro de Administração e Políticas Públicas

Campus Universitário do Alto da Ajuda
Rua Almerindo Lessa, 1300-663 Lisboa
Tel.: (+351) 213 600 486
E-mail: cappelicoes@iscsp.ulisboa.pt

Para mais informações sobre a revista consulte:
<https://cpp.iscsp.ulisboa.pt/index.php/capp/index>

Informações sobre o CAPP consulte:
<https://capp.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/>

PS&P focuses primarily on the interdisciplinary areas of social sciences, such as public policy, public administration, political communication, and governance that have consequences of broad, international significance. It publishes original articles, which are assessed through a rigorous peer-review process. The journal aims to: (i) enable theoretical, methodological, and empirical advances in the study of public policy, public administration, and governance; (ii) enable cutting-edge research connecting theoretical research with real-world policy problems and vice-versa; (iii) encourage diversity in geographical, methodological, and theoretical approaches.

The journal takes a pluralist approach and encourages submissions regardless of the methodological approach and country of study. Also, Public Sciences & Policies publishes articles in Portuguese, English, and Spanish. Articles published are predominantly original research articles, but review articles that assess the state of the art of the policy field are also welcomed.

EDITORIAL BOARD

Raquel Baltazar (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Sónia Pedro Sebastião (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Pedro Fonseca (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Elvira Pereira (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Sandra Balão (CAPP, ISCSP-ULisboa)
Ana Lúcia Romão (CAPP, ISCSP-ULisboa)

SCIENTIFIC BOARD

André Soares (Coventry University), Edson Guarido Filho (Universidade Federal do Paraná), Fernanda Guarido (Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais), Jeong-Nam Kim (University of Oklahoma), Lara Tavares (CAPP, ISCSP-ULisboa), Leonardo Secchi (Universidade do Estado de Santa Catarina), Nuno Garoupa (Universidade George Mason), Paula Campos Pinto (CIEG / CAPP, ISCSP-ULisboa), Ridvan Cinar (Western Norway University of Applied Sciences), Sara Moreno Pires (Universidade de Aveiro), Teresa Carvalho (Universidade de Aveiro)

MANAGER AND ASSOCIATE EDITOR

Eduardo Barbabela (CAPP, ISCSP-ULisboa)

LANGUAGE REVISION

It's GoodSpell

PRINTING

Europress, Lda.
Rua João Saraiva, 10-A
1700-249 Lisboa

OWNER AND PUBLISHER

Centre for Public Administration and Public Policy (CAPP), in collaboration with the Institute of Social and Political Sciences of the University of Lisbon (ISCSP-ULisboa)

TECHNICAL CHARACTERISTICS

Biannual publication, 250 printed copies, free national and international distribution.

Legal Deposit: 434704/17
ERC Register: 127-707
ISSN: 2183-7384
e-ISSN: 2184-0644

Centro de Administração e Políticas Públicas

Campus Universitário do Alto da Ajuda
Rua Almerindo Lessa, 1300-663 Lisboa
Tel.: (+351) 213 600 486
E-mail: cappelicoes@iscsp.ulisboa.pt

For more information about the journal consult:
<https://cpp.iscsp.ulisboa.pt/index.php/capp/index>

For information about CAPP consult:
<https://capp.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/>

TABLE OF CONTENTS

- 9 **Editorial**
Raquel Baltazar & Rita Amorim
- 35 **Jornalismo literário e receção cognitiva da informação:
Estudo exploratório com universitários portugueses**
Isabel Nery
- 35 **O jornalismo literário nas políticas públicas de educação:
A representação da exclusão da criança nas crónicas de Irene Lisboa
publicadas na *Seara Nova* (1929-1955)**
Jorge da Cunha
- 57 **A Lisboa do final do século XIX vista por Fialho de Almeida:
O jornalismo literário como agente de políticas públicas**
Vanda Rosa
- 75 **O testemunho pessoal é político:
A narrativa da pandemia COVID-19 no jornal Público**
Marta Soares
- 109 **Portugal's literary journalism: Books, foundations and the search for funding**
Manuel Carvalho Coutinho

Editorial

Raquel Baltazar*

Rita Amorim

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP, ISCSP), Universidade de Lisboa, Portugal

Jornalismo Literário e as Políticas Públicas

Neste número da revista *Ciências e Políticas Públicas / Public Sciences & Policies* (PS&P) pretendeu-se dar continuidade à identidade que a distinguiu e afirmou junto da comunidade científica. Contou com uma revisão por pares, comprometida com a ética e com um alto padrão de qualidade que já vinha sendo praticada. Este número parte de uma preocupação com a cidadania sustentável e a justiça social como é apresentado nas contribuições que compõe o presente volume. Pretendeu evidenciar-se a contribuição do jornalismo literário para as políticas públicas enquanto agente de exposição, consciencialização e defesa da justiça social.

As políticas públicas têm como objetivo tratar questões sociais, económicas, políticas ou ambientais, buscando o bem-estar da sociedade como um todo, em diferentes áreas, tais como saúde, educação, segurança, transporte, meio ambiente, entre outras. As políticas públicas são criadas com o objetivo de atender às neces-

* Author's contact: rbaltazar@iscsp.ulisboa.pt

sidades da população, promover a igualdade social, a justiça, a inclusão, a sustentabilidade, o desenvolvimento económico, a redução da pobreza, e a proteção dos direitos humanos. Por sua vez, o jornalismo literário fornece um retrato muito completo das realidades sociais dos que vivem nas margens ou periferias da sociedade, e que em verdade se encontram fora do foco dos *media* e do olhar do público em geral. O jornalismo literário encontra-se precisamente na “intersecção com a justiça social” (Soares et al., 2022, p. 259), e “muitas vezes aumenta a nossa consciência sociopolítica sobre as pessoas desprivilegiadas ou desfavorecidas” (Bak, 2011, p. 1). O jornalista literário pretende despertar a empatia e chamar a atenção para questões de justiça social no sentido de dar voz, visibilidade e dignidade a estes sujeitos. Frequentemente, é o denunciador, o “*whistle blower*” do que não está correto na sociedade.

Importa começar por referir como surgiu o jornalismo literário e se desvinculou do jornalismo convencional. As décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos da América foram essenciais para a classificação do género de jornalismo literário como uma nova forma de jornalismo. Por volta dos anos 60, escritores como Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer começaram a incorporar elementos narrativos do campo da literatura para reportar relatos e histórias do quotidiano da vida de pessoas comuns. Tom Wolfe publicou em 1973, o livro *The New Journalism*, em que analisa diversos artigos jornalísticos da época classificando-os como pertencentes a este novo tipo de jornalismo, e identifica as seguintes características: a construção “cena a cena”, a gravação dos diálogos, a conjugação dos verbos na terceira pessoa, e a ênfase nos detalhes. Com o tempo, outros estudiosos foram acrescentando outras particularidades. Norman Sims, por exemplo, adiciona em 1984, as características da reportagem imersiva, a precisão factual, a voz autoral, a representação simbólica e a responsabilidade do autor. Segundo Tulloch e Keeble, (2012, p. 6), o jornalismo literário compromete-se com a “verossimilhança da experiência”, reproduzindo factos reais com autenticidade e criando assim textos que tecem representações da vida real. Sendo considerado um género híbrido que junta a veracidade jornalística com o estilo de escrita da literatura (Soares, 2021), explora a factualidade e a realidade do jornalismo (Domingues, 2016) através de técnicas e estratégias literárias para conceder um maior rigor ao discurso original dos intervenientes. A construção do texto, através da apresentação de cenas, permite o avanço da história através da visão do seu autor. O Jornalismo literário não terá nascido em nenhum lugar específico do mundo e poderá afirmar-se que se encontra globalmente. Não existe uma definição universal de jornalismo literário, existem sim, variadas designações (Martinez, 2017), e tradições jornalístico-literárias (Mateus et al., 2021). Os formatos existentes vão desde a reportagem ao documentário (Soares, 2021), à crónica (Trindade, 2021) ou ao livro.

O jornalismo literário incide no desejo de informar e de contar histórias reais com o intuito de provocar um envolvimento emocional no público e no próprio jornalista. A voz autoral através da conjugação dos verbos na primeira pessoa, reflete uma inserção pessoal na história, que ajuda a definir a cena permitindo ao leitor algo ou alguém com quem se relacionar (Conover, 2018, pp. 167-168). Esta personalização da narrativa, juntamente com os temas humanitários que aborda, definem a investigação imersiva do jornalista literário.

Esta imersão e a humanização do autor na sua história, fazem do jornalismo literário um veículo impactante, que estabelece uma conexão com um público tendencialmente apático aos mesmos eventos quando reportados por um jornalismo convencional, objetivo e expositivo (Coutinho, 2018, pp. 100-101). Segundo Hartsock (2016, p. 19-33) esta estrutura narrativa das histórias gera empatia porque apela à consciência do leitor, à compreensão aprofundada de problemas sociais e à autenticidade dos acontecimentos retratados.

Ao relatar as histórias das pessoas e comunidades impactadas pelas políticas públicas, de maneira detalhada e emocionalmente envolvente, o jornalismo literário permite uma análise mais aprofundada dessas mesmas políticas para as humanizar. O jornalista literário utiliza técnicas literárias para criar narrativas imersivas e emocionantes, oferece reflexões pessoais, entrevistas mais longas e investigações detalhadas que mostram as consequências e os efeitos das políticas públicas na vida cotidiana das pessoas. Ao investigar, identificar, descrever e denunciar a eficácia ou inutilidade destas políticas públicas na população, pode ajudar a denunciar casos de má conduta, corrupção ou negligência, e propor soluções alternativas. Evidencia-se assim, o potencial de aumentar o engajamento público sobre questões de políticas públicas, com os objetivos de gerar empatia e consciencialização, mobilizar o público para a ação, estimular o debate público, influenciar a opinião pública e promover mudanças e melhorias na formulação e na implementação de programas e reformas governamentais. Através da exposição de questões sociais, da fiscalização e da responsabilização das políticas públicas, o jornalismo literário desempenha um papel fundamental, pois dá voz e visibilidade aos esquecidos ou ignorados, marginalizados e descartados e atua como uma ferramenta para advogar por mudanças. Atualmente, em Portugal, Miguel Sousa Tavares, José Luís Peixoto, Sílvia Caneco, Paulo Moura, Isabel Nery, Raquel Ochoa, Susana Moreira Marques, Pedro Coelho, Catarina Frois, Alexandra Lucas Coelho, Miguel Esteves Cardoso, e Ana Cristina Pereira são alguns nomes identificados como jornalistas literários portugueses, que imergem para retratar a vida de pessoas reais e “continuar esta herança de escrita ou reportagem de não-ficção” em português (Amorim & Baltazar, 2021, p. 38).

Em primeiro lugar, esta edição conta com o artigo *Jornalismo Literário e Recepção Cognitiva da Informação: Estudo Exploratório com Universitários Portugueses* de Isabel Nery. Este estudo explora a relação entre a leitura de textos de jornalismo literário e a compreensão da informação. Partindo da aplicação de um questionário a cerca de 500 estudantes universitários e de um *focus group* nascido desses inquiridos, a autora aferiu o conhecimento sobre jornalismo literário, as preferências relativas à leitura em papel e dispositivos eletrônicos, além do impacto emocional da informação recebida. O artigo explora a relação entre a leitura de textos de jornalismo literário e a compreensão da informação, conhecimento essencial para a tomada de políticas públicas relativamente ao ensino e aos apoios à leitura.

No artigo *O jornalismo literário nas políticas públicas de educação A representação da exclusão da criança nas crônicas de Irene Lisboa publicadas na Seara Nova (1929-1955)*, Jorge Cunha, divulga através da crônica de Irene Lisboa, a forma desajustada como a criança é tratada e como as políticas públicas de educação da ditadura portuguesa do século XX promovem a exclusão escolar e a submissão das crianças do povo a trabalhos forçados quer nas ruas como fonte de rendimento, quer na escola com um ensino desadequado ao seu desenvolvimento integral. A partir da sua voz crítica, apresenta um discurso de denúncia da realidade sociopolítica e educacional, resultado de uma posição imersiva nos locais de observação da sua época.

De seguida, no artigo intitulado *A Lisboa do final do século XIX vista por Fialho de Almeida: o jornalismo literário como agente de políticas públicas*, Vanda Rosa apresenta a vida e obra do escritor Fialho de Almeida. O artigo reflete sobre o modo como este autor observa e narra a vida dos marginalizados e injustiçados na cidade de Lisboa no século XIX. Fialho de Almeida, médico de formação e escritor de paixão, foi simultaneamente investigador social e agente de mudança. Enquanto jornalista literário deixou nos seus textos muitas medidas que gostava de ver implementadas pelo poder político, sempre com a perspetiva de melhoria dos espaços e da saúde pública, não descurando a educação, o motor para a tão necessária mudança.

No artigo *O testemunho pessoal é político: A narrativa da pandemia COVID-19 no jornal Público*, Marta Soares apresenta um estudo qualitativo, que se debruçou sobre a utilização específica de narrativas na primeira pessoa sobre a doença COVID-19 no jornal Público com o intuito de entender a sua ligação com as políticas públicas de saúde decretadas ao longo das três primeiras vagas. A autora conclui que se verificou uma utilização estratégica destes testemunhos pessoais, apresentados como fonte de informação médica, logo potenciadores de competências de literacia em saúde, e como “exemplares” didáticos, através dos quais se

apela ao cumprimento de normas sanitárias, procurando influenciar comportamentos através do medo e da culpa.

Finalmente, o quinto artigo, da autoria de Manuel Coutinho *Portugal's Literary Journalism: Books, Foundations and the Search for Funding*, viajamos através da história do jornalismo literário em Portugal, autores e suas narrativas. O autor apresenta um futuro incerto para este género que leva mais tempo a escritores e leitores, com uma plataforma online de notícias, jornais ou revistas e editores específicos à data inexistentes. Entre as novas possibilidades apresenta-se a Coleção Retratos que tem vindo a publicar livros de novos jornalistas literários.

Desejamos que estes trabalhos inspirem outros investigadores, e estimulem a criação de conhecimento científico. Terminamos este editorial agradecendo aos que mais contribuem para o crescimento da Revista Ciências e Políticas Públicas, o Presidente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Professor Catedrático Doutor Ricardo Ramos Pinto e a Professora Catedrática Doutora Sónia Sebastião enquanto Presidente do CAPP.

Referências

- Amorim, R. & Baltazar, R. (2021) The Prisoners, Mothers behind bars by Isabel Nery – Portuguese Literary Journalism at its best. *Cadernos de Literatura Comparada*, (44), 37-49, DOI: <https://doi.org/10.21747/2183-2242/cad44a2>.
- Bak, J. S. (2011). Introduction. In J. Bak & B. Reynolds (Eds.), *Literary Journalism across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*, (p. 1-20) University of Massachusetts Press.
- Conover, T. (2018). Immersion and the Subjective: Intentional Experience as Research. *Literary Journalism Studies*, 10(2), 163-173.
- Coutinho, M. J. C. (2018). *21st Century Literary Journalism: Narrative Techniques and the Concept of Plot and Hero* [Doctoral thesis, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/49928/1/Tese.pdf>
- Domingues, J. M. (2016). As narrativas portuguesas sobre naufrágios e o texto do jornalismo literário. *Revista FAMECOS*, 23(4), 1-13. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.24898>
- Hartsock, J. C. (2016). *Literary Journalism and the aesthetics of experience*. University of Massachusetts Press.
- Martinez, M. (2017). Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40(3), 21-36. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201732>
- Mateus, F., Martins, L. & Passos, M. Y. (2021). Literary Journalism Gives a Voice to the Silenced: an interview with John S. Bak. *Comunicação & Sociedade*, 43(1), 299-318. <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/CSO/article/view/1036146/7787>

- Sims, N. (1984). *The Literary Journalists*. Ballantine. <https://normansims.com/wpcontent/uploads/2014/04/The-Literary-Journalists.pdf>
- Soares, I. (2021). A reportagem e o Jornalismo Literário ou a reportagem como Jornalismo Literário. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonixe (Eds.), *Manual de Reportagem* (pp. 57-75). LABCOM. http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/202101191559-202009_manualreportagem_pcoelhoireislbonixe.pdf#page=57
- Soares, I. & Amorim, R. & Baltazar, R. (2022). Literary Journalism and Critical Social Practice: Latino and African immigrant communities in the works of Gabriel Thompson and Rui Simões. In R. Alexander & W. McDonald (Eds.), *Literary Journalism and Social Justice* (pp. 259-276). Palgrave macmillan.
- Trindade, A. D. (2021). Os Lugares na Obra Jornalística e Literária de Luís Fernando: Crónicas e 'Silêncio na Aldeia'. *Cadernos de Literatura Comparada*, (44), 91-109. <https://doi.org/10.21747/2183-2242/cad44a5>
- Tulloch, J., & Keeble, R. L. (2012). Mind the gaps; on the fuzzy boundaries between the literary and the journalistic. In: Tulloch, J., & Keeble, R. L., (Eds.), *Global Literary Journalism: Exploring the Journalistic Imagination*. Peter Lang (pp. 1-10).
- Wolfe, T. & Johnson, E. W. (1973). *The New Journalism*. Harper & Row.

Jornalismo literário e receção cognitiva da informação: Estudo exploratório com universitários portugueses

Isabel Nery*

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP, ISCSP), Universidade de Lisboa, Portugal

RESUMO

Este artigo explora a relação entre a leitura de textos de jornalismo literário e a compreensão da informação, conhecimento essencial para a tomada de políticas públicas relativamente ao ensino e aos apoios à leitura. Partindo de uma revisão da literatura, optou-se depois por um questionário aplicado a cerca de 500 estudantes universitários e de um *focus group* nascido desses inquiridos. Com isso, aferiu-se o conhecimento sobre jornalismo literário, as preferências relativas à leitura em papel e dispositivos eletrónicos, além do impacto emocional da informação recebida. Os dados recolhidos permitiram concluir que os estudantes reconhecem o termo Jornalismo Literário e que este é causador de efeitos emocionais. No que toca aos hábitos de leitura de informação, os jovens preferem os meios digitais, mas admitem que a leitura em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente. Tanto que, quando o objetivo é uma leitura imersiva, 84 % preferem o papel.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Comunicação; Cognição; Leitura; Políticas Públicas

* Contacto da autora: isabel.nery@gmail.com

ABSTRACT

This article explores the relationship between reading literary journalism texts and understanding information, vital to public policies regarding literacy and reading supporting measures. Starting from a literature review, we then chose a questionnaire applied to around 500 university students and a focus group created by these respondents. With this, we have asserted knowledge about literary journalism, preferences regarding reading on paper and electronic devices, as well as the emotional impact of the information received. The data collected allowed us to conclude that students recognize the term Literary Journalism and that it causes emotional effects. When it comes to information reading habits, young people prefer digital media, but admit that reading on paper or electronic devices is different. So much so that, when the purpose is immersive reading, 84% prefer paper.

Keywords: Literary Journalism; Communication; Cognition; Reading; Public Policies

Introdução

Os permanentes avanços tecnológicos têm alterado os hábitos de consumo de *me-dia*. No entanto, o “excesso” de informação possibilitado pelas facilidades tecnológicas começa também a ser identificado como um “fardo” para os leitores (Lee et al., 2017). Muitos consumidores de informação manifestam-se esmagados pela quantidade de notícias. Tal sensação, provocada em parte pela impossibilidade cognitiva de abarcar tanta informação, acarreta o perigo de os leitores evitarem notícias.

Em Portugal, como noutros países, as redes sociais tornaram-se uma das principais fontes de informação (Gustavo et al., 2023). E enquanto as redes sociais crescem como fonte de informação primordial, as vendas dos meios em papel descem (Andi et al., 2020), com prejuízo para os resultados escolares entre a população mais jovem (Hassel et al., 2016). Por um lado, a informação é passada de forma menos estática tornando-se mais interessante do que os sites tradicionais. Por outro, constata-se problemas de aprendizagem e alteração da percepção das capacidades individuais, na medida em que a competição entre a facilidade do que é partilhado nas redes e a exigência necessária ao estudo e à leitura imersiva podem levar à desistência de prosseguir tarefas académicas mais complexas.

Tendo em conta a tendência crescente para substituir os livros em papel por formatos digitais nos vários níveis de ensino, um melhor conhecimento sobre a relação dos leitores com dispositivos no que toca à leitura imersiva, essencial para a aprendizagem, afigura-se relevante para as políticas públicas de educação. Entendidas como ações e programas implementados para atender às necessidades da população, as políticas públicas têm por missão solucionar problemas sociais, sendo um dos seus pilares as políticas de educação. Diagnosticar questões surgidas

com os novos formatos digitais permitirá encontrar caminhos para promover a leitura e o pensamento crítico, nomeadamente nas camadas mais jovens.

Utilizando diários (*time-diary*) e um inquérito, Jacobsen e Forste (2010) concluíram que o uso de *media* eletrónica está associado de forma negativa às notas académicas dos estudantes. Por cada hora de exposição a meios eletrónicos, a média das notas dos universitários reduzia entre 0.05 a 0.07 pontos (Coyne et al., 2013).

O efeito de distração (Hassel, 2016) pode ser uma das explicações para esta relação negativa. Porém, é igualmente preocupante o facto de estar associada à desistência dos jovens quando estão perante tarefas mais complexas, já que as redes sociais permitem um alívio imediato dessa pressão, proporcionando prazer e distração sem esforço.

Neste contexto, pode ser de especial interesse o foco num género que precisa de tempo, empenho e capacidade crítica, tanto do jornalista, como do leitor, e que impele à reflexão: “O jornalismo literário tornou-se parte da tradição de espalhar o conceito de valor notícia. Como tal é parte de uma evolução no sentido da redução de falhas de informação e de conhecimento entre os cidadãos de todo o mundo” (Trindade, 2012, p. 101).

Não sendo novo, o jornalismo literário reemerge em períodos de crise (Hartsock, 2000), parecendo indicar uma constância no interesse dos recetores de informação ao longo do tempo. Por isso, entendeu-se que a comparação entre as reações a textos jornalísticos de estilo noticioso e literário poderia contribuir para a discussão. Focamos a análise na comparação entre jornalismo literário e noticioso com o objetivo principal de encontrar explicações para a escolha da leitura de um determinado artigo.

Com isso, pretendemos dar resposta a algumas questões que consideramos pertinentes relativamente à forma como a informação é encarada pelos leitores mais jovens. Será a informação recepcionada de forma distinta por ter sido adquirida com a leitura de um texto noticioso ou de um texto de jornalismo literário? Haverá reações diferentes à leitura em papel ou em dispositivos eletrónicos? Sabem os leitores distinguir os conteúdos jornalísticos que lhes são apresentados?

Um olhar mais atento às pesquisas na área da cognição pode ajudar a responder. Estudiosos do impacto da leitura na mente (Cunningham & Stanovich, 2001) têm vindo a detectar consequências cognitivas que se estendem para além da tarefa imediata de dar significado a uma mensagem. Raymond Mar (2011), um dos investigadores que mais analisou imagens de ressonância magnética para compreender a teoria da mente (interações com outros e construção de mapas de intenções alheias), concluiu que há uma relação entre quem lê ficção frequentemente e a capacidade de ter empatia e ver o mundo na perspetiva do outro. Em 2010, o in-

vestigador encontrou resultados semelhantes para crianças em idade pré-escolar. Quanto mais histórias lhes tinham sido lidas, melhor era a sua relação empática.

Além das emoções e das reações do cérebro à informação, releva considerar a importância do meio (McLuhan, 1964). Mangen e Kuiken (2014) examinaram a leitura de texto numa brochura e em *ipad*, para concluir que a noção de localização foi afetada, causando alguma estranheza em relação aos conteúdos que exigiam a manipulação do dispositivo. De acordo com esta investigação, a forma como lemos é moldada pelas tecnologias que usamos. No papel, os textos obrigam a uma relação sensorial e motora com o leitor que é diferente da estabelecida nos textos em computador, *tablet* ou monitor. Estes autores entendem que uma leitura menos física (sem contacto com o papel) pode impedir a imersão no mundo da narrativa.

Deste estado da arte resulta que pode existir uma relação entre o meio (dispositivo eletrónico ou papel) e a compreensão de um texto, mas também que a imersão da leitura está correlacionada com a emoção sentida perante o conteúdo, o que imprime especial relevo ao estudo do impacto do jornalismo literário nos leitores.

1. Notícias, Jornalismo Literário, Cognição e Leitura

A relação entre jornalismo literário e noticioso é aqui importante na medida em que ao primeiro se atribui um tipo de leitura imersiva, que implica maior envolvimento (inclusive emocional) do leitor, enquanto o segundo depende de uma relação mais casual e rápida com o recetor, sobretudo no tempo em que as tecnologias convidam tantas vezes a leituras em modo *scan* (Mar & Fong, 2011).

Alguns investigadores (Lemann, 2015; Keeble, 2018) criticam a ênfase excessiva no estilo narrativo para distinguir o jornalismo literário do noticioso, considerando que um dos aspetos mais diferenciadores é a função social de histórias rígoras e de profundidade como as tratadas pelo jornalismo literário (Hunter, 2013).

O jornalismo literário é um género agente de mudança, apelando à ação de quem o lê (Trindade, 2016), podendo por isso ter impacto social diferente do jornalismo noticioso. O jornalismo ajuda os cidadãos a lidarem com um mundo cada vez mais complexo, contribuindo para a consciencialização dos problemas sociais (Soares, 2017).

Nos seus fundamentos, a Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário (IALJS) declara entender a área não como signficante de “jornalismo sobre literatura”, mas sim “jornalismo como literatura”.

A nuance é importante para enfatizar a ideia de que se trata de jornalismo, não de ficção, reportando os factos de forma literária. Isto é, a diferença está no formato e não no conteúdo, nem na ética a que o jornalismo obriga (ao contrário

do que acontece com a ficção, em que os seus autores são livres na forma e no conteúdo).

O objetivo da não ficção criativa é comunicar informação, mas trabalhando-a de forma a que se leia como um romance. O jornalismo literário dá aos autores mais liberdade artística — não em relação à verdade, mas na construção da história (Gutkind, 2007).

Porque o termo é passível de controvérsia (Soares, 2017; Trindade, 2016), importa determo-nos um pouco nas origens do jornalismo literário. Muitas vezes associado a Tom Wolfe, a verdade é que o seu nascimento remonta a períodos anteriores (Soares, 2017, Abrahamson, 2005; Jacobson et al., 2016).

Tom Wolfe, um dos impulsionadores do jornalismo literário, elencou assim as suas principais características (Connery, 1992; Jacobson et al., 2016):

- (1) Descrição de cenas que levam o leitor a seguir os movimentos das personagens, com detalhes das suas experiências físicas e emocionais;
- (2) Uso de discurso direto, sem anular o vernáculo ou o vocabulário próprio dos entrevistados em vez do discurso limpo do jornalista, humanizando os personagens das histórias;
- (3) Pontos de vista de terceiros (não necessariamente os do jornalista);
- (4) Uso de detalhes que ajudam a definir o estatuto e estilo de vida dos personagens. Através destas descrições o leitor pode encontrar padrões de comportamento e perceber o papel social das pessoas descritas.

Vários autores (Inácio & Trindade, 2017) notam que encontrar a verdade nos detalhes da vida real e do quotidiano, num esforço para ir ao encontro do cidadão comum, é uma das mais importantes características do jornalismo literário. Ou, como diz Sims (1995), o jornalismo que homenageia os simples:

O Jornalismo Literário une a frieza dos factos com os eventos pessoais, na companhia humana do autor. E isso alarga as perspetivas dos leitores, permite-lhes abranger as vidas de outros, muitas vezes de um contexto longínquo. O processo leva os leitores e os escritores a um processo de consciencialização, compaixão, e no melhor dos cenários, sabedoria. (Sims, 1995, p. 34)

O jornalismo literário pode ser um instrumento de poder, na medida em que ajuda a compreender a complexidade social em que vivemos, sendo, por isso, um convite à ação (Sims, 1995).

Foram já muitos os que se dedicaram a categorizar e identificar o jornalismo literário. O que fica claro em todas as tentativas de definição é que não pode haver

dúvidas de que se trata de informação. Caso contrário, a expressão “jornalismo” não teria cabimento. Mas como é que os leitores lidam com a informação?

Embora haja ainda muito caminho a desbravar sobre a cognição de textos jornalísticos, as neurociências parecem justificar uma necessidade “natural” para obter informação (Bromberg-Martin Hikosaka, 2009). Além disso, algumas reações neuropsicológicas à informação colocam-na em estreita ligação com as emoções (Mar e Fong, 2011; Damásio, 2017).

Sabemos, porém, que a leitura de ficção narrativa promove uma maior retenção de vocabulário do que a leitura de não-ficção, o que, para Mar e Fong (2011) está relacionado com o facto de a emoção tornar a informação mais memorável. Já a leitura rápida e em modo *scan* dificulta a interpretação, levando a argumentações mais exíguas e acrílicas do mundo que nos rodeia.

Alguns estudos (Phillips, 2011) sugerem que no caso da literatura se verifica um aumento global no fluxo sanguíneo durante a leitura atenta, permitindo inferir que a atenção a textos literários requer a coordenação de múltiplas funções cognitivas complexas. Mas os sentimentos de estética e narrativa também interagem para produzir metáforas de identificação pessoal que modificam o autoconhecimento (Miall & Kuiken, 2002).

Se há área em permanente atualização é a da interseção entre jornalismo, leitura e cognição. Uma investigação (Mangen et al., 2013) que observou as consequências da leitura em papel e num monitor permitiu concluir que a leitura em dispositivos eletrónicos leva a uma pior compreensão do que é lido do que quando o suporte é o papel.

Resumida na célebre máxima *Media is the message* estava a ideia de McLuhan (1964) de que os efeitos cognitivos serão diferentes consoante o meio (que depois classifica em frios e quentes, de acordo com o grau de envolvimento dos sentidos).

McLuhan entendia que a tecnologia implica especificidades temporais e espaciais a que correspondem diferentes perceções por parte do recetor (Holmes, 2005). Mas ao começar a analisar o uso de meios como o computador, McLuhan afasta-se do discurso inicial de leitores, ouvintes e espetadores em que o meio é a mensagem, para um discurso posterior em que o utilizador é o próprio conteúdo em todos os meios, questionando-se se a transmissão de informação em papel ou em dispositivos tecnológicos pode ter diferentes impactos neurológicos (Holmes, 2005 e Mangen et al., 2013).

O jornalismo literário implica uma abordagem menos linear da informação (Hartsock, 2000). Não se trata tanto de seguir a lógica da pirâmide invertida, mas do prazer da leitura num texto baseado em factos e acontecimentos comprováveis (Sims, 1995; Abrahamson, 2005; Trindade, 2016), sendo também por isso útil aliar métodos qualitativos e quantitativos, como se detalha em seguida.

2. Opções Metodológicas

O poder da comunicação, ainda que reconhecido por todos, não é facilmente medível, pelo que quantificar pode não ser suficiente (Brennen, 2017). Entendemos, assim, que as relações significantes deveriam ser coadjuvadas por um método misto de investigação. A abordagem com questionário e *focus group* visou explorar de forma mais completa as respostas e reações aos tipos de textos jornalísticos em estudo.

2.1 Questionário e Focus Group

Aplicou-se um inquérito por questionário online a que responderam 476 estudantes universitários e posteriormente fizeram-se entrevistas semiestruturadas a cinco dos respondentes que aceitaram participar num *focus group*.

No final do questionário pediu-se aos alunos que indicassem a sua disponibilidade para participar numa entrevista de cerca de 20 minutos. Com isso, pretendeu-se cruzar a recolha quantitativa do questionário com a análise qualitativa permitida pelo contacto presencial no *focus group*. Os voluntários foram selecionados com base na sua disponibilidade, mas também de forma a garantir representatividade de género e idade, bem como variedade de cursos de origem.

2.2 Procedimentos

Foi pedido a um universo de 1571 alunos do I ciclo (Licenciatura) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) em horário diurno que respondessem a várias questões online sobre os seus hábitos de leitura de jornais, a preferência por suportes informativos em papel ou digitais, mas também o conhecimento e interesse por textos de jornalismo literário, bem como o tempo ocupado com a leitura de ficção e de não ficção.

O questionário foi aplicado através do sistema *Survey Monkey* a alunos do ISCSP, por conveniência e facilidade de acesso a estudantes de vários cursos, já que não se pretendia restringir o estudo a alunos de Ciências da Comunicação, possivelmente mais sensibilizados para o tema. Num universo de 1571 indivíduos, a taxa de resposta, com 476 inquéritos preenchidos, foi de 30 por cento.

Os estudantes leram a mesma informação tratada de forma noticiosa e em estilo de jornalismo literário, para depois discutirem sobre as diferenças que tinham encontrado; com que texto se sentiam mais informados; que emoções lhes provocaram as leituras e qual dos estilos lhes permitia reter melhor a informação lida.

Antes da análise em *focus group*, os estudantes leram uma passagem selecionada do texto *Hiroshima*, de John Hersey, considerado um autor clássico e consagrado de jornalismo literário (Boynton, 2005; Connery, 1992; Trindade, 2006).

A passagem da reportagem *Hiroshima*, com cerca de seis mil caracteres (duas páginas) foi retirada da tradução portuguesa (Edições Antígona, 1997) e por nós posteriormente transformada em texto noticioso, ou seja, limpa de sensações do autor, mantendo-se apenas as descrições factuais, o que resultou num artigo com cerca de três mil caracteres (uma página).

Ambos os textos tinham exatamente a mesma informação factual (por exemplo, o número de mortos ou o número de habitantes e localidades), variando apenas a forma como a informação era dada, bem como a estrutura e qualidade narrativas.

No caso do texto noticioso, obedecendo à regra da pirâmide invertida, começa pela informação mais relevante e factual (“a cidade de Hiroshima, com 245 mil habitantes, foi alvo de um ataque nuclear”), enquanto o texto original, de jornalismo literário, arranca com uma passagem narrativa, descritiva (“um imenso clarão cortou o céu”).

De um total de 40 perguntas, 20 eram sobre hábitos de consumo de informação, seis especificamente sobre jornalismo literário e duas sobre leitura de ficção e não ficção. Neste artigo, focamo-nos nestas últimas.

O *focus group* foi proposto a oito alunos de Licenciatura que se mostraram interessados em participar depois de responderem ao questionário, onde constava uma pergunta sobre a sua disponibilidade, mas, por falta de comparência, foi realizado com cinco estudantes. Frequentam os cursos de Ciência Política (um), Administração Pública (um), Relações Internacionais (dois) e Serviço Social (um). Têm entre 19 e 45 anos. Três são do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Foi ainda solicitado a todos os estudantes que sublinhassem em ambos os textos as frases que os tinham marcado ou impressionado mais. Com isso, pretendia-se aferir o que os indivíduos da amostra mais valorizavam naquilo que tinham acabado de ler, bem como avaliar se havia coincidência de escolhas dentro do grupo.

TABELA 1 Codificação de participantes

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ANO	CURSO
A	F	22	3.º	Serviço Social
B	F	19	1.º	Ciência Política
C	M	45	NR	Administração Pública
D	M	42	2.º	Relações Internacionais
E	F	19	1.º	Relações Internacionais

3. Resultados

3.1 Questionário

3.1.1 Caracterização Sociodemográfica

Os respondentes ao questionário são alunos de primeiro, segundo e terceiro anos do ISCSP. A maioria (37%) estão no 1.º ano, seguidos dos estudantes do 2.º ano (31,75%), sendo os do 3.º ano (30,89%) os que menos responderam.

Maioritariamente (78,4%) são do sexo feminino, o que está em linha com o perfil dos alunos do instituto. Os jovens que participaram têm, em média, 23 anos e registaram uma média de curso entre os 12 e os 15 valores. Frequentam sobretudo os cursos de Serviço Social (18,87%), Relações Internacionais (18,22%), Administração Pública (17,57%) e Gestão de Recursos Humanos (14,53%).

3.1.2 Análise de dados: Questionário

A internet, o telemóvel e o computador são os grandes vencedores no que toca à importância dada pelos jovens aos meios de informação. Mais de 20% afirmam usar as redes sociais para a busca de informação e notícias. Apesar disso, cerca de 40% consideram os jornais “moderadamente” e “muito importantes”. Dado que contrasta com a disponibilidade (reduzida) para a compra de informação.

A internet é o meio preferido por 77% dos jovens, seguida a longa distância (16%) pela televisão e, apenas em terceiro e longínquo lugar, pelos jornais (3%). Interessante notar a importância que a televisão parece continuar a ter (16%), embora a grande distância da internet.

Há uma ligeira preferência (53%) pelos jornais online em relação ao papel (46,8%). No entanto, tendo em conta a idade jovem dos respondentes poderia esperar-se uma diferença maior entre os dois suportes de informação.

Uma significativa percentagem de mais de 53% dos estudantes afirma que nunca lê diários em papel, seguidos de 29% que afirmam lê-los uma vez por semana.

No caso da internet, a leitura está mais distribuída pelas várias possibilidades propostas do que em relação à leitura em papel, mas com elevada percentagem a afirmar que nunca (28,5%) lê jornais.

A resposta a esta questão vem na linha da anterior, com uma clara maioria (66%) a considerar que os jornais online substituirão o papel.

A maioria (66,4%) declara-se indisponível para pagar por informação online. Apesar disso, não são de menosprezar os mais de 30% que se dizem disponíveis para vir a pagar por conteúdos noticiosos online.

A maioria (31,9%) afirma que a Informação é o seu tipo de conteúdo favorito, seguido a alguma distância, com 24%, dos filmes e séries.

Apesar da afirmada preferência pelos jornais online, estes dados indicam uma impressionante percentagem de mais de 90 % dos jovens para quem a leitura em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente. Mais importante do que isso: é qualitativamente diferente, como demonstram as repostas à questão seguinte.

Dos jovens inquiridos, 75 % estão convictos de que a leitura em papel lhes permite assimilar melhor a informação. O facto de se tratar de estudantes universitários, habituados a ler extensamente para se prepararem para as provas académicas, indicia a importância relativa desta resposta. Apesar das dúvidas que subsistem relativamente aos efeitos dos dispositivos escolhidos para ler, os jovens parecem acreditar que quando o objetivo é assimilar informação, o meio (papel) pode fazer a diferença.

Na mesma lógica, para uma leitura imersiva (memorização, estudo ou compreensão de um tema) 83,7 % dos jovens universitários escolhem o papel. Apenas 13 % da amostra considera indiferente e só 3,2 % optariam pelo dispositivo eletrónico.

A maioria dos estudantes (cerca de 400 numa amostra de 476) afirma ocupar entre 15 minutos a 1 hora por dia com a leitura de não ficção, para além do tempo gasto com textos académicos.

A leitura de ficção fica para uns escassos 15 minutos diários para mais de metade (51 %) dos jovens. Até 30 minutos para 21,7 % e até uma hora para 16,4 por cento.

A maioria dos estudantes diz desconhecer o termo “jornalismo literário”, embora mais de 70 % acertem na definição proposta como correta (“Jornalismo que reporta factos num estilo literário”). A maioria (64 %) afirma não saber se leu alguma vez jornalismo literário, assumindo a dificuldade de identificação do género.

De referir que 167 alunos optaram por não responder a esta questão, o que pode estar associado ao desconhecimento teórico que sentem em relação ao tema.

3.2 Análise de Dados: *Focus Group*

A discussão com o *focus group* partiu com as seguintes questões: Conhecem o texto e/ou o autor? Quais são as principais diferenças entre os dois textos? A que atribuem essas diferenças (à forma como está escrito, ao conteúdo, aos detalhes)? Com qual dos textos se sentiram mais bem informados? De que texto gostaram mais? Qual dos textos causou emoção? Que tipo de emoção? Qual dos textos ficou mais na memória? Qual associam a “prazer de leitura”?

O texto UM (jornalismo literário) demorou a cada estudante entre três minutos e meio a quatro minutos e meio a ler, enquanto para o texto DOIS (jornalismo noticioso) os alunos precisaram apenas de um minuto e meio a dois minutos. A

diferença era expectável, na medida em que o tamanho dos excertos era diferente. O primeiro tinha seis mil caracteres e o segundo três mil.

Nenhum dos cinco estudantes conseguiu identificar o texto ou o seu autor, embora tenham percebido de imediato tratar-se de um artigo sobre a bomba nuclear em Hiroshima.

Todos os estudantes souberam diferenciar o estilo dos dois artigos. Alguns disseram que poderia tratar-se de uma peça de jornalismo literário ou de um texto retirado de um romance histórico.

No texto DOIS identificaram diferenças como parágrafos pequenos e descrições “objetivas, concisas e claras” (participante A, B, D). Todos consideraram o texto UM mais “envolvente” e alguns usaram até a palavra “traumático” (participante C) para o descrever.

De acordo com os participantes, a percepção dos factos só acontece mais à frente na leitura do texto UM, ao contrário do texto DOIS, que identifica logo o assunto, característica condizente com o objetivo da estrutura em pirâmide invertida dos artigos noticiosos.

Alguns alunos, embora nem todos, identificaram o texto UM como tendo também muitos dados concretos, estando apenas estruturados de forma diferente. Para descrever este texto foram usadas expressões como “assertivo” (participante C) e “informativo” (participante E).

A maioria dos alunos concordou que os dois artigos tinham “objetivos” diferentes. Para alguns, o texto DOIS (noticioso) era mais informativo. Este pormenor é interessante, na medida em que ambos os artigos tinham exatamente a mesma informação (número de mortos, número de feridos e locais, por exemplo).

Esta constatação leva-nos a ponderar a hipótese de a estrutura dos textos ter um impacto mais importante do que geralmente se pressupõe, nomeadamente podendo alterar a percepção e memória sobre o conteúdo lido. Um dos participantes (C) notou: “Com o texto UM ficamos mais envolvidos, mas não reparamos tanto na informação”, sendo secundado pelos restantes nesta afirmação.

O impacto emocional do texto UM (jornalismo literário) foi genericamente aceite, mas a preferência em relação ao mesmo texto não foi unânime. Uma das alunas (participante A) referiu a importância do objetivo da leitura para definir de que narrativa gostou mais.

Este ponto leva-nos à questão da expectativa, que teve peso para este grupo de leitores. Se encontrassem o texto UM numa revista ficariam satisfeitos, se fosse num jornal estariam à espera de uma leitura rápida e não lhe dariam a mesma importância. Tal diferença pode ser útil para averiguar a relevância do meio na receção de informação.

No que toca ao prazer e emoções causadas pela leitura, o grupo concordou em considerar que só o texto UM (jornalismo literário) “faz sentir como se estivéssemos lá” (participantes B e C), um dos objetivos assumidos do jornalismo literário e do género reportagem.

Um dos participantes (C) descreveu assim o texto UM: “Narrativa mais elaborada, sensorial, quase consigo sentir o cheiro da carne das pessoas queimadas. Senti mesmo sem estar lá”. Para um autor que pretenda escrever jornalismo literário, esta observação seria a prova de que o objetivo do seu trabalho fora atingido.

Outra observação relacionou o texto UM como convidando a agir perante o que se lê (participantes A, C e D). Tendo em conta que o jornalismo literário se pauta pela intervenção social e consciencialização dos leitores para o mundo que os rodeia, esta observação é digna de nota.

Relativamente ao prazer da leitura, parece ter havido alguma distinção. Os dois alunos mais velhos optariam claramente pelo texto UM, enquanto os restantes relataram cansaço por textos densos devido ao estudo, tendendo para o texto DOIS, que os informa mais rapidamente e com menos esforço imersivo. Mesmo assim, só uma aluna (participante A) admitiu que o texto noticioso lhe daria mais prazer a ler do que o jornalismo literário, tendo também sido a única a referir que não gosta de ler ficção.

A maioria elegeu o artigo de jornalismo literário para ler, mas uma participante (E) fez depender a escolha do contexto: se fosse para uma pesquisa optaria pelo texto noticioso; se estivesse de férias, pelo texto de jornalismo literário. A distinção é interessante na medida em que o artigo é sobre a bomba nuclear e as suas consequências em Hiroshima. Apesar da densidade do tema, a aluna escolheu-lo como leitura de férias, algo que poderá estar relacionado com o prazer da leitura do jornalismo literário — apesar da dureza dos temas tratados —, mas também com a maior disponibilidade para a leitura fora do período letivo.

A seleção das frases impactantes a sublinhar foi a única tarefa que resultou em escolhas completamente díspares para cada um dos cinco participantes. Uns fizeram notar a força da repetição da última frase, outros o número de mortos, outros a nuvem de poeira, o médico puxado pela manga, a angústia dos profissionais, impotentes perante a desgraça, ou o silêncio, apesar da explosão de uma bomba.

Esta total discrepância, possivelmente em parte atribuível à riqueza descritiva e emocional do texto, pode também ser reveladora da relação pessoal que cada leitor estabelece com aquilo que lê.

4. Discussão dos Resultados

A clara preferência pelo consumo de informação através da internet (77%) e das redes sociais (mais de 20%), em detrimento dos jornais, está em conformidade

com outros estudos, nomeadamente os relatórios Obercom. Em 2023, 73,6% dos portugueses diziam utilizar Internet, enquanto em 2016 essa percentagem era de 67,4%, e em 2002 de 19,4% (Cardoso et al., 2023). A consulta de notícias online acontece de forma frequente ao longo do dia, sendo as redes sociais utilizadas como principal fonte por 18,8% dos portugueses, em contraste com a imprensa (em papel) como principal fonte de notícias para apenas 4,2% da população (Cardoso et al., 2023).

Este ponto é digno de nota se cruzado com os respondentes do nosso questionário que nunca leem jornais em papel (54%). De facto, as redes sociais têm vindo a tornar-se uma das principais fontes de informação, especialmente para os jovens.

Apesar disso, entre os nosso inquiridos, mais de 40% consideram os jornais “moderadamente” e “muito importantes”, dado que contrasta com a disponibilidade (reduzida) para a compra de jornais, até porque 65% consideram que os jornais online substituirão o papel e mais de 66% declara-se indisponível para pagar por informação online. Estas respostas são consentâneas com os levantamentos Obercom, segundo os quais Portugal é um dos países onde menos se paga por notícias, com apenas 10,9% dos leitores a admitir ter pago por notícias em formato digital (Cardoso et al., 2023).

Apesar da afirmada preferência pelos conteúdos online e na palma da mão, mais de 90% dos respondentes do nosso questionário consideram que a leitura em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente e mais de 74% entendem que a leitura em papel lhes permite assimilar melhor a informação. Para uma leitura imersiva, 84% optariam pelo papel, dado com especial relevância numa população com média de idades de 22 anos.

Embora possam parecer incoerentes, as respostas dos inquiridos vão ao encontro de vários estudos (Mangen e Kuiken, 2014), que constataram a relação mais sensorial da leitura em papel e a redução de imersividade com dispositivos eletrónicos.

Surge, aliás, alguma evidência de que até os recetores mais especializados, como estudantes ou investigadores, são leitores diferentes quando perante um texto apresentado em papel ou em formato digital. Preocupante é o facto de a consequência poder ser a de pior compreensão do texto (Mangen et al., 2013) quando lido em formato digital. Para efeitos de aprendizagem, estudantes questionados tanto nos EUA como no México afirmam que preferem ler em papel e que a leitura digital está limitada a uma hora de concentração (Cull, 2011).

Apesar de algumas contradições, com diversos estudos a apontarem para a vantagem do texto impresso, enquanto outros favorecem o digital, meta-análises como as de Delgado et al. (2018) permitem conclusões sustentadas: quem lê em computador teve piores resultados nos testes escolares do que os leitores de pa-

pel; há uma inferioridade dos ecrãs, com mais baixos níveis de compreensão para textos digitais; há uma correlação negativa entre a frequência de leitura digital e a compreensão do texto; *scrolling* pode adicionar uma sobrecarga cognitiva à função da leitura, dificultando a orientação espacial no texto não impresso.

A evidência científica sugere, para já, a vantagem da leitura em papel. Tem-se verificado que as preferências por papel sobre a leitura digital persistem apesar dos avanços tecnológicos e a mera experiência com tecnologia não melhora as capacidades de compreensão dos estudantes, tendo até um efeito prejudicial, pelo que se sugere cautela, por exemplo, quanto à introdução do digital nas salas de aula (Delgado et al., 2018 e Silva, 2019).

Veja-se a propósito o caso da Suécia, que em 2023 fez manchete em jornais de vários países do mundo devido à inversão de políticas públicas relativamente à leitura e aprendizagem em dispositivos eletrónicos. Apesar de ser um dos Estados que mais investiu na aprendizagem digital, com os ecrãs a substituírem os livros em papel nos últimos 15 anos, os organismos públicos responsáveis pelas políticas de educação anunciaram um apoio extraordinário para o regresso aos manuais tradicionais: 60 milhões de euros em 2023 e 45 milhões por ano em 2024 e 2025 para acelerar o regresso às escolas dos livros em papel. A medida da Agência Nacional de Educação foi tomada com base no aconselhamento de profissionais de saúde, preocupados com a substituição demasiado rápida do papel por ecrãs. O objetivo passou a ser garantir um livro por disciplina a cada aluno (Hivert, 2023).

Entre os estudiosos subsistem ainda dúvidas relativamente aos efeitos dos dispositivos escolhidos para ler, mas os jovens da nossa amostra parecem ter tomado a sua decisão: se o objetivo é assimilar informação, o meio (papel) pode fazer a diferença.

Quanto aos conhecimentos sobre Jornalismo Literário, tanto os respondentes ao questionário como os participantes no *focus group* indicaram desconhecer o termo. No entanto, 70% souberam descrevê-lo como “Jornalismo que reporta factos num estilo literário”.

Se atentarmos na dificuldade de definição entre os próprios peritos (Trindade, 2016; Hartsock, 2000), bem como na escassez de produção científica sobre jornalismo literário em alguns países (Abrahamson, 2005), não será de estranhar a falta de confiança dos jovens portugueses relativamente ao tema.

De referir que, durante o *focus group*, confrontados com os dois formatos (jornalismo literário e noticioso), os participantes foram claros nas distinções detetadas, na linha dos especialistas no que toca à leitura de jornalismo literário como um romance (Gutkind, 2007), bem como à envolvimento, sensação de estar lá e impacto emocional criado pelas imagens que o texto permite (Giles e Hitch, 2017; Sigman, 2018).

Como notado por alguns participantes no *focus group*, que referiram a capacidade de impelir à ação do texto de jornalismo literário, também Trindade (2012) e Sims (1995) encaram o gênero como antídoto contra a informação falsa e como instrumento de poder, na medida em que convida a um processo de conscientização do que nos rodeia.

A disparidade na escolha de passagens mais marcantes do texto de jornalismo literário proposto pode indicar que as vivências, as memórias, e o próprio conhecimento tendem a tornar a recepção de um artigo diferente para cada leitor. Este é, aliás, um dado a merecer novos estudos, como contributo para a compreensão da recepção individual dos textos de comunicação (Nery, 2021).

Conclusões

Analisamos o consumo de textos de informação, tentando perceber melhor os mecanismos que levam os leitores a interessarem-se por um determinado artigo.

A análise o baseou-se num questionário aplicado a alunos universitários, cerca de 500, a quem foi pedido que respondessem a várias perguntas sobre os seus hábitos de leitura de jornais, a preferência por suportes informativos em papel ou digitais, mas também o conhecimento e interesse por textos de jornalismo literário, bem como o tempo ocupado com a leitura de ficção e de não ficção.

Para melhor aferir a relevância e o valor atribuídos a diferentes tipos de comunicação, aliaram-se as respostas do questionário à discussão em *focus group*, pedindo-se a cinco estudantes universitários que lessem a mesma informação tratada de forma noticiosa e em estilo de jornalismo literário, para depois discutirem: que diferenças tinham encontrado; com que texto se sentiam melhor informados; que emoções lhes provocaram as leituras e qual dos estilos lhes permitia reter melhor a informação lida.

Com o estudo desta interseção entre jornalismo, leitura e cognição pretendeu-se contribuir para a compreensão dos mecanismos de escolha e apetência por textos de informação, aferindo da diferença da recepção entre conteúdos de jornalismo literário por comparação com conteúdos noticiosos.

As respostas ao questionário e a discussão em *focus group* permitiram observar que:

- (1) Embora saibam defini-lo corretamente, o termo Jornalismo Literário é desconhecido da maioria dos estudantes;
- (2) O impacto emocional do texto de Jornalismo Literário foi admitido pela maioria no *Focus Group*;
- (3) A amostra afirmou uma clara preferência pelo consumo de informação através da internet (77%) e das redes sociais (mais de 20%);

- (4) Apesar disso, mais de 90% dos respondentes do nosso questionário consideram que a leitura em papel ou dispositivos eletrônicos é diferente;
- (5) Cerca de 74% entendem que a leitura em papel lhes permite assimilar melhor a informação;
- (6) Para uma leitura imersiva, 84% preferem o papel;
- (7) Embora tendo sido claros na sua preferência por consumo de notícias online, os estudantes foram ainda mais enfáticos na sua escolha por leitura em papel quando o pretendido é a imersão e compreensão de um texto.

Tendo em conta a tendência para a tomada de políticas públicas de educação que favorecem a utilização de dispositivos eletrônicos para consulta e utilização de, por exemplo, manuais escolares, a aparente contradição detetada pela nossa pesquisa parece-nos merecedora de futuros estudos, nomeadamente com novos questionários mais dedicados à relação entre jornalismo, leitura, educação e literacia para os média.

Por outro lado, dada a relevância do jornalismo literário relativamente a questões de igualdade social, afigura-se pertinente procurar aferir até que ponto uma maior consciência do que significa jornalismo literário poderia relacionar-se com níveis de leitura e de melhor capacidade para compreender temas basilares das políticas públicas, como a educação, a saúde ou a discriminação.

Se os jovens valorizam tanto os dispositivos eletrônicos, ao mesmo tempo que admitem de forma esmagadora a melhor compreensão de conteúdos lidos em papel, poderemos estar perante um grave problema de transmissão de conhecimento para as próximas gerações. Até porque é a informação que leva ao conhecimento.

Referências

- Abrahamson, D. (2005). Teaching Literary Journalism: A Diverted Pyramid? *Journalism & Mass Communication Educator*, 60, 4, 429-434.
- Andi, S., Newman, N., Fletcher, Nielsen, R. K., Shulz A., (2020). Reuters institute digital news report 2020. *Report of the Reuters Institute for the Study of Journalism*.
- Boynton, R. S. (2005). *The New New Journalism - Conversations with America's Best Non-fiction Writers on their Craft*. Vintage Books
- Brennen, B. (2017). *Qualitative Research Methods for Media Studies* (2ª ed.). Routledge.
- Bromberg-Martin, E. S. e Hikosaka, O. (2009). Midbrain Dopamine Neurons Signal Preference for Advance Information about Upcoming Rewards. *Neuron*, 63, 1, 119-126. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2009.06.009>

- Cardoso, G., Paisana, M., Quintanilha, T. L., Pais, P. C. (março 2018). *Literacias na Sociedade dos Ecrãs*. Observatório da Comunicação. Disponível em <https://obercom.pt/literacias-na-sociedade-dos-ecra%CC%83s/>
- Cardoso G., Paisana, M. e Martinho, A. (2023). Digital News Report – Portugal 2023.
- Connery, T. B. (1992). *A Sourcebook of American Literary Journalism. Representative Writers in an Emerging Genre*. Greenwood Press.
- Coyne, M. S., Padilla-Walker, L. M., & Howard, E. (2013). Emerging in a digital world: a decade review of media use, effects and gratifications in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, 1 (2), 125-137. <https://doi.org/10.1177/2167696813479782>
- Cull, B. W. (2011). Reading revolutions: Online digital text and implications for reading in academe. *First Monday*, 16(6). <https://doi.org/10.5210/fm.v16i6.3340>
- Cunningham, A. E. e Stanovich, K. E. (2001). What Reading Does for the Mind. Berkeley: *Journal of Direct Instruction*, 1, 2, 137-149.
- Damáσιο, A. (2017). *A Estranha Ordem das Coisas - A vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Delgado, P., Vargas, C., Ackerman, R., & Salmerón, L. (2018). Don't throw away your printed books: A meta-analysis on the effects of reading media on reading comprehension. *Educational Research Review*, 25, 23-38. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.09.003>
- Fong, K. e Mar, R. (2011). Exposure to Narrative Fiction versus Expository Non-Fiction: Diverging Social Cognitive Outcomes. *De Stralende Lezer*, Delft: Eburon Academic, 55-68.
- Giles, F. e Hitch, G. (Fall 2017). Multimedia features as “narra-descriptive” texts: Exploring the relationship between literary journalism and multimedia, *Literary Journalism Studies*, 9, 74-91.
- Gutkind, L. (2007). *The Best Creative Non Fiction*. Vol. 1. Norton.
- Hartsock, J. C. (2000). A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form. University of Massachusetts Press.
- Hersey, J. (1997). *Hiroshima*. Lisboa: Edições Antígona.
- Hivert, A. F. (21 maio 2023). “Too fast, too soon? Sweden backs away from screens in schools”. *Le Monde*.
- Holmes, D. (2005). *Communication Theory - Media, Technology and Society*. Sage.
- Hunter, M. L. (2013). *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. UNESCO Publishing.
- Inácio, R. e Trindade, A. (2017). Jornalismo Literário, direitos humanos e integração: um caso Português. *Cuadernos.Info*, 40, 235-249.
- Jacobson, S., Marino J. e Gutsche Jr R., (2016). The digital animation of literary journalism, *Journalism*, 17, 4, 527-546.
- Keeble, R. L. (2018). Literary Journalism as a Discipline: Tom Wolfe and Beyond. *Brazilian Journalism Research*, 14(3), 862. doi.org/10.25200/BJR.v14n3.2018.1126
- Lemann, N. (2015). The Journalism in Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*, 7(2), 50-59.

- Mangen, A., Walgermo, B. R. e Kolbjorn, Bronnick (2013). *Reading Linear Texts on Paper versus Computer Screen: Effects on Reading Comprehension*. Elsevier.
- Mangen, A. (2016). The digitalization of literary reading - Contributions from empirical research, *Orbis Litterarum*, 71, 3, 240-262.
- Mangen, A. e Kuiken, D. (2014). Lost in an ipad - Narrative engagement on paper and tablet, *Scientific Study of Literature*, 4, 2, 150-177.
- Mar, R. (2004). The Neuropsychology of narrative: story comprehension, story production and their interrelation, *Neuropsychologia*, 42, 1414-1434.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media*. Routledge.
- Miall, D. S. e Kuiken, D. (2002). A Feeling for Fiction: Becoming what we behold, *Poetics*, 30, 4, 221-241.
- Nery, I. (2021). *Jornalismo Literário: Aspectos Cognitivos da Informação*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/23422?mode=full>
- Phillips, N. (2011). Distraction as Liveliness of Mind: A Cognitive Approach to Characterization in Jane Austen. *Theory of Mind and Literature*. Purdue University Press, 105-122.
- Sigman, M. (2018). *A Vida Secreta da Mente - O nosso cérebro quando decidimos, sentimos e pensamos*. Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Sims, N., Kramer, M., eds. (1995). *Literary Journalism. A New Collection of the Best American Nonfiction*. Ballantine Books.
- Soares, I. (2017). At the Intersection of Risk - When Literary Journalism and Sociology Study Urban Problems by means of Akin Methodologies. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 84, 63-80.
- Trindade, A. D. (2016). Angola- territory and identity. Chronicles by Luís Fernando. *Revista Famecos*. Porto Alegre, 23.
- Trindade, A. D. (Fall 2012). What will the Future Bring. *Literary Journalism Studies*, 4, 2, 101-105.
- Trindade, A. D. (2006). *News That Last – Quatro Momentos de Jornalismo Literário Americano no século XX*. Tese de Doutorado no ramo de Estudos Americanos. Universidade Aberta, Lisboa.

Apêndice

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO

1. A leitura de informação/textos jornalísticos em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente?

Sim

Não

2. Quando lês em papel assimilas melhor a informação?

Sim

Não

3. Qual dos suportes é o mais adequado para uma leitura imersiva (memorização, estudo ou compreensão de um tema)?

Papel

Dispositivo eletrónico

Indiferente

4. Em média, quanto tempo ocupas por dia com a leitura de não-ficção (sem contar com textos académicos)?

0 – 15 min

16 – 30 min

31 – 60 min

1h – 2h

2h – 5h

5. Em média, quanto tempo ocupas por dia com leitura de ficção?

0 – 15 min

16 – 30 min

31 – 60 min

1h – 2h

2h – 5h

6. Já ouviste falar em jornalismo literário ou novo jornalismo?

Sim

Não

7. Para ti o jornalismo literário ou novo jornalismo é:

(1) Jornalismo sobre literatura

(2) Jornalismo baseado em factos, mas que pode recorrer à ficção

(3) Jornalismo que reporta factos num estilo literário

8. Alguma vez leste um texto de jornalismo literário ou novo jornalismo?

Sim

Não

Não sei

9. Destes autores, quais identificas como autores de jornalismo literário ou novo jornalismo:

(1) John Hersey

(2) Truman Capote

(3) Tom Wolfe

(4) Pedro Rosa Mendes

(5) Joan Didion

(6) Octávio Ribeiro

PASSAGENS SUBLINHADAS PELOS ALUNOS COMO SENDO AS MAIS IMPACTANTES

Texto 1

“Dos 150 médicos existentes em Hiroshima, 65 estavam mortos e os restantes estavam, na maioria, feridos. Das 1780 enfermeiras, 1654 estavam igualmente mortas ou impossibilitadas de agir.”

“Perplexo com o número de vítimas, zozzo com tanta carne exposta, o Dr. Sasaki perdeu todo o senso profissional e parou de agir como cirurgião habilidoso e homem solidário; tornou-se um autômato, limpando, engessando e enfaixando mecanicamente; limpando, engessando e enfaixando mecanicamente.”

“A multidão que se aglomerava no interior do hospital chorava e gritava, enquanto os que apresentavam ferimentos menores puxavam o médico pela manga. Perplexo com o número de vítimas, zozzo com tanta carne exposta, o Dr. Sasaki perdeu todo o senso profissional e parou de agir como cirurgião habilidoso e homem solidário; tornou-se um autômato.”

“Esse pensamento inspirou-o a agir.”

“Numa cidade de 245 mil habitantes, cerca de 100 mil haviam morrido ou iriam morrer em breve; outros 100 mil estavam feridos.”

Texto 2

“Além da explosão, estes feridos corriam o risco de morrer afogados quando a maré subisse.”

“Há relatos de nuvens de poeira e de um pelotão de soldados que tinham estado a cavar a encosta para construir um dos milhares de abrigos em que os japoneses pretendiam resistir à invasão. Os soldados tiveram de deixar a escavação devido aos ferimentos graves.”

“Mas os profissionais rapidamente se depararam com queimaduras em número tão elevado que obrigou a deixarem para trás os feridos de menor gravidade.”

“Apesar da violência da explosão, praticamente ninguém em Hiroshima se lembra de ter ouvido qualquer barulho produzido pela bomba.”

“Com consultórios e hospitais destruídos, equipamento disperso e os próprios corpos incapacitados em diferentes graus, os feridos não puderam receber os cuidados necessários. Tal cenário ajuda a explicar por que morreram tantos cidadãos que podiam ter sido salvos.”

O jornalismo literário nas políticas públicas de educação: A representação da exclusão da criança nas crónicas de Irene Lisboa publicadas na *Seara Nova* (1929-1955)

Literary journalism in public education policies:
The representation of the exclusion of the child in the *crónicas* of
Irene Lisboa published in *Seara Nova* (1929-1955)

Jorge da Cunha*

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Portugal
Externato João Alberto Faria

RESUMO

Irene Lisboa (1892-1958) é uma pedagoga, professora e cronista, ou jornalista literária. A partir da sua voz crítica, apresenta um discurso de denúncia da realidade sociopolítica e educacional, resultado de uma posição imersiva nos locais de observação da sua época. Publica em revistas antirregime, como a *Seara Nova*, e, por isso, censuradas. Através das suas crónicas, dos seus textos pedagógicos e das suas palestras, Lisboa tenta encontrar meios de resistir e, ao mesmo tempo, de denunciar um país, um povo e, conseqüentemente, uma criança e uma educação idealizados pela Ditadura. Assim, neste estudo, pretende-se compreender a representação da exclusão da criança do sistema educativo, portanto, também da sociedade, durante a Ditadura portuguesa, numa perspetiva discursiva e narrativa, a partir do *corpus* cronístico de Irene Lisboa, publicado na *Seara Nova*, no período entre 1929 e 1955. As conclusões apontam no sentido de que a autora deixa representada uma criança vítima de exclusão sustentada pelas políticas públicas de educação.

Palavras-chave: Irene Lisboa, Ditadura, Educação, exclusão da criança, jornalismo literário, *Seara Nova*

* Contacto do autor: jorgepaulodacunha@hotmail.com

ABSTRACT

Irene Lisboa (1892-1958) is a pedagogue, teacher and *cronista*, or literary journalist. Through her critical voice, she presents a discourse of denunciation of the socio-political and educational reality, resulting from an immersive position in the places of observation of her time. She publishes in anti-regime magazines, such as *Seara Nova*, and, therefore, censored. Through her *crônicas*, her pedagogical texts and her lectures, Lisboa tries to find ways to resist and, at the same time, denounce a country, its people and, consequently, a child and an education idealized by the Dictatorship. Thus, in this study, we intend to understand the representation of the exclusion of the child from the educational system, therefore, also from society, during the Portuguese Dictatorship, in a discursive and narrative perspective, based on the chronological *corpus* of Irene Lisboa, published in *Seara Nova*, between 1929 and 1955. The conclusions point towards the fact that the author leaves represented a child victim of exclusion sustained by the public policies of education.

Keywords: Irene Lisboa, Dictatorship, Education, child exclusion, literary journalism, *Seara Nova*

Introdução

O jornalismo literário é um género jornalístico com estatuto de literatura que integra todos os tipos de textos não ficcionais que pretendem compreender a verdade dos factos de um determinado contexto com técnicas tradicionalmente utilizadas pela literatura (e.g., Galindo & Naranjo, 2016; Herrscher, 2021, Sims & Kramer, 1995; Trindade & Soares, 2018). É nesta circunstância que surge a crónica, mas também o documentário, a reportagem e outros.

Em período de Ditadura, portanto, também de censura, os periódicos não situacionistas, bem como os seus colaboradores, conseguem arranjar formas de fazer passar a mensagem da situação do país real (Tengarrinha & Alves, 2016), contrariando a propaganda ficcionada urdida pelo regime que pretende passar a ideia de que Portugal é um país moderno e tem um povo satisfeito (Barros, 2022). É o caso da revista *Seara Nova*, fundada em 1921, e de Irene Lisboa (1892-1958) que colabora neste periódico durante um longo período (1929-1955). Lisboa é a cronista, portanto jornalista literária, que, neste período, mais publica na *Seara Nova* durante mais tempo: 103 crónicas de um total de 231 textos, durante 26 anos. É também a pedagoga mais informada da história do ensino e da pedagogia portuguesas (Nóvoa, 2021).

Enquanto professora, educadora e pedagoga formada em Portugal e no estrangeiro, Lisboa reúne, como indica Nóvoa (2021), uma formação e um trabalho docente qualificados e especializados, um pensamento pedagógico inovador e uma intensa ação pública sobre educação. Enquanto jornalista literária, a autora escreve crónicas e reportagens denunciando o viver do povo, portanto também a condição da criança.

A obra pedagógica e a formação especializada de Irene Lisboa legitimam as representações que a autora fixa nas crônicas com a sua posição sobre as políticas públicas de educação que levam à progressiva exclusão da escola aqueles que, no dizer de Salazar, têm de ser alfabetizados sem fantasias (Ferro, 2007). Não sendo a *Seara Nova* uma revista validada no campo científico da educação, não deixa de ser um meio de comunicação público e um veículo educativo de transmissão de ideias, também com a finalidade de educar os indivíduos em sociedade.

O que interessa analisar neste artigo é a representação da ação pública de Lisboa, enquanto jornalista literária, contra a exclusão escolar, logo, social, da criança. Para isso, definiu-se a seguinte pergunta de investigação: Como é representada a exclusão da criança em Portugal nas crônicas de Irene Lisboa publicadas na revista *Seara Nova* entre 1929 e 1955? Esta questão tem em vista caracterizar o discurso jornalístico-literário de Irene Lisboa em relação às políticas públicas de educação no período entre 1929 e 1955.

Analisar as representações sobre a educação portuguesa fixadas em textos jornalísticos, na primeira metade do século xx, por uma mulher jornalista e professora progressista com formação especializada em pedagogia, num contexto de Ditadura, assume grande importância para se perceber que existem problemas nas políticas públicas de educação e nas escolas que se estendem no tempo.

Lisboa, para além da oportunidade imersiva que a sua profissão de professora, de educadora e de inspetora-orientadora lhe proporciona, é uma observadora que transforma o quotidiano anónimo em eventos, captando, assim, a realidade sociopolítica da sua época. O que interessa à jornalista literária é dar relevo ao quotidiano difícil e humilhante de pessoas oprimidas pelo regime.

Estas cenas da vida, porque são humanas, estão cercadas pela carga subjetiva das emoções, e sujeitas a múltiplas interpretações num quadro de referências para quem as produz e para quem as observa (Hall, 1997). Esta experiência de variadas interpretações pretende explicar o que representa a realidade e codifica, organiza e regula a conduta humana, permitindo interpretar as ações dos outros e comunicar os significados, transformando, como refere Hall (1997), as experiências sociais em práticas de significação. A escrita desempenha, portanto, um papel importante ao atribuir sentido aos acontecimentos, narrando-os, integrando-os e criando sistemas de representação (Hall, 1997) que também esperam interpretações. Neste contexto, as crônicas de Irene Lisboa, enquanto peças jornalístico-literárias, são representações da subjetividade e da experiência sociopolítica da sua época e, sempre que são analisadas, como refere Andresen (2015) sobre a pintura de Vieira da Silva, “o mundo é ‘re-presentado’, tornado mais uma vez presente” (p. 813). É a partir do conceito de representação e do contexto histórico que abordaremos a po-

sição de Lisboa, fixada nas crónicas da *Seara Nova*, em relação às políticas públicas de educação, no período delimitado atrás, da Ditadura portuguesa.

1. Jornalismo literário na denúncia da exclusão da criança

Os meios de comunicação têm desempenhado um papel importante na cultura e na estruturação das mentalidades (Galindo, 1993). Este papel torna-se mais relevante num período histórico dominado pela Ditadura que pretende moldar as mentalidades, criando e transmitindo uma realidade ficcionada (Barros 2022) para convencer, interna e externamente, de que Portugal é um país moderno. E aqui os meios de comunicação social são imprescindíveis para preservar a memória. Como refere ainda Galindo (1999), esquecer o passado “é social e politicamente irresponsável, porque não há democracia a partir do esquecimento. (...) Os meios de comunicação social são, neste sentido, notários da história, testemunhas diretas da vida quotidiana” (p. 69).

Sendo a imprensa um dos meios onde se produz e a partir do qual se fazem circular ideias, há que lhe associar o papel pedagógico que tem na sociedade e nas instituições, nomeadamente na escola. É neste contexto que se torna possível estabelecer ligações entre a Educação (pedagogia), a História (memória) e o Jornalismo Literário (comunicação), nomeadamente a crónica como veículo jornalístico comprometido apenas com a verdade das histórias humanas observadas em profundidade e relatadas com emoção, de maneira a seduzir o leitor para que este se vincule à mensagem do autor. Como alude Lisboa (1998), “os invólucros nada significam, as vidas, as vidas é que sim” (p. 87). Esta empatia, como nos indicam Trindade e Soares (2018), é “um dos traços distintivos do jornalismo literário ao tornar-se, ela própria, o elo subjetivo-emocional entre assunto-notícia, jornalismo e leitor” (p. 203), portanto também da crónica.

O jornalismo literário é jornalismo porque não é ficcional e é literatura porque se serve de técnicas literárias. Adota um ponto de vista subjetivo, desde que não transponha a barreira da não-ficção (e.g., Trindade & Soares, 2018) ou, como aponta Herrscher (2016), é um tipo de jornalismo que faz comungar a ficção com a verdade. Como recorda Kramer (Sims & Kramer, 1995), o jornalismo literário integra factos e acontecimentos pessoais com a presença do autor, atribuindo ao jornalismo uma dimensão emocional, de proximidade e de liberdade que caracterizam, como lembra Soares (2021), a reportagem e a crónica desde meados do século XIX.

Quando falamos de jornalismo literário, estamos, portanto, a referir pessoas, a mencionar realidades inquietantes que não são conhecidas ou que não interessam ser conhecidas; realidades penosas e quotidianas de pessoas excluídas pelas famílias, pelas instituições ou pelo Estado, cujas histórias são apresentadas sem pressa (Trindade & Soares, 2018). A importância dos assuntos que interessam ao

jornalismo literário não está, assim, na notícia, mas nos temas intemporais vistos em profundidade e estruturados como se fossem literatura. É aqui que se encontra a definição de jornalismo literário, embora não consensual, mas aceite pelos investigadores das várias latitudes que integram a International Association for Literary Journalism Studies (IALJS): jornalismo com estatuto de literatura (*journalism as literature*). Esta natureza de dupla função do jornalismo literário, que a crónica de Irene Lisboa também tem, ao mesmo tempo jornalística e literária, fundada no século XIX, é abordada por Hartsock (2000) como um fenómeno de importância literária e histórica.

A crónica, como elemento integrante do jornalismo literário (Trindade e Soares, 2018), emerge das línguas portuguesa e espanhola (e.g., Galindo & Naranjo, 2016; Trindade & Soares, 2018), embora possa ter herdado características dos quadros de costumes franceses e ingleses e da *chronique* francesa de meados do século XIX (Rotker, 1992). Contudo, a sua origem situa-se nos textos historiográficos, híbridos e intimistas dos Humanistas portugueses Fernão Lopes, Pero Vaz de Caminha e Fernão Mendes Pinto (e.g., Domingues, 2019; Morão, 1998; Polónia & Capelão, 2019). As crónicas destes autores vão além dos elementos historiográficos. Os cronistas observam, interiorizam e relatam o quotidiano do outro e, depois, transformam-no em narrativa. Na intensa experiência destes observadores-narradores (Carmo, 2020), há a presença de emoção. Logo, a verdade, nesta época, já é entendida como diversa e subjetiva (Domingues, 2019; Guerreiro, 1992). Assim como diversa e subjetiva é a verdade da crónica do século XIX e da crónica de Raul Brandão, de Irene Lisboa ou de Cecília Meireles, do século XX, bem como da crónica do século XXI. São textos, porque jornalístico-literários, narrados na primeira pessoa com emoção, a partir de acontecimentos reais, atuais, intemporais e fraturantes, que resultam da imersão investigativa do jornalista no local (Galindo & Naranjo, 2016). É este também o contexto da crónica de Irene Lisboa: produções híbridas e variadas (Herrscher, 2021) que utilizam o jornalismo e a literatura para informar e emocionar o leitor e denunciar as injustiças, numa determinada conjuntura sociopolítica. Como refere Lisboa (1998), “infalivelmente lhe tenho de conceber envolvimento, atmosfera” (p. 77).

A ligação entre o mediatismo jornalístico e o intimismo literário acentua-se em Portugal ao longo do século XX, sobretudo para fazer frente à censura (Tengarrinha & Alves, 2016). Esta associação entre o mediático e o íntimo (Carmo, 2022) é já evidenciada por Eça de Queirós (1981) num texto publicado em *O Diário de Évora*, em 1867, cuja intenção, como indica Isabel Soares (Santos, 2007), seria fundar em Portugal um tipo de texto híbrido que estabelecesse uma ligação afetiva com o leitor e, ao mesmo tempo, livre das amarras do jornalismo clássico. Diz ainda a investigadora que Queirós pretendia que houvesse um espaço “dentro do

jornal onde pudesse, com à-vontade, percorrer discursos e temáticas de âmbito jornalístico e literário. Paralelamente, o cronista teria como objetivo o diálogo com o leitor, tentando desenterrá-lo do seu estado apático e ganhar a sua complacência” (p. 185). Dez anos mais tarde, em 1877, no Brasil, Machado de Assis (1994), seguindo a tradição cronística de Alencar na abordagem a temas aparentemente menores (Trindade & Soares, 2018), escreve igualmente um texto irónico e divertido com o mesmo propósito de Eça de Queirós.

No século xx, à semelhança de Cecília Meireles, no Brasil (Strang, 2009), e de Maria Zambrano, em Espanha (Hurtado, 2015), também Irene Lisboa, em Portugal, deixa representado na imprensa um retrato convicto, sem lamentações nem queixumes (Morão, 1995), da sociedade portuguesa, também das políticas públicas de educação e das suas consequências. São textos muitas vezes irónicos e metafóricos com cenas quotidianas protagonizadas por personagens vivas, características comuns do jornalismo literário (Trindade e Soares, 2018). A ironia e a metáfora, tão comuns neste tipo de jornalismo, conferem ao discurso cronístico de Lisboa argumentos pertinentes. A ironia dá-lhe a oportunidade de manifestar retoricamente as emoções e os afetos (Morão, 1997), a metáfora permite-lhe sonhar com um mundo melhor e ambas possibilitam denunciar a realidade do povo.

A preocupação com a exclusão escolar da criança acompanha a atividade jornalística, através da crónica e da reportagem, até à atualidade. Pedro Coelho (2007) e a sua personagem Rosa, pastora da Serra da Estrela, a quem a vida miserável da família nega a frequência escolar, é um exemplo disso. Também Irene Lisboa (1997) e, por exemplo, o seu José, um rapaz também da Serra da Estrela, a quem a vida maltrata e obriga a trabalhar como adulto, impedindo-o de ir à escola, é outro exemplo. As reportagens de Coelho e as crónicas de Lisboa, separadas por várias décadas, abordam assuntos que se encontram à margem do interesse jornalístico, mas cujo método de recolha é o mesmo: a imersão no espaço sociogeográfico da observação para, deste modo, chegarem à verdade jornalística (Trindade & Soares, 2018). Mas como até as margens têm um centro, como aponta Lisboa (1997) em 1942, “procuremos a razão (...). E quem ousa dizer que é pouco, ou que é banal?” (p. 62). Representar dignamente o quotidiano de crianças maltratadas e excluídas em crónicas ou em reportagens imbuídas de um espírito social e empático (Trindade & Soares, 2018) nunca é pouco ou banal, é, antes, um ato de cidadania.

2. Irene Lisboa: “A senhora escreve com uma pena muito aguda e um dia pica-se”

A frase que serve de título a esta parte do artigo foi proferida em 1975 por Ilda Moreira numa conferência sobre o papel de Irene Lisboa na educação em Portugal e caracteriza a escrita e a vida da autora enquanto professora, pedagoga e jornalista.

É uma frase que, segundo Moreira (1992), foi dirigida à jovem Irene quando ainda era aluna da Escola Normal de Lisboa e já publicava textos a criticar as condições da Educação Portuguesa (Pinheiro, 1990), num jornal fundado por si, intitulado *Educação Feminina*. Por causar incómodo à equipa diretiva e aos docentes, a publicação só durou seis meses e teve apenas sete números (Pinheiro, 1990).

Lisboa define a escola, em 1926, como sendo uma instituição que “não oferece assistência médica, nem sequer acompanha o aluno além da porta. A Escola é rígida, indiferente. Não supre as faltas do lar, não dá saúde, não é generosa, enfim” (Lisboa, 2021, p. 65). A sua posição e o seu discurso, pouco críticos até 1936 em relação ao poder político, revelam-se irónicos e mordazes no período seguinte.

A Primeira República (1910-1926) manifesta-se instável na tutela da educação em Portugal. Apesar disso, há lugar a reformas no ensino (Fernandes, 1993): a reforma de António José de Almeida, de 1911, que permite, anos mais tarde, a formação do ensino infantil público, e a reforma de João Camoesas com a colaboração de António Sérgio, em 1923 (Cunha, 2021), são exemplo disso. Estas reformas permitem experimentar pedagogias inovadoras sustentadas pelas ciências afetas à chamada Educação Nova, da qual Lisboa é uma das especialistas, defensoras e praticantes em Portugal. Alguns dos pedagogos progressistas portugueses, anos mais tarde, como refere Fernandes (1993), foram “acoimados de revolucionários e perigosos” (p. 164).

Os cuidados com as crianças, como os entendemos hoje, são historicamente recentes. Ariès (1981) diz que só a partir do século xvii é que se processam alterações na conceção de infância, que resultariam em cuidados especiais com as crianças três séculos depois. É, pois, no século xx que os estudos sobre a criança se intensificam e emergem novas formas de educar na escola. A Educação Nova, bem delineada nos finais do século xix, é exemplo disso. Inevitavelmente, a “escola nova” passa a criticar a “escola velha”. Os reformistas não aceitam a forma como a escola tradicional trata a educação das crianças, não considerando a criança como criança, mas como uma abstração (Freire, 1978), onde os adultos colocam a vida dos adultos (Lisboa, 1933). É, pois, o confronto entre ideias tradicionais e ideias progressistas que leva Lisboa (1999) a referir que, “para os pequenos, a escola, a educação não é só função de adquirir, é também ou, em primeira instância, função de revelar, de manifestar” (p. 195).

Mas Lisboa vai mais longe na análise da escola tradicional. Observa a pedagogia que todo o ensino desde o primário ao superior afasta a escola da vida (Lisboa, 1942). A autora rejeita aceitar uma escola integrativa, subsidiária, remediativa e caritativa que promova práticas de exclusão social, porque, como refere Morgado (2003; 2009), a exclusão escolar é a primeira etapa da exclusão social.

Lisboa não dispensa, contudo, de criticar a pedagogia da Educação Nova, como posteriormente fizeram outros autores. Arendt (1972), no fim dos anos cinquenta do século xx, sublinha que as pedagogias modernas são uma confusão entre teorias ponderadas e despropositadas que revolucionaram o sistema de ensino. Nóvoa (2009) concorda com Arendt no que diz respeito à confusão da desmesurada ambição da Educação Nova, mas refere também a sua nobre missão de formar todos os alunos em todas as dimensões da vida (educação integral). O investigador conclui que o movimento da Educação Nova “assumiu este programa impossível e acreditou que o podia cumprir” (p. 5).

A posição de Lisboa está mais direcionada para as realidades concretas. A pedagoga sabe que as pedagogias e as didáticas da Educação Nova têm de ser adaptadas à realidade de cada comunidade, que a escola não pode manter-se afastada da casa e da realidade social, que o aluno tem de ser parte ativa do ensino e da aprendizagem, que os professores têm o duplo papel de promover a aprendizagem e de serem investigadores na sua sala de aula e que, tão importante como tudo isto, a escola deve promover e praticar afetos. Como refere Lisboa em 1926, “a minha escola’, frase habitual na boca das crianças, devia significar ‘Escola do meu coração” (Lisboa, 2021, p. 70). Apesar de ter tecido críticas a alguns aspetos fundamentais da Educação Nova, nomeadamente às didáticas, Lisboa (1942) refere que “é sempre o aspeto da pedagogia da criança que está em jogo. As técnicas novas da psicologia seguem de perto o desenvolvimento da psicologia infantil e esforçam-se por se lhe adaptar” (pp. 113-114). E este aspeto, que nos remete para o conceito de inclusão, ainda hoje tão debatido, torna a obra de Lisboa atual (Pinheiro, 1992). A pedagoga quando, em 1929, vai estudar no estrangeiro e é aluna de Claparède e de Piaget (Magalhães, 2017), já tinha corrigido, enquanto professora, os aspetos da Educação Nova que considerava menos positivos (Pinheiro, 1992). Apesar da crítica construtiva e sustentada à escola portuguesa da Primeira República e do início da Ditadura, há na posição de Lisboa esperança na mudança, através da liberdade dos professores em aplicar as metodologias pedagógicas e didáticas da Educação Nova, esperança que desaparece no período seguinte.

O Decreto-Lei n.º 27279/1936, de 24 de novembro, anuncia mudanças nas políticas públicas de educação, mas também na tática retórica de Lisboa (Florêncio, 1994). Sendo a pedagoga mais bem preparada do seu tempo (Rosa y Alberty, 1959; Fernandes, 1992; Nóvoa, 2021), não se conforma com as políticas educacionais do Estado Novo, nem se associa à visão reducionista de Salazar. O ditador defende uma educação despreziosa e doméstica, reduzida a postos de ensino ministrados por curiosos cuja função é ensinar somente a ler, a escrever e a contar como essenciais redutos da educação do povo (Ferro, 2007). É, precisamente, com o nome de “Ler, escrever e contar” que Lisboa escreve, no mês seguinte à publicação do re-

ferido diploma, um artigo na *Seara Nova* (1936, n.º 492), apresentando uma crítica ao regime e ironizando sobre a sua própria posição de pedagoga experiente, informada e reformadora. Nesta publicação, mostra-se desiludida, pois compreende que nada mudaria na educação em Portugal e que as pequenas mudanças conquistadas retrocederiam.

Na verdade, em 1938, após dezoito anos, as secções infantis são extintas (Moreira, 1992; Pinheiro, 1992) e, dois anos depois, a “pena aguda” picou-a com a sua expulsão do sistema de ensino português. Começa, então, a delinear-se, uma outra “nova educação” que, no dizer de Salazar, pretende “modificar a mentalidade dos portugueses” (Ferro, 2007, p. 90). É pois a ideologia nacional do regime a atuar. Numa das entrevistas que Ferro (2007) faz ao ditador, nos anos trinta do século XX, Salazar refere que aprendeu a ler “com um homenzinho que dava lições particulares” (Ferro, 2007, p. 72).

Ora, esta visão de Salazar sobre a Educação Nacional é adotada pelo Ministério da Instrução. É a desvalorização do conhecimento científico-pedagógico, didático e psicológico que a Educação Nova tinha despertado na escola, na formação dos professores e na especialização dos inspetores-orientadores, bem como em todos os domínios do desenvolvimento da criança (Fernandes, 1992), levando os progressistas ao desânimo. Como revela Lisboa num artigo crítico publicado na *Seara Nova* (1945, n.º 955), os políticos “têm-nos quebrado as forças... e temos sofrido de insuficiência e de medo. De desânimo, de impotência (...). A escola portuguesa tem todas as insuficiências de ensino, de assistência, de objetivos sociais e práticos” (p. 216).

Está pois concluído o caminho iniciado anteriormente de democratização do ensino, da escola única, do ensino individualizado e adaptado aos diferentes ritmos de aprendizagem proposto pela Educação Nova e praticado pela pedagoga. Como sistematiza Lisboa (1942), todas as crianças “devem ter de fazer, mas a cada uma competirá o seu trabalho. Este deve ser sempre compensador, embora uma criança avance mais que outra” (p. 96). Chega, pois, ao fim a preocupação com as dimensões curricular, social e pessoal da educação, porque as preocupações pedagógicas e didáticas dos pedagogos da Educação Nova portuguesa não são as mesmas preocupações do regime. Repare-se como Salazar vê a questão:

Não será com golpes orçamentais que o problema se há de resolver. (...) É quimérico (...) promover todas as freguesias com professores diplomados. Mas porque não deixar essas nos grandes centros, nas cidades, e criar em todas as aldeias, nas povoações escondidas e inacessíveis, postos de ensino, que seriam mantidos à custa duma pequena gratificação. (Ferro, 2007, p. 71)

É contra esta exclusão da criança, isto é, contra a noção de que a escola é só para alguns, escola de elites, transmitida primeiro pela tradição e depois planeada pelo regime de Salazar, que Lisboa edifica a sua obra pedagógica e algumas das suas crónicas.

3. A representação sociopolítica de Irene Lisboa

O presente artigo apresenta-se com um *design* de estudo de caso longitudinal (e.g., Yin, 2001) com uma abordagem qualitativa/indutiva. As opções metodológicas selecionadas têm uma intenção exploratória e não conclusiva, tendo como foco compreender e interpretar a exclusão da criança nas políticas públicas de educação num determinado período histórico, através da representação sociopolítica das crónicas de Irene Lisboa. Considera-se que este é um dos caminhos possíveis para responder à questão definida: Como é representada a exclusão da criança em Portugal nas crónicas de Irene Lisboa publicadas na revista *Seara Nova* entre 1929 e 1955? Esta questão tem em vista caracterizar o discurso jornalístico-literário de Irene Lisboa em relação às políticas públicas de educação no período entre 1929 e 1955 da Ditadura portuguesa.

Para analisar o *corpus* que representa o objeto de estudo e apoiar a abordagem selecionada, utiliza-se as técnicas de análise discursiva e narrativa. A análise de discurso contribui para (1) compreender as condições políticas e sociais em que a autora escreveu as suas crónicas e como elas se relacionam com o pensamento crítico; e (2) identificar a ideologia presente nos textos analisados e como Lisboa desafia o poder instituído através do tom crítico das estratégias discursivas: escolhas linguísticas e retóricas, uso de metáforas, de ironia, entre outros, para influenciar a perceção do leitor sobre o assunto tratado (e.g., Van Dijk, 2014). A análise narrativa, por sua vez, permite (1) identificar as personagens e compreender as suas histórias no contexto social (e.g., Gunter, 2000) e (2) perceber os significados implícitos nas narrativas que dão sentido às políticas públicas de educação representadas pela autora no contexto social, histórico e cultural em que as histórias são contadas e como esses contextos afetam a forma de contar.

Para isso, mapeámos a obra de Lisboa, publicada na *Seara Nova*, num total de 261 textos. Este número confirma o estudo de Morão (1983) sobre a autora na *Seara Nova*. Chegámos, pois, a um *corpus* de 103 textos que apresentam características de crónica. Destas, selecionámos e estudámos as que abordam o tema, apoiadas por outras publicadas em livro (Quadro 1).

Para este artigo, analisámos, portanto, os fragmentos ou textos integrais que, nesta seleção, representam ou se relacionam com a exclusão da criança. Foi ainda consultada a obra pedagógica publicada também na *Seara Nova* e em livro, com vista a contextualizar a posição da autora em relação às políticas públicas de educação no período definido da Ditadura portuguesa.

QUADRO 1 Crónicas analisadas (integral/excertos) sobre educação/pedagogia

	ANO	TÍTULO	REVISTA	N.º DA REVISTA	LIVRO
1	1929	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	173	-
2	1929	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	181	-
3	1929	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	193	-
4	1930	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	197	-
5	1930	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	206	-
6	1930	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	215	-
7	1932	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	302	-
8	1932	Coisas poucas	<i>Seara Nova</i>	304	-
9	1937	Jogo de disparates	<i>Seara Nova</i>	516	-
10	1938	O meu senhorio e o seu sócio, tragédia urbana dos nossos dias	<i>Seara Nova</i>	587	-
11	1938	Rapazes de escola	<i>Seara Nova</i>	591	-
12	1939	Bagatelas	<i>Seara Nova</i>	600	-
13	1940	Crónica da cidade	<i>Seara Nova</i>	661	-
14	1942	-	-	-	<i>Esta cidade!</i>
15	1956*	-	-	-	<i>O pouco e o muito – Crónica urbana</i>
16	1958*	-	-	-	<i>Título qualquer serve para novelas e noveletas</i>

* Textos escritos até 1955.

Fonte: Elaboração própria.

4. Irene Lisboa: A denúncia não romantizada da exclusão

Como se observa nos textos jornalístico-literários estudados, Lisboa assume o papel de observadora que imerge na geografia e nos assuntos que analisa ou que denuncia, provocando, muitas vezes, diálogos ou elaborando descrições para perceber e retratar as realidades quotidianas.

Numa crónica intitulada “Rapazes de escola” (1938, *Seara Nova*, n.º 591), a cronista inicia uma conversa com dois rapazes pobres de doze anos que se deslocam todos os dias do Barreiro à capital para frequentar a escola industrial. Na conversa, percebe-se a preocupação da narradora em relação ao esforço que estes jovens fazem diariamente para receberem formação. Referem que se deitam à meia-noite e que se levantam antes das cinco da manhã para não perderem o comboio e a primeira aula. A situação é descrita por um dos jovens da seguinte forma: “Passava

o dia todo cá em Lisboa porque a primeira aula acabava muito tarde; se chegasse a tempo ainda ia fazer alguns recados à minha mãe, depois ia comer, depois estudar, depois deitava-me. E era meia-noite” (p. 187). À pergunta da interlocutora sobre se no Barreiro não há escolas, os rapazes respondem afirmativamente, mas que não dão certificação. Esta situação remete para um texto pedagógico publicado também na *Seara Nova* (1937, n.º 494), com o título “O rendimento escolar”. Refere aí a autora que “era professor o barbeiro e o sacristão. Numa das pitorescas novelas de Selma Lagerlöf lá vem o sacristão a servir de secretário do povo e a ensinar a ler às crianças (pp. 215-216). Revela, portanto, a descridibilização que o Estado Novo atribui à “ciência de educar”, como Lisboa chama à pedagogia (1937, *Seara Nova*, n.º 516).

Para mostrar a pobreza e a miséria dos dois rapazes, a cronista serve-se dos materiais, dizendo que as malas são velhas e descreve a saúde e o aspeto dos rapazes, através das expressões: “extraordinariamente magro”, “palidez de cadáver”, “dedos só de ossos”, “orelhas como dois abanos transparentes”, “tolhido pelo reumatismo” e “coreia”. Para tornar a cena ainda mais dramática, Lisboa compara a régua em T que sai por um buraco da mala com as cruces dos cemitérios. A crónica termina com uma reflexão sobre a condição do povo português: calado, bisonho e mole. Esta reflexão, marca autoral do jornalismo literário, é feita a partir de um ajuntamento de quatro homens que desperta a atenção da observadora. Um, com aspeto pedante, sentado e a falar, simbolizando a elite; os outros, de pé e calados, simbolizando o povo, o tal povo “bisonho e mole”, fazendo lembrar a conclusão de Meireles, em 1930, quando refere que “um povo não é uma elite, mas uma totalidade” (citado por Strang, 2009, p. 144).

A condição de pobreza e miséria das crianças portuguesas e da associação desta condição à escola é transversal nos textos jornalísticos, mas também nos pedagógicos de Lisboa. O discurso torna-se mais crítico e irónico em relação às políticas públicas de educação a partir da segunda metade dos anos trinta do século xx. Numa crónica intitulada “Bagatelas”, da *Seara Nova* (1939, n.º 600), a cronista reflete sobre a condição miserável da infância. Através da exclamação “Que castigos, que misérias a infância curte!”, Lisboa mostra a sua indignação de pedagoga humanista. A primeira cena observada é a de um rapazinho que vende limões e, ao fugir aos fiscais, é atropelado por um carro elétrico. A segunda cena pertence a um rapaz que lhe fornece diariamente o leite. Nesta peça jornalístico-literária, a cronista vira a realidade ao contrário, utilizando a ironia como forma complexa de expressar as emoções e os afetos (Morão, 1997). Observe-se o tom com que Lisboa termina a crónica:

Estes miseráveis que infestam a cidade, sem roupa nem escrúpulos, a vender limões e palitos?... Estes vendedores de leite que vendem sabe-se lá o quê e medido sabe-se lá como? Defendamo-nos deles!

E eles que paguem as tralfulhices que fazem. Com a vida! Pois com a vida! Que ainda assim, para boa rodagem dos organismos fiscais, vale talvez menos que as multas. (p. 201)

Mas a utilização desta ironia, forma inteligente de utilizar o discurso (Morão, 2011), só é possível porque Lisboa conhece em profundidade o mundo da vida daqueles jovens pobres e excluídos da sua condição de criança: em vez de frequentarem a escola, são uma fonte de rendimento da família. Repare-se como a situação é exposta na parte final do excerto anterior: a vida de uma criança pobre vale menos que as multas. Esta condição da criança é representada em vários excertos da obra periodística de Lisboa, mas também em crónicas publicadas no livro *O pouco e o muito – Crónica urbana* (1997/1956) e em alguns fragmentos do livro *Título qualquer serve para novelas e noveletas* (1998/1958). Neste último, aparece uma expressão reveladora de como a criança é tratada. Relata a narradora que “Jacinto ficava do lado de fora a comer no chão como os cães” (p. 171). A utilização da comparação entre crianças e bichos aparece também no primeiro livro, numa crónica intitulada “Zé gato”. Aqui, Lisboa conclui que “animais e crianças, enfim, terão certas relações e, até acho mais, semelhanças” (p. 172). É neste tom irónico que a narradora critica o sistema educativo, portanto o regime, que educa as crianças como se fossem bichos, tornando-as dependentes, sem opinião e excluídas.

Também no texto “Crónica da cidade”, publicada pela primeira vez na *Seara Nova* (1940, n.º 661), depois republicada no livro *Esta cidade!* (1942) com o nome de “Rapariguinha da Rua”, a miséria, muitas vezes o abandono, e o trabalho infantil da criança são representados de forma realista e negativa (a vida), para que o leitor veja a crueldade, e de forma humanista e positiva (a criança) para demonstrar a inocência e a beleza de ser criança (ver Quadro 2).

QUADRO 2 Contraste entre o que é a vida do povo e o que é ser criança

NEGATIVO (VIDA)	POSITIVO (CRIANÇA)
A minha mãe tem um <i>câncaro</i>	ela sempre loquaz e alegrinha
Esfrego a casa, lavo a roupa	tinha a cara tão amável
Desgraçada doença	ar de riso
Aquilo agora dura até morrer	e era alegre
Temos um quarto sem janelas	tão instantaneamente feliz
Misérias do pai	cara engraçada
Ganha poucachinho	muito limpinha
Miséria fria de sua família sem sorte	

Fonte: Elaboração própria a partir do texto “Crónica da cidade”, pp. 71-72.

Lisboa narra aqui a história de uma menina de dez anos, Maria José, filha mais velha de uma família miserável, cuja mãe tem cancro, *câncaro* como dizia a menina. Anda na escola, na primeira classe, mas falta muito. Como refere a narradora, “ainda era uma criança. Dizia que esfregava a casa e lavava a roupa, falava do *câncaro*, mas não sabia estar triste” (p. 72). Note-se no contraste entre a palavra “cancro”, que simboliza a morte ou a vida miserável, e a expressão “não sabia estar triste”, que representa a vida ou a esperança.

Este discurso de confronto entre o mal (quadro 3, coluna 1) e o bem (quadro 3, coluna 2) é comum nas crônicas de Lisboa e bastante acentuado nesta narrativa. Quando a escritora se debruça sobre o povo e as suas misérias, não o faz de forma assistencialista, mas como meio de confrontar a realidade da vida com a ficção propagandeada pelo regime e com a violência gratuita que as forças policiais exercem sobre as que, clandestinamente, vendem nas ruas. Contudo, quando fala da criança enquanto ser humano, nota-se a ternura, a dedicação e a admiração próprias da pedagogia da Educação Nova e da personalidade da cronista e pedagoga, mas também do desejo de as salvar, porque, como ela refere já em 1929, “a infância feliz é encantadora” (*Seara Nova*, n.º 181, p. 204), não deixando, portanto, de observar e de realçar as suas características. Como aponta Lisboa (1956), “entusiasmo-me como os mirones da *bola*, mas sofrendo” (p. 144), porque o que observa não a deixa indiferente. A comparação com as questões do futebol não surge por acaso. Apesar de Salazar não apreciar futebol, esta modalidade desportiva desperta algum interesse parlamentar por se achar que a curiosidade crescente poderia desviar a atenção da religião, nomeadamente da missa de domingo (Mendonça, 1955). Por isso, Lisboa pretende criticar a perda de tempo sobre trivialidades enquanto o país vive a miséria quotidiana.

Estes seus *teatros*, como a narradora lhes chama (Lisboa, 1997/1956), que, por vezes, observa da sua janela e depois a fazem imergir na geografia e no assunto, estão bem representados na crônica “A cabrilha” publicada no livro *O pouco e o muito – Crónica urbana* (Lisboa, 1997/1956). Nesta peça jornalístico-literária, a cronista observa um acidente num prédio que está a ser construído na sua rua. No fim, a sua atenção vira-se para um rapaz de tenra idade, descalço, com os joelhos feridos que subia e descia as escadas, carregando um balde de argamassa ao ombro como se fosse um homem. Esta imagem repete-se, como refere Lisboa, “de manhã, de tarde, agora e logo... na semana que corre, na que passou” (p. 145). Atente-se na insistência temporal da passagem anterior para se perceber que aquela não era uma situação pontual nem única. Depois, caracteriza o que vê através de uma enumeração, para que o leitor perceba a sua indignação e a condição das crianças pobres portuguesas. Repare-se como a cronista representa a realidade: “aqueles ternos pezinhos descalços, pisando tudo, a lama, as tábuas, a brita solta e as lascas dos

tijolos, no chão” (p. 145-146). A fragilidade característica da idade e a afetividade aparecem representadas pelo nome no grau diminutivo “pezinhos”, duplamente adjetivado pelas palavras “ternos” e “descalços” que contrastam com a crueldade do chão. Esta afeição que Lisboa mostra pelas crianças, que a leva à indignação e a não esquecer que, apesar de tudo, continuam crianças, torna-se mais clara na passagem seguinte: “Há pouco o dono dos pezinhos vazou o seu balde de argamassa na *trolha* de um pedreiro e depois fez rodar a boina na cabeça. Gesto de criança!” (p. 146). Veja-se a contradição entre a primeira e a segunda frase, entre ter um trabalho de adulto e ter ainda gestos de criança. Esta busca incessante de Lisboa pela dignidade do outro é uma especificidade das suas crónicas e uma característica do jornalismo literário. Uma outra particularidade deste texto é a utilização da palavra “obra” que aparece sempre entre aspas e só na segunda parte da crónica quando a narradora vai pessoalmente averiguar a situação. Repare-se na utilização da metáfora como forma de abrir novas possibilidades de interpretação a partir de dois contextos: a obra de construção civil e a obra do regime: “Porém, numa importante “obra”, em que toda a erva se calca e tudo se arrasta e soa bruto, não há ideias, assomos nem lembranças de primavera. Aliás o tempo desequilibrou-se e desde ontem que chove” (p. 142). Note-se que, num parágrafo anterior, a cronista refere as *olaias* como símbolo da primavera, e aqui menciona, numa alusão velada e crítica, que os tempos difíceis vieram para ficar. A associação ao tempo atmosférico pretende ludibriar a censura e criticar o regime.

Já a vida dos filhos da elite é encarada de outra forma pelo Estado, pela família, e pela pedagogia desde o início da sua atividade jornalística na *Seara Nova*. Numa rubrica iniciada em 1929, intitulada “Coisas poucas”, o seu terceiro texto e primeira crónica na revista (n.º 173), Lisboa aborda a superficialidade da educação burguesa a partir de um artigo que pretende ensinar as mães a serem modernas na educação dos filhos. Numa outra crónica da mesma rubrica, em 1930, a narradora apresenta uma reflexão sobre as escolas secundárias e o ensino superior, portanto sobre as elites escolares, referindo que é comum os professores e os alunos destes níveis de ensino serem pessoas centradas nelas próprias. Refere a autora, que também lecionou no ensino superior, que “o professor pedante e o aluno pedante infestam em geral as nossas escolas” (*Seara Nova*, n.º 197, p. 70). E apresenta uma série de características negativas de uns e de outros. O professor é caracterizado pela cronista através das expressões “ vaidade da hierarquia”, “cheio de conceitos”, “dogmático”, “sentimento de superioridade” e “endeusado”; o aluno é descrito da seguinte forma: “luxo nos apontamentos”, “luxo nos livros que lê”, “desdém pelas dificuldades”, “não é bom camarada”, “é sempre superior” e “é desconfiado”. Há aqui uma clara referência ao ensino enciclopedista, verbalista e rude, às pedagogias tradicionais e

pouco afetuosas e à aprendizagem passiva e sem ligação ao mundo da vida, condenados e muito debatidos pela pedagoga e pela Educação Nova.

Estas questões relacionadas com as elites e a educação aparecem noutras crónicas. No livro de 1956 já referido, terceiro fragmento, na crónica “A dívida”, fazendo alusão aos primeiros tempos de professora, a narradora lembra o período em que, nas férias, teve de desempenhar a função de perceptor dos filhos de um banqueiro. A descrição é feita por comparação com os seus alunos pobres de quando era professora e educadora. Diz Lisboa que “não há infância padrão, há crianças. Assim como há anjos e diabos, há crianças... Anjos eram os seus meninos da Tapada, diabos os filhos do banqueiro” (p. 177). Repare-se como a narradora utiliza o vocabulário cristão para vincar a boa e a má educação, a riqueza e a pobreza, servindo-se, neste caso, da terceira pessoa para se distanciar emocionalmente de uma situação da sua vida pessoal (Morão, 1997). Salienta-se a forma negativa como os filhos do banqueiro são apresentados, por exemplo: “batiam-se como feras”, “cabelos desgrenhados” ou “nem sorrir sabiam”, em contraste com os aspetos positivos das crianças do povo: “desempenhavam as tarefas com brio”, “engraçadas” ou “risonhas”. A narradora socorre-se de recursos que a transportam para dentro de si (memória) ou que a projetam para a vida (ouvidos e visão) e a ajudam a ordenar e a dar sentido ao mundo das coisas pequenas que, depois, transforma em crónica (Morão, 1997).

Também em “O casamento da Alicinha”, primeiro fragmento da mesma obra, para estabelecer o confronto com a precaridade da criança pobre, muitas vezes impedida de ir à escola pela família por ser mais uma fonte de rendimento, Lisboa apresenta o trabalho esforçado que a criança das elites também tem. Diz a narradora que, na família da Alicinha, os filhos têm de trabalhar muito e não lhes é permitido ter notas baixas. Reforça que, “para isso, recebiam ensino duplicado: no liceu e em casa” (p. 197). Contudo, logo a seguir, em tom crítico, revela que todo este esforço tem na base “a teoria da preparação dos chefes” (p. 197), isto é, fossem eles inteligentes ou não, estavam destinados a pertencer à elite dos bem-sucedidos da vida pública. Já no livro *Título qualquer serve...* (1958), numa crónica chamada “Júlia”, quarto fragmento, a cronista critica, desta vez, a ociosidade das raparigas burguesas.

As restantes crónicas do *corpus* selecionado abordam a criança, mas de forma indireta, através da pedagogia da Educação Nova. Assim, de 1929 a 1932, na rubrica “Coisas Poucas” (*Seara Nova*, n.º 193, 206, 215, 302 e 304), Lisboa mostra, através de um discurso informativo, esclarecido, crítico e literário, as vantagens das novas pedagogias em confronto com as utilizadas na educação tradicional, destacando o papel crucial dos professores no sucesso dos princípios da Educação Nova. Salienta-se, no entanto, a crónica de 1937 (*Seara Nova*, n.º 516), primeiro fragmento, com

o título de “Jogo de disparates”, por constituir um momento de viragem no discurso jornalístico, como já havia acontecido no discurso pedagógico desde 1936, e na atitude da cronista: passa a utilizar um discurso menos neutro em relação ao regime. A motivação são as consequências que o Decreto-Lei 27279/1936 iria trazer à educação portuguesa, como se veio a confirmar com a extinção da educação infantil pública portuguesa, em 1938, após 18 anos de atividade. Note-se que, entre 1936 e 1940, Lisboa publica mais de duas dezenas de textos sobre pedagogia na *Seara Nova* (Morão, 1983). O tom irónico e crítico utilizado nesta crónica mostra a sua apreensão sobre o que se avizinha. O retrocesso nas políticas públicas de educação com o reforço do academismo, do verbalismo do professor e do distanciamento entre teoria e prática a acentuar-se nas salas de aula, apoiadas pelos princípios da educação tradicional e pela ideologia do Estado.

Mas a sua apreensão assume, também, um carácter mais pessoal enquanto funcionária do Estado, patente na crónica de 1938 (*Seara Nova*, n.º 587). Neste texto, Lisboa relata as diligências que enceta para fundar uma escola com os princípios das modernas tendências de educação. Tentativa frustrada. A sua posição na Educação do Estado Novo está, pois, condenada. É afastada da formação de professores, da inspeção, da orientação e colocada numa secretaria. Finalmente, é reformada antecipada e forçadamente em 1940, com 48 anos, levando-a a admitir, em 1942, que se sente “aplacada, sem uma ideia de esperança. Tranquila, adormecida. Limitada” (*Seara Nova*, n.º 802, pp. 89-90).

Conclusão

Este artigo demonstra, através da crónica de Lisboa, a forma desajustada como a criança é tratada e como as políticas públicas de educação da Ditadura portuguesa do século XX promovem a exclusão escolar e a submissão das crianças do povo a trabalhos forçados quer nas ruas como fonte de rendimento, quer na escola com um ensino desadequado ao seu desenvolvimento integral. Um regime que considera a criança um ser a ser moldado à imagem de uma ideologia fascista que não vê na educação integral uma forma de liberdade e desenvolvimento do país. As crianças, colocadas à margem do sistema educativo ou alvo desta educação segregadora, tornam-se adultos prematuramente e acumulam, ao longo da vida, desvantagens que se traduzem em múltiplas exclusões: da escola, de participar ativamente na vida em sociedade, dos direitos de cidadania fundamentais e de aceder a um mercado de trabalho justo. Ficam, deste modo, vulneráveis a modos de vida marginais (Capucha, 1998).

Lisboa denuncia a narrativa situacionista do regime (Barros, 2022), representando nas suas crónicas as várias dimensões da exclusão da criança, a partir de

uma consciência social partilhada com o jornalismo literário que também se dedica a questões de educação e exclusão.

A criança retratada por Lisboa é maltratada pela família e pelo Estado. Por um lado, a cronista apresenta a criança das elites a partir de um discurso irónico e metafórico — recursos comuns do jornalismo literário — formada pelo preconceito, pela rebeldia ou pelo desleixo, por vezes também pela “teoria dos chefes” que o regime generaliza como sendo a criança portuguesa e o futuro da Nação. Por outro lado, mostra a criança do povo sujeita a questões de poder, de ensino e económicas que a desumanizam enquanto criança. Uma criança brutalizada, muitas vezes tratada como bicho, marcada física e psicologicamente pelos maus-tratos dos polícias, dos fiscais, da família e dos professores, sujeitando-se a trabalhos de adultos como mais uma fonte de rendimento da família, fugindo da escola ou frequentando-a depois de muitas horas de trabalho clandestino. São crianças que espelham o sacrifício, a pobreza e a miséria das famílias, refletidos nos materiais velhos, na saúde precária, no aspeto magro e cadavérico, nos joelhos feridos, nos pés descalços, sujeitando-se ainda a castigos na rua, na escola e na família. São vidas, como retrata a cronista, sem valor, seres tratados como cães. Crianças que são vistas pela escola como depósitos de conhecimentos desligados da realidade familiar e social que os pedagogos da Educação Nova tentam contrariar. Mas o seu discurso surge isento de corporativismos ou partidarismos, vai-se, no entanto, distanciando, ao longo do seu percurso de pedagoga, professora e cronista, dos objetivos traçados pelo regime, tornando-se mais acutilante a partir da segunda metade dos anos trinta da centúria de novecentos.

Apesar da condição de miséria, Lisboa, quando se refere à criança do povo enquanto ser humano, apresenta-a positivamente: alegre, amável, esforçada, risonha, engraçada e outros. A disponibilidade para aprender da criança do povo é outro dos aspetos que aparece no discurso da cronista como um motivo de satisfação e de motivação.

A condição da criança das elites surge nas crónicas de Lisboa em oposição com a condição não romantizada e nada assistencialista da miséria, do preconceito, da degradação e da exclusão social, bem como em confronto com a propaganda de otimismo do regime (Carmo, 2020). Esta insistência sobre cenários desfavorecidos (Trindade & Soares, 2018), como forma de consciencialização das dificuldades de gente anónima, é comum na crónica de Irene Lisboa e na história do jornalismo literário. A dimensão informativa, crítica e emocional (Trindade & Soares, 2018), portanto sem efabulação, contemplando a objetividade da verdade e a subjetividade da representação do mundo da vida, atribui à crónica de Lisboa o estatuto de jornalismo literário.

A replicação do presente estudo pode dar um contributo útil para robustecer o conhecimento da história da criança em Portugal, das políticas públicas de educação, das metodologias de ensino (pedagogia e didática), ainda hoje debatidas como novidades, e do jornalismo literário em Portugal.

Esta investigação está, contudo, sujeita a limitações. Foram considerados apenas os excertos que abordam a condição da criança num período limitado da censura para se perceber a dimensão da exclusão da criança, desintegrando esta condição do quadro geral apresentado pela cronista, o que limita a interpretação e o alcance nas políticas públicas da Ditadura. Esta circunstância permite, porém, sugerir que abordagens futuras analisem a condição da criança e do ensino integradas no quadro geral da educação portuguesa, procurando determinar a representação que a autora deixa, nas suas crónicas, da exclusão no contexto da Ditadura portuguesa do século XX.

Referências

- Andresen, S. de M. B. (2015). Landgrave ou Maria Helena Vieira da Silva. In S. de M. B. Andresen, *Obra poética* (p. 813). Assírio & Alvim.
- Arendt, H. (1972/1957). *La crise de la culture*. Éditions Gallimard.
- Ariè, P. (1981). *História social da criança e da família*. Zahar.
- Assis, M. de (1994/1877). *Crónicas escolhidas de Machado de Assis*. Edições Ática.
- Barros, J. L. de (2022). *Censura – A construção de uma arma política do Estado Novo*. Tinta da China.
- Capucha, L. (1998). Exclusão social e acesso ao emprego: Paralelas que podem convergir. *Sociedade e Trabalho*, 3, 60-69.
- Carmo, C. I. do (2020). *Noite inquieta – Ensaio sobre literatura portuguesa, política e memória*. Edições Húmus.
- Carmo, C. I. do (2022). Vozes e gestualidades do trabalho nas crónicas urbanas de Irene Lisboa. In C. I. do Carmo, J. M. Frias, M. C. Pimentel, R. Nobre & R. Patrício (coord.). *Presença e memória – Homenagem a Paula Morão* (pp. 87-99). Edições Colibri.
- Cunha, J. da (2021). A ironia de uma mulher na educação em Portugal. In I. Lisboa, *A escola do meu coração* (pp. 17-47). Edições ICreate.
- Domingues, J. (2019). O jornalismo literário de Caminha e Cândavo: Precisão e subjetividade nas primeiras narrativas sobre o Brasil. *Transatlantic Studies Network. Revista de Estudios Internacionales*, (8)4, 101-106.
- Fernandes, R. (1992). Irene Lisboa: Pedagoga. In P. Morão (coord.), *I. Lisboa: 1892-1958* (pp. 49-56). Biblioteca Nacional.
- Fernandes, R. (1993). História das inovações educativas (1875-1936). In A. S. da Nóvoa & J. B. Ruiz (eds.), *A História da Educação em Espanha e Portugal: Investigações e atividade* (pp. 157-170). Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Ferro, A. (2007). *Entrevistas a Salazar*. Parceria A. M. Pereira.

- Florêncio, V. (1994). *A literatura para crianças e jovens em Irene Lisboa*. Edições Asa.
- Freire, P. (1978). *Cartas à Guiné-Bissau: registos de uma experiência em processo*. Paz e Terra.
- Galindo, J. A. G. (1993). Medios de comunicación y Universidad. *Comunicar: Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación*, 1, 61-67.
- Galindo, J. A. G. (1999). Reconstruir el pasado para contruir el democracia. *Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, 12, 65-70.
- Galindo, J. A. G. & Naranjo, A. C. (2016). La crónica en el periodismo narrativo en español. *Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia*, 23. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.24926>
- Guerreiro, M. V. (1992). *A carta de Pero Vaz de Caminha lida por um etnógrafo*. Edições Cosmos.
- Gunter, B. (2000). *Media research methods: Measuring audiences, reactions, and impact*. Sage Publications.
- Hall, S. (1997). The work of representation. In S. Hall, J. Evans & S. Nixon (eds.), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (pp. 13-74). Sage Publications.
- Hartsock, J. C. (2000). *A History of American Literary Journalism. The Emergence of a Modern Narrative Form*. University of Massachusetts Press.
- Herrscher, R. (2021). Nuevos caminos del periodismo narrativo em el siglo XXI: Poesía, teatro, descripción y la voz potente de las cosas. *Textos Híbridos, Revista de Estudos sobre Crónica y Periodismo Narrativo*, 1, 143-179.
- Hurtado, L. P. O. (2015). El periodismo em María Zambrano. Universidad de Málaga. <https://riuma.uma.es/xmlui/handle/10630/13817>
- IALJS. The International Association for Literary Journalism Studies. <http://ialjs.org/publications/>
- Lisboa, I. (1933). A conferência da professora Sr.^a D. Irene Lisboa da série que o nosso jornal está a promover. *Jornal O Século*, 18317.
- Lisboa, I. (1942). *Modernas tendências da educação*. Edições Cosmos.
- Lisboa, I. (1997/1956). *O pouco e o muito – Crónica urbana*. Editorial Presença.
- Lisboa, I. (1998/1958). *Título qualquer serve*. Editorial Presença.
- Lisboa, I. (1999/1974). *Solidão II*. Editorial Presença.
- Lisboa, I. (2021). *A escola do meu coração: Antologia pedagógica*. Edições ICreate.
- Magalhães, J. (2017). Pedagogia e Neorrealismo. In F. Pires (coord.) *Miúdos, a vida às mãos cheias. A infância do Neorrealismo português* (pp. 21-39). Museu do Neorrealismo.
- Mendonça, F. de (1955), Sessão Parlamentar de 20 de janeiro de 1955. In Debates Parlamento. <http://debates.parlamento.pt/page.aspx?cid=r2.dan&diary=anl6sl-2n70-0380&type=texto&q=futebol>
- Morão, P. (1983). Prefácio. In I. Lisboa, *Folhas soltas da Seara Nova* (pp. 11-44). Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Morão, P. (1989). *Irene Lisboa, vida e escrita*. Editorial Presença.
- Morão, P. (1995). Prefácio. In I. Lisboa, *Esta cidade!* (pp. 7-13). Editorial Presença.

- Morão, P. (1997). Prefácio. In I. Lisboa, *O pouco e o muito – Crónica urbana* (pp. 7-14). Editorial Presença.
- Morão, P. (2011). *O secreto e o real: Ensaio sobre literatura portuguesa*. Campo da Comunicação.
- Moreira, I. (1992). Irene Lisboa, Professora. In P. Morão (coord.), *Irene Lisboa: 1892-1958* (pp. 21-30). Biblioteca Nacional.
- Morgado, J. (2003). *Qualidade, inclusão e diferenciação*. ISPA.
- Morgado, J. (2009). Educação inclusiva nas escolas atuais: Contributos para a reflexão. *Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Universidade do Minho.
- Nóvoa, A. S. da (2009). Educação 2021: *Para uma história do futuro*. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/670>
- Nóvoa, A. S. da (2021). Irene Lisboa: A escola é, acima de tudo, o elemento humano. In I. Lisboa, *A escola do meu coração* (pp. 13-16). Edições ICreate.
- Pinheiro, J. E. M. (1990). *Do ensino normal na cidade de Lisboa. 1860-1960*. Porto Editora.
- Pinheiro, J. E. M. (1992). *Irene Lisboa e a educação infantil*. Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Polónia, A. & Capelão, R. (2019). A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e as suas experiências do Oriente. In M. C. Natário, R. Epifânio, M. L. Malato & P. Borges, *Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes. Seminário Internacional de Filosofia e Literatura* (pp. 19-33). Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras do Porto.
- Queirós, E. (1981) Páginas de jornalismo. O distrito de Évora (vol. 2). Lello & Irmão Editores.
- Rosa y Alberty, R. (1959). Irene Lisboa, Educadora. *Seara Nova*, 1361.
- Rotker, S. (1992). *La invención de la crónica*. Ediciones Letra Buena.
- Santos, I. (2007). *O império do outro: Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Oliveira Martins e a Inglaterra vitoriana* [Tese de Doutoramento não publicada]. FCSH-UNL.
- Seara Nova. http://ric.slhi.pt/Seara_Nova/revista.
- Sims, N. & Kramer, M. (1995). *Literary journalism*. Ballantine Books.
- Soares, I. (2021). A reportagem e o jornalismo literário ou a reportagem como jornalismo literário. In P. Coelho, A. I. Reis & L. Bonixe (eds.), *Manual de Reportagem* (pp. 57-75). Labcom, Comunicação & Artes.
- Strang, B. L. S. (2009). Intelectuais na imprensa: As crónicas de educação de Cecília Meireles no jornal carioca Diário de Notícias. *Uniletras*, 31(1), 139-153. <http://dx.doi.org/10.5212/Uniletras.v.31i1.139153>
- Tengarrinha, J. & Alves, T. (2016). O Estado Novo em Portugal, o controle da imprensa e a Guerra Colonial. In T. Alves, Entrevista. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 5(1), 185-194. <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4542/2678>
- Trindade, A. & Soares, I. (2018). Escrita lusófona e cidadania: Normas de estilo, de conteúdo e de significado. In S. Bastião, *Comunidade dos países de língua portuguesa: A afirmação global das culturas portuguesas* (pp. 201-121). ISCSP - Universidade de Lisboa.

Van Dijk, T. A. (2014). *Discourse and knowledge – A sociocognitive approach*. Cambridge University Press.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. Bookman.

A Lisboa do final do século XIX vista por Fialho de Almeida: O jornalismo literário como agente de políticas públicas

Vanda Rosa*

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro

RESUMO

Fialho de Almeida foi um jornalista literário português da viragem do século XIX que escreveu sobre a capital portuguesa. Abordando temas como a mulher, a educação, os bairros degradados e o crime, muito à semelhança de outros textos jornalístico-literários que abordaram a capital britânica, como os de Eça de Queirós ou Jaime Batalha Reis. O autor descreve as casas degradadas dos bairros operários e de locais como a Mouraria ou Alfama, antros de crime e de prostituição. Apresenta sugestões de melhoria, políticas públicas que, no seu entender, criariam espaços limpos, arejados e saudáveis. Também os ritos funerários são alvo do olhar fialhiano, ele que tem formação em medicina e, de forma a evitar a propagação de doenças, sugere a cremação. A educação, tema caro aos jornalistas literários desta época, merece igualmente atenção. A má qualidade do ensino, a seu ver, deve ser intervencionada, para que os alunos possam ser cidadãos capazes e se reduza a decadência social e moral de que Lisboa padecia. Assim, Fialho de Almeida, jornalista literário com

* Contacto da autora: vandafrosa@gmail.com

Este artigo tem por base a tese de doutoramento em Ciências da Comunicação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Nova de Lisboa em outubro de 2019, intitulada *A cidade de Lisboa no jornalismo literário de Fialho de Almeida*.

a pena aguçada, e à semelhança dos seus contemporâneos, apresenta, em várias áreas da sociedade, propostas de políticas públicas assentes nos seus conhecimentos científicos e na constante imersão na capital lusa.

Palavras-chave: Jornalismo literário, Políticas públicas, Lisboa, Século XIX, Decadência

ABSTRACT

Fialho de Almeida was a Portuguese literary journalist at the turn of the 19th Century who wrote about the Portuguese capital. He focuses on themes such as women, education, decadent neighbourhoods and crime, much like other literary journalistic texts that covered the British capital, such as those by Eça de Queirós or Jaime Batalha Reis. The author describes the deteriorated houses in working-class neighborhoods and places like Mouraria or Alfama, dens of crime and prostitution. He suggests improvements and public policies that, in his view, would create clean, airy, and healthy spaces. Funeral rites also fall under Fialho's scrutiny; with a background in medicine, he suggests cremation to prevent the spread of diseases. Education, a cherished theme among literary journalists of this era, also deserves attention. The poor quality of education, in his opinion, should be addressed so that students can become skilled citizens, reducing the social and moral decadence that Lisbon was suffering from. Thus, Fialho de Almeida, a literary journalist with a sharp pen, much like his contemporaries, presents proposals for public policies in various areas of society based on his scientific knowledge and constant immersion in the Portuguese capital.

Keywords: Literary Journalism, Public Policies, Lisbon, 19th Century, Decadence

Introdução

Fialho de Almeida foi um jornalista literário alentejano (nasceu em Vila de Frades em 1857) que veio estudar para Lisboa muito jovem, em 1866. Aí passou “cinco anos de privações e de maus tratos” (Almeida, 1903, p. x). Começou a trabalhar numa farmácia no Largo do Mitelo devido a dificuldades económicas, onde ele considerava ter passado sete anos ainda piores do que os do colégio. Apesar do sofrimento, o autor considera que tirou proveito desse tempo: “a botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existência de bairros pobres, numa cidade onde o operário envelhece sem a menor ideia de conforto” (Almeida, 1903, p. xi). Terão sido estas privações e o contacto com a população mais desfavorecida da capital que o levaram a escrever sobre essa realidade, em particular nas várias crónicas jornalísticas que assinou. Concluiu a sua licenciatura em Medicina em 1885, mas nunca exerceu. No entanto, a sua formação científica tê-lo-á levado a intervir socialmente através dos textos que assinou, através de sugestões de melhoria das habitações ou dos bairros lisboetas e justificando-as com dados científicos.

O jornalismo literário desenvolveu-se a partir do século XIX devido a uma série de mudanças sociais e económicas que se refletiram, consequentemente, no

jornalismo: a população leitora aumentou graças ao número crescente de pessoas alfabetizadas e à expansão das grandes cidades; o jornalismo deixou de ser propaganda e passou a ser informação baseada em factos e não na opinião; os jornalistas passaram a sê-lo a tempo inteiro; os avanços tecnológicos permitiram o aumento das tiragens; houve uma melhoria na reprodução de imagens, devido ao aparecimento da máquina fotográfica (1839), da fotogravura (1851) e da heliogravura (1905). Surge, assim, o repórter que, equiparado ao cientista, ao explorador ou ao historiador, reproduzia a realidade tal como ela era. Trabalhava as histórias das cidades e, semelhante a cientistas sociais, ia desbravando a sociedade: “Reporters in the 1890s saw themselves, in part, as scientists uncovering the economic and political facts of industrial life more badly, more clearly, and more ‘realistically’ than anyone had done before” (Schudson, 1978, p. 71).

Os textos de jornalismo literário apresentam a combinação entre a investigação profunda e a ambição literária. Leem-se como romances ou contos, mas são verdadeiros ou baseiam-se na experiência (Hartsock, 2000, p. 1). São textos que apresentam uma construção cena a cena; existem diálogos realistas de forma a envolver os leitores; o ponto de vista encontra-se na terceira pessoa, apresentando cada cena através dos olhos de uma personagem particular e dando ao leitor a sensação de estar na mente da personagem e a viver a realidade emocional da cena; registam-se gestos, hábitos, roupas, decoração, formas de viajar, de comer e comportamentos para com os outros, diferentes olhares e formas de andar.

São muitas destas características que vamos encontrar nas crónicas de Fialho de Almeida, nas quais dedicou bastante espaço ao lado escuro da capital portuguesa, que ele amou até ao fim da sua vida. E não foram poucas as vezes em que o jornalista literário se colocou na pele de legislador e apresentou propostas de resolução dos problemas que descreveu nos seus textos, que poderiam ter sido aquilo que atualmente chamamos de políticas públicas. Áreas como a saúde, a habitação ou a educação, que exigem uma atenção particular nos dias de hoje, tiveram um espaço importante nas crónicas fialhianas na viragem do século XIX.

A Lisboa Decadente

Deambulando pela cidade de Lisboa, Fialho de Almeida observava as ruas, com as suas construções e os seus habitantes, proporcionando ao jornalista literário / cientista social material para os seus escritos. Dedicou maior atenção aos bairros da Mouraria e de Alfama. Nas suas palavras, no bairro de Alfama nada há a nível arquitetónico que valha a pena manter, salvo algumas alfurjas e becos e partes da muralha fernandina e joanina. Sai-se “enojado da porcaria das ruas e das lojas, da insulez arquitetónica dos prédios, da irremissibilidade anti-higiénica, enfim daquele imundo *ghetto* onde pulula uma rale de gente verde, ossosa, e que parece

exumada depois de alguns meses de podridão subterrânea” (Almeida, 1960, p. 107). Faz-se referência à morte e, de forma muito explícita, a ideia do submundo que é este bairro (e outros, como o Castelo, Santa Apolónia ou Mouraria), por toda a miséria que os percorre. Fialho afirma mesmo que, na sua opinião e de outros médicos que têm “escoldrinhado” (Almeida, 1960, p. 107) aqueles bairros, estes devem ser demolidos para conseguir destruir os seus “focos de patogénia complexa” (Almeida, 1960, p. 108) e para construir uma adequada rede de canalização e de esgotos “para a imundícia não fazer depósitos permanentes no subsolo, já de si secularmente infiltrado e pestilento” (Almeida, 1960, p. 108). Fialho, apesar de praticamente não ter exercido a profissão para a qual estudou, não deixa de aplicar os conhecimentos obtidos no trabalho literário e de propor mudanças que melhorem as condições de vida dos habitantes da capital portuguesa. Neste caso, a construção de uma rede de saneamento básico para melhorar a saúde pública. Com o advento do Realismo-Naturalismo, o repórter passou a ser um cientista social, que investigava a sociedade que o rodeava para escrever os seus textos. Aliás, Soares considera que os primeiros jornalistas literários foram os primeiros sociólogos, que se preocupavam em investigar a pobreza, a falta de higiene, as doenças, a mortalidade infantil, a poluição e outros problemas sociais, como o crime, a prostituição e os vícios que levam à degradação humana (2017, p. 65). São precisamente estes os temas mencionados nas crónicas escritas por Fialho de Almeida que cumpre, assim, uma das características do jornalismo literário. Na verdade, ele encara a sociedade como um organismo doente e não se consegue dissociar da sua formação médica. É o que afirma Costa:

Como médico, o escritor vê sobretudo doentes, casos clínicos: do psiquismo, do carácter, do meio ambiente que frequentam. O mundo é um grande hospital: cada indivíduo com a sua história de vida (e de doença). (...) Já não se situa numa lógica naturalista: se o destino das personagens se encontra relativamente traçado, e anunciado, em função das leis do determinismo social, é o sintoma e o caso da doença, como degenerescência, que interessam Fialho, e não a sociedade em si. Sob este aspeto, Fialho é não só um pessimista, como um individualista. Como escritor, não consegue separar-se do médico. A sua medicina foi a escrita (Costa, 2004, p. 27).

Para Fialho de Almeida, a decadência dos bairros depende dos seus habitantes: “Não é bem a miséria, muitas vezes, o impulsor principal da porcaria lisboeta (...) mas o desmazelo horrível que as famílias do povo põem na casa, e a nenhuma noção de aconchego que a população operária se faz sobre a vida de família” (Almeida, 1904, pp. 354-355). O autor refere que o interior das casas dos operários parece uma toca para dormir, com poucas peças de mobiliário que ninguém limpa

ou repara; os quartos estão nas zonas escuras da casa e olhar lá para dentro faz náuseas; a cozinha tem tudo sujo e os cheiros da pia e do esfregão são fétidos.

Fialho de Almeida não se limita a observar e a relatar o que vê. Quer ser interventivo e sugere que a Câmara Municipal proporcione banhos gratuitos a estas pessoas e que o governo forneça água barata e que ensine “o amor da casa e da limpeza” (Almeida, 1904, p. 355) em vez de se lembrar delas apenas para pedir impostos e levar os filhos para o exército. Sugere ainda que lhes seja dada a possibilidade de morarem em bairros mais claros e a disponibilização de cursos de trabalho doméstico para estas mulheres, e não que se ensine apenas “bordados a ouro” (Almeida, 1904, p. 357). Além disso, os polícias devem inspecionar regularmente estas casas e impor a higiene.

Na crónica “Lisboa Monumental” (1906), inserida na coletânea *Barbear, Pentear* [1911], Fialho de Almeida fala dos bairros operários e reforça a impressão obtida com o interior das casas. Neles, tudo é mau:

são poçanheiras asfíxicas, sem beleza nem graça, em pátios lúgubres, terrenos de refúgio e mau acesso, mal expostos, mal calafetados, mal enxutos (...). Casas estreitas, mal repartidas, decrépitas, ruas tortuosas onde escasseia a luz e o ar, canos insuficientes que estagnam debaixo dos prédios, por tempo indefinido as imundícias e resíduos da vida – lixo, dejetos, que agora saem pelos barris e canos de esgoto, e logo tornam pela janela, em poeiras e exalações do solo e do ar contaminados, ou sob a forma de lamas, pela porta, agarrados aos pés dos moradores... Ruas varridas em seco, às horas vitais em que a população ainda moureja, e não varridas nunca, numa terra em que a nortada imbecil, todas as tardes faz engolir aos transeuntes o esterco avulso das calçadas mal feitas e dos macadames nem petroleados, nem alcatroados, segundo a norma das terras higiénicas... Carroças de lixo a céu aberto, cheias de buracos e fendas, que por um lado apanham o esterco, e por outro o vão peneirando aos solavancos das rodas, por calçadas cheias de escaninhos... Esgotos horríveis, pestosos urinóis sem desinfeção nem limpeza regular, latrinas no sítio mais escuro e húmido das casas, onde os únicos líquidos são urinas ou águas corruptas de cozinha — madeiras podres e soalhos fendidos, por cujas frinchas os detritos infecciosos se anicham, lustres, constituindo nos entressolhos outros tantos focos de cultura — doenças contagiosas que passam, matam e vão renovando os inquilinos, sem que nenhuma desinfeção, pintura ou lavagem regular dos muros e soalho (Almeida, 1960, pp. 108-109).

Esta longa citação revela o ambiente que se vivia nestes bairros decadentes, em que as condições das ruas e do interior das casas são inaceitáveis e nojentas, propiciando o aparecimento de focos de infeção graves que levam à morte de muitos dos seus habitantes. A solução apresentada pelo autor, noutra situação interven-

tiva e com uma visão de políticas públicas, é deitar abaixo as casas, drenar os solos, fazer uma canalização hermética e esgotos para o rio ou, com uma visão muito contemporânea, “revertendo os dejetos para montureiras que a química trate e inofensiva, o que daria por si uma riqueza subsidiar da agricultura suburbana, evitando a infeção da margem do rio” (Almeida, 1960, p. 110). As novas casas seriam pequenas, com um ou dois pisos, em tijolo refratário, de inspiração típica portuguesa, jardins e muros. E a descrição que é feita destas futuras habitações é alegre, colorida, por oposição à triste realidade: “os muritos brancos da cerca, orlados de rede de adobos, vermelha ou amarela, (...) cancelas verdes, (...) o *cottage* risonho, airoso, de cortininhas brancas e gaiolas” (Almeida, 1960, p. 111). As ruas seriam direitas, largas, com passeios e árvores, bancos à porta. Uma rotunda central seria ajardinada e iluminada para concertos e atividades ao ar livre. Teria também a biblioteca pública, o lactário, a creche, o balneário gratuito, ginásio, uma igreja, um espaço para conferências e comícios e a escola. Daqui sairiam todas as ruas, que dariam para praças com jardins infantis e campos de jogos para adultos. Seria um espaço saudável, arejado e agradável, o contrário da realidade existente. Fialho apresenta os planos para a denominada *City Beautiful*, movimento que adquiriu grande destaque no início do século XX e teve como principal mentor o arquiteto Daniel Hudson Burnham (1846-1912). A sua meta era promover o embelezamento e construir uma cidade monumental como forma de criar um ambiente moral e cívico para os habitantes. O marco inicial deste movimento aconteceu na Exposição Colombiana de Chicago, em 1893, quando Burnham tinha como objetivo principal superar os focos geradores de doenças, de depravação moral e de descontentamento da população. Para tal, o *City Beautiful* operou obras de embelezamento e de infraestruturas em grande escala. Baseou-se em Frederick Law Olmsted (1822-1903), considerado o pai da arquitetura paisagística norte-americana, que defendia a construção de parques públicos e outras áreas verdes no interior dos centros urbanos para assegurar uma ordem moral harmoniosa. Além disso, o papel dos edifícios tornou-se predominante para a promoção do apelo estético que o *City Beautiful* procurava e, não importando onde estivessem, os edifícios deveriam adquirir um aspeto monumental para construir um orgulho cívico. Uma das cidades que revela este estilo é Washington DC. Ou seja, Fialho de Almeida pegou em ideias deste movimento e sugeriu aliar a evolução arquitetónica à saúde pública, providenciando espaços belos e saudáveis que, por sua vez, seriam habitados por pessoas igualmente sãs.

Já a 26 de novembro de 1876, na secção do folhetim e na primeira página do jornal *Correspondência de Leiria*, num conjunto de cinco crónicas intituladas “Calamitas, calamitatis”, Fialho de Almeida apresentava a razão para a calamidade de doenças e epidemias que acontecia nas cidades (não só Lisboa, mas também

Londres ou Paris): a aglomeração. E apresenta exemplos que comprovam a sua afirmação, descrevendo os habitantes destes bairros decadentes:

Os que responderem que romantizo, visitem Alfama, as vielas da Esperança que se empinam até Castelo Picão, os labirintos imundos que começam à roda do Hospital de S. José e acabam próximo de S. Domingos e Betesga ou Rua Nova da Palma. Ao escurecer todas essas vielas lamacentas, já mais beijadas pelo sol, todas essas casas negras, sem vidros, sem asseio, sem conforto, são inundadas pela turba operária, pela população ociosa e criminoso; acotovelam-se fadistas e meretrizes, operários e costureiras. O investigador tomará, atravessando as turbas, conhecimento duma série infinita de amores venais, projetos estultos, intrigas criminosas; se tiver o ouvido delicado, sairá com ele fechado por um *calão* assustador e áspero, por gargalhadas de gente sem pudor e sem brio, por apóstrofes de canalhas para canalhas; e se detiver um momento, parando, a sua curiosidade, corre o perigo de um insulto ou duma violência corporal (p. 1).

À degradação das habitações junta-se a degradação das pessoas que lá moram, os ‘outros’ lisboetas, pobres, operários, ociosos, criminosos. Salientamos a utilização da palavra ‘investigador’ para o autor se referir a quem imergir nas ruas para se inteirar da verdadeira situação social. Poderá ser um cientista ou o jornalista literário (Fialho de Almeida foi ambos).

A Saúde

Depois de apresentados os bairros pobres de Lisboa, repletos de defeitos, na opinião de Fialho de Almeida, este revela as doenças de que padecem os seus habitantes, ainda na crónica “Calamita, calamitatis” de 26 de novembro de 1876:

é nesta fermentação — deixe-me chamar-lhe assim — de vícios e prostituições que germinam as doenças modernas; a anemia, as nevroses, a melancolia (para mim uma doença) e as doenças cerebrais (...). Para mim estes sintomas de enfraquecimento das gerações modernas representam simplesmente a aniquilação lenta, mas progressiva, das grandes coletividades (p. 1).

Estes padecimentos modernos só se podem estudar, no entender de Fialho, “nos covis da miséria” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1), uma vez que há “uma atmosfera saturada de emanações pútridas, húmida e sepulcral” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1), onde se desenvolvem “as afeções linfáticas e cutâneas, a *tinha* e a *plica*; não são raros os *tumores brancos*, as variedades tão numerosas da família *dartrosa*, a *lepra* rara já” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1). Acrescenta o autor que as famílias “têm em si os gérmenes de enfermidades terríveis, especialmente as sífilíticas com o seu cortejo de horrores, gérmenes transmitidos de pais a filhos”

(Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1). Outra vez, Fialho é testemunha ocular das suas afirmações ao referir: “eu percorro muitas noites, muitas manhãs estes lugares onde acampa a miséria, a pobreza desmoralizada pelo infortúnio e confrange-se-me o coração de piedade diante de bandos de crianças que seminuas recolhem para os albergues da família” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1).

É fundamental chamar a atenção para alguns aspetos do pensamento fialhista nestes excertos. Por um lado, a referência às doenças, fruto da sua formação como médico. Contudo, muitas destas doenças são sociais, próprias das sociedades que vivenciaram progresso e chamadas à literatura com a geração realista e naturalista, na qual Fialho se insere. Além disso, o jornalismo literário teve a sua génese precisamente na época do Realismo-Naturalismo e Fialho, como jornalista literário que é, não foge à regra.

Lisboa vive uma época de decadência e degeneração, tanto nas habitações como nas pessoas. Num momento em que se padece de várias doenças do foro psiquiátrico e patologias sociais, como o crime, o suicídio, o alcoolismo e a prostituição, Fialho contribui para as mostrar aos seus leitores. O país continuava atrasado em muitos aspetos, como na alfabetização ou na saúde, porém não podemos esquecer que o período da Regeneração foi de grande impulso na indústria e nos transportes. A migração para as grandes cidades, e principalmente para a capital, teve os seus efeitos nefastos em Portugal como havia tido em Inglaterra. No nosso país, a manifestação pública mais evidente aconteceu pela pena de Antero de Quental, com a conferência intitulada “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”, proferida no Casino Lisbonense a 27 de maio de 1871.

A ideia de decadência não pode ser dissociada das correntes estéticas do final do século XIX: o Realismo, o Naturalismo e o Decadentismo. O Naturalismo (iniciado em 1867 por Émile Zola, com *Thérèse Raquin*) continha aspetos programáticos e doutrinários que o diferenciam do Realismo, que o antecedeu (Gustave Flaubert publicou *Madame Bovary* em 1857 e em Portugal, Eça de Queirós lançou a primeira versão de *O Crime do Padre Amaro* em 1875). A principal diferença entre estas duas correntes é o facto de, no Naturalismo, o autor levar a ciência para a obra de arte, demonstrando teses científicas, principalmente de psicopatologia. Tal deve-se ao facto de esta corrente estética se basear no Positivismo de Auguste Comte¹ (que defendia uma atitude voltada para o conhecimento ‘positivo’ da realidade, ou seja, do que é concreto, objetivo, que possa ser analisado e experimentado para que se saiba o ‘como’ e não o ‘porquê’) e, conseqüentemente, de ter o culto da indução e de métodos experimentais. Fialho afirma mesmo: “o romancista carece de ser um homem de ciência, pensador profundo, escalpelista sagaz,

1. Auguste Comte (1798-1857). Filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo.

espírito cheio de critério e bom senso, e, sobre tudo isto, artista” (Almeida, 1969, p. 115). Estas características não são exclusivas do romancista, mas deverão estar presentes também num jornalista literário, como o próprio autor destas palavras.

O Determinismo de Taine² está também na base do Naturalismo, corrente estética que implica uma posição combativa, com a análise dos problemas postos em evidência pela decadência social: o alcoolismo, a histeria, o roubo, a homossexualidade ou a alienação mental. Analisa-se o passado para se explicarem os comportamentos presentes. Pelo contrário, o Realismo apenas mostra a realidade com certa isenção sem ir buscar a ciência. Centra-se na observação e análise de costumes sociais, criticando a sociedade do seu tempo e versa temas da vida familiar, económica, cultural e social. A teoria da raça, do meio e do momento, de Hippolyte Taine, ou teoria determinista, surgiu na obra *Histoire de la littérature anglaise* (1866). Aqui, o autor defende que o meio em que o indivíduo vive (a natureza e as outras pessoas) influencia o desenvolvimento do seu carácter. As três forças primordiais para a formação do homem são a raça, o meio e o momento. Taine afirma que “*la race, ce sont ces dispositions inées et héréditaires que l’homme apporte avec lui à la lumière, et qui ordinairement sont jointes à des différences marquées dans le tempérament et dans la structure du corps. Elles varient selon les peuples*” (Taine, 1866, p. xxiii). Estas disposições são instintos e aptidões que estão no sangue. A mudança ocorre com uma mistura de sangue como, por exemplo, através de uma invasão ou conquista permanente. No entanto, estas características hereditárias podem ser alteradas pela ação de elementos do meio: o ar, os alimentos, a temperatura, o clima, a Natureza e os homens que rodeiam o indivíduo. O momento é também importante, seja aquele em que se vive como os passados, que deixam marcas que sobrevivem até ao presente. Cada momento produz resultados diferentes. Pela interseção destas três forças, o homem revela-se através das suas roupas, gestos e ações. Estas ideias surgem frequentemente nos escritos fialhianos, como observámos em citações anteriores.

Outro aspeto da cidade de Lisboa referido por Fialho de Almeida relacionado com a saúde pública é o da morte. Em 1881, na rubrica “Zigue-Zagues” do *Novidades* de 13 de janeiro, Fialho dedicou um longo texto aos ritos funerários da época. A sua preocupação era higiénica e apresenta aos leitores uma imagem dos cemitérios nada salubre:

as sepulturas, tão pouco fundamento talhadas e tão prematuramente removidas, fazem dos cemitérios enormes focos de podridão, donde se levantam, em nuvens os miasmas, que as brisas regulares, já das montanhas, já trazidos sobre as correntes do Tejo, todos os

2. Hippolyte Taine (1828-1893). Crítico e historiador francês, um dos expoentes do Positivismo.

dias arrojam em corrente para a atmosfera paludosa da cidade (Almeida, 13 de janeiro de 1881, p. 2).

Ramalho Ortigão, em março de 1882, em *As farpas*, partilha a mesma opinião:

Lisboa é um seminário de micróbios.

Em nenhuma outra cidade do mundo se cultiva hoje o miasma com mais esmero, com mais arte, com mais amor.

O caneiro de Alcântara é o grande gasómetro do vírus infeccioso. Os cemitérios dos Prazeres e do Alto de S. João são os dois Alvielas canalizados dos gases deletérios. (...)

Cada bairro, cada rua, cada casa tem o seu miasma especial (Ortigão, 1948, pp. 291-292).

A semelhança de opiniões que transparece nos dois trechos é evidente, revelando uma preocupação destes jornalistas literários com a saúde pública da capital. Acaba por ser esta a situação que levou as autoridades a estabelecerem planos para novos cemitérios, uma vez que já desde o século XVIII havia queixas de corpos não enterrados quando não havia campas abertas suficientes e de exalações de podridão (André, n.d., pp. 77-78). Fialho, na mesma crónica, critica o facto de os cemitérios da cidade estarem mal situados e de serem pequenos e poucos para a quantidade de mortos que as várias doenças provocam: “os aneurismas estoirados, as hipertrofias, os tubérculos, as meningites, os tifos e a sífilis com toda a variante enorme das discrasias do sangue” (p. 2). Critica ainda o facto de os dois cemitérios municipais (Prazeres e Alto de S. João) estarem pouco altos e pouco afastados das habitações e de as condições geológicas dos terrenos não serem as melhores para a instalação dos mesmos. Vai mais longe e afirma que a epidemia de tifo ocorrida em 1880 em Alcântara se deveu às escorrências dos Prazeres. Fialho une, através da doença e da morte, as duas cidades que compõem a capital portuguesa. Como jornalista literário que é, não descarta nenhum pormenor por si observado, não deixando ao mesmo tempo de deixar transparecer a sua interpretação dos factos que transmite ao leitor como sendo verídicos, objetivos e fiáveis.

No caso das valas comuns, o autor em estudo afirma que a situação é muito grave, uma vez que não são muito profundas e comportam muitos corpos que são levantados antes do tempo adequado (cinco ou seis anos). Juntando às condições geológicas do terreno, “o terrível invasor miasma, que se nutre da morte e da podridão, ganha força e multiplica-se, (...) [vem] espriar-se às ondas, faminto e devastador, sobre a população asfixiada já pelos animálculos da sargeta, pelos fétidos de *ménage* e pelas fermentações do saguão” (Almeida, 13 de janeiro de 1881, p. 2). Em face desta situação trágica para a higiene pública, Fialho apresenta a sua

ideia para solucionar o problema: deve abolir-se o cemitério e substituir o enterramento pela cremação. Já em 1856 o Marquês de Sousa Holstein havia escrito o artigo “Inconvenientes dos cemitérios sua substituição pela ustão dos cadáveres”, propondo a cremação como estratégia para evitar os problemas de saúde pública (André, n.d., p. 95). Mas o desejo fialhiano de renovação dos ritos fúnebres é tal que dá sugestões até sobre a arquitetura do crematório e os compartimentos que devia ter o edifício e as suas funções. Mais uma vez, o lado médico e científico de Fialho transparece nos seus textos. Por outro lado, o jornalismo literário é o jornalismo comprometido que pretende a mudança.

Ainda com uma visão de políticas públicas na área da saúde, Fialho de Almeida descreve outro espaço da capital portuguesa que merece destaque pela negativa. É o edifício do Hospital de S. José, que se encontra em mau estado de conservação e não oferece condições de segurança e higiene para os seus frequentadores, pelo menos desde os tempos de estudante do autor. É um “dédalo inextricável de escadinholas e corredores sinistros, (...) [uma] incomensurável arca de Noé” (Almeida, 1992a, p. 139). Segundo Fialho de Almeida, faltam várias salas e serviços, como uma receção para doentes, salas onde se possam colocar doentes quando se desinfetam enfermarias ou salas de isolamento para doenças contagiosas. Não existe serviço de maternidade, anfiteatro para a realização de operações, um quarto decente para doentes que possam pagar e os instrumentos para cirurgia ou medicina são escassos. As enfermarias estão ocupadas com o triplo ou quádruplo da sua lotação adequada. O autor critica a distribuição da luz, os sistemas de ventilação e de aquecimento, a qualidade dos materiais e das mobílias, “o estado carunchento dos solos” (Almeida, 1992a, p. 139), a humidade nos muros. A degradação é tal que Fialho afirma que, em vez de Real Hospital, se deve chamar “estrumeira ou matadoiro” (Almeida, 1992a, p. 139). Com o intuito de recorrer ao jornalismo como um instrumento impulsor de mudança, apela aos outros jornalistas / repórteres / investigadores sociais para que façam uma visita aos “fundões medonhos do Hospital, onde a viva solicitude do enfermeiro-mor, e os desvelos dos clínicos assistentes, pouco logram fazer, atenta a vergonhosa pobreza, e a inqualificável promiscuidade em que tudo jaz ali” (Almeida, 1992a, p. 139). Em suma, os epítetos utilizados (dédalo, arca de Noé, estrumeira, matadoiro) remetem-nos para a grande degradação deste edifício, que mais parece servir para abrigar animais ou para os deixar morrer.

A Educação

A educação é outra área sobejamente referida nas crónicas fialhianas. O jornalista literário critica o ensino do final do século em Portugal. Segundo ele, na crónica de 4 de julho de 1890, no ministério está “pessoal abtruso e ignaro, descultivado

e indiferente” (Almeida, 1992b, p. 106). Considera que a situação decadente que o ensino vive é causada por estas pessoas, bacharéis jovens, incompetentes e com vontade de mandar. O conselho de instrução pública legisla sobre o que não conhece, reforma o que lhe interessa, impõe às escolas castigos e prémios. No entanto, acredita que há ainda bons professores. Os planos de estudo não haviam mudado desde que o autor estudou, e faziam então com que os alunos entrassem no ensino superior “cabisbaixos e desinteressados das questões, olhando as rutilâncias da ciência através do prisma da estopada e o belo espetáculo da vida através duma nostalgia divergente, alucinatória por vezes, dentro da qual turbilhonavam já bactérias de muitas futuras doenças incuráveis” (Almeida, 1992b, p. 113). Razão disso é o facto de se ensinar como uma enciclopédia e não como um método, como um fim e não como uma preparação, sem ginastigar o espírito de acordo com as aptidões de cada estudante. Era um “estudo embrutecedor, deprimente de todas as forças físicas e de todas as faculdades mentais, com exceção do exercício exclusivo da memória” (Ortigão, 1946, p. 26). Grave também é a situação dos estudantes lisboetas:

a evidente fraqueza física, o esgotamento apático, a *courbature*, a tristeza, o ar espectral, quase idiota, que eu vi transparecer em mais de metade dos estudantes que erravam ontem pelos corredores do liceu de Lisboa, a pequenos grupos, cabisbaixos e lívidos, o ar escorçado de quem espera uma sentença de morte – ou mais compostos e míopes — de colarinhos altos, ombros caídos, mãos húmidas, inermes pulsos (...), andando nas pontas dos pés para não fazerem bulha, falando baixo (Almeida, 1992b, pp. 113-114).

São alunos fracos fisicamente, mas tudo na descrição nos remete para uma falta de alegria e de vontade, uma resignação quase, que surge novamente logo a seguir:

e eles hirtos, inermes, sem uma palavra alta, nem um riso libérrimo, nem um gesto independente, nada mais do que a tristeza dos seus lares estrelejados em melancolia nos olhos, e o dorso curvo, como o dum escravo, às reprimendas dos guias e diretores das suas prisões (Almeida, 1992b, p. 114).

Estes alunos são em tudo diferentes dos alunos ingleses apresentados por Raimundo Ortigão em *John Bull*, que apresentam “a serenidade pura e ativa do *self-command*” (1943, p. 182), que frequentam escolas cujo principal objetivo é formar o “perfeito animal” (1943, p. 183), capaz de se dominar a si e aos outros (Rosa, 2009, p. 95). Pelo contrário, “o aluno típico do liceu de Lisboa, de cabeça casposa e mãos suadas, magricela, cuspinhento, apedantado mas pusilânime, vestindo como

um fadista e cheirando a roupa suja” (Ortigão, 1943, p. 183) não terá capacidade de liderança e será um elemento decadente na sociedade, uma vez que as escolas não ensinam o que é preciso para “vingar no conflito da vida prática, na luta pela existência” (Ortigão, 1953, p. 157). Esta ideia da fragilidade física e psicológica é reforçada na descrição do aluno português na crónica de julho-agosto de 1876 de *As farpas*, quando Ramalho Ortigão apresenta o resultado dos métodos pedagógicos portugueses:

Intonsas cabeleiras cheias de caspa, espinhaços sem consistência, dobradiços e fatigados, fisionomias entristecidas, olhos mortos, mucoses descoradas, mãos suadas (...), *toilettes* pretensiosas de um dandismo pelintra, as unhas crescidas dos tocadores de guitarra, o passo arrastado e incerto sem determinação e sem firmeza, a voz velada, a elocução tardia, a tendência para bulir, a incapacidade para estar sereno e correto, o gesto esbandalhado, as maneiras torpes (...). A esse aspeto externo corresponde moralmente a inação mental, a apatia da curiosidade, o entorpecimento do critério, a atrofia do senso moral, finalmente a medonha preguiça do cérebro (Ortigão, 1946, p. 37).

Serão estes os futuros cidadãos de Portugal, incompetentes, ociosos, criminosos que “chegam ao homicídio, ao suicídio, à crápula, à cadeia ou ao degredo” (Ortigão, 1946, p. 37).

Fialho de Almeida refere ainda os colégios internos, “uma permanente agência de assassinos (...), de degenerações físicas, de perversões morais, de definhamentos de toda a ordem (...). E se os mais robustos resistem, quase sempre os *hereditários* afocinham” (Almeida, 1992b, pp. 115-116). O autor considera que as crianças precisam de luz e ar para se desenvolverem, de boa alimentação e de exercício físico para que sejam saudáveis, e não levar uma “vida promíscua de caserna” (Almeida, 1992b, p. 119). Em *Pasquinadas* [1890] vai mais longe e afirma que a educação Física está igual ou pior do que há vinte anos, no tempo de *As farpas* de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão e da *Correspondência de Leiria*: “Portugal continua, meus senhores, a ter o peito estreito, os músculos moles, o fim das costas adiposo, o suor azedo, e murraça nas canelas e nas orelhas” (Almeida, 1904, p. 347-348). De tal forma as constatações sobre a educação apresentadas pela generalidade dos autores são negativas que, na crónica intitulada “Lisboa nova e Lisboa velha” [1890], Fialho, ao mencionar a educação dos rapazes burgueses, deverá estar a ser irónico, pois apresenta uma ideia totalmente oposta à veiculada anteriormente e na mesma época em que escreveu a crónica inserida na coletânea *Pasquinadas*:

a educação dos ginásios, a apoteose da beleza feita aos acrobatas sob o ponto de vista da força, e uma forte propaganda dos exercícios de destreza — a carreira, a caça, a equitação, o tiro ao alvo, a remagem,

etc. — vão transformando para melhor o tipo dos nossos rapazes, criando corpos vigorosos, musculaturas elásticas, linhas finas e firmes, outra correção de caráter e outra viveza de temperamento. (Almeida, 1994, p. 22).

São as características do ensino inglês que Fialho gostaria de ver aplicadas ao sistema português. O autor defende uma luta que deve ser feita, no fim de contas, para melhorar a raça: “fazer pais e mães sadios e ferros, para formar batalhões depois” (Almeida, 1904, p. 347-349), uma vez que, para se ser um homem como deve ser, não se deve vir “diretamente de uma hortaliçeira” (Almeida, 1994, p. 23). E mais uma vez, a propósito dos colégios internos, encontramos referência direta a Taine, juntado o meio e a raça: “somem-se agora as depressões causadas pelo internato com as que já possam vir derivadas da hereditariedade” (Almeida, 1992b, p. 119).

Relembramos que Fialho estudou durante cinco anos num colégio privado, logo sabe do que fala, e no texto autobiográfico “Eu”, de 1892, queixa-se da dureza da vida que lá passou, com “anos de privações e de maus tratos” (Almeida, 1903, p. x). A mesma ideia havia sido transmitida por Fialho numa série de quatro crônicas com o título “Sistemas de Educação”, publicadas na *Correspondência de Leiria*, entre 19 de dezembro de 1875 e 20 de fevereiro do ano seguinte. Critica o ensino em Portugal, desde a má alimentação nos colégios, passando pelo uso de palavras grosseiras, a falta de amor, diretores sem qualificações e terminando nos vícios que se adquirem. Acusa o facto de não se estimular o espírito crítico, antes se impõem opiniões já formadas: “criar o espírito e o corpo livremente, não sujeitando a criança a certo número de opiniões, não lhe esmagando a coragem sob uma clausura maldita, nem lhe roubando a determinação própria por um despotismo absurdo: eis aí a grande base da educação” (20 de fevereiro 1876). Estas atitudes revelam-se depois nas características físicas e psicológicas dos alunos, os “doentes” da sociedade decadente: “algumas espinhas curvam-se, o cérebro padece, enfraquecendo-se as faculdades; a vista encurta-se, dificulta-se (...). Faltam as forças, cansam-se as faculdades, o espírito saturado combale-se, adormece, mergulha-se numa contemplação estática que desvia a aplicação e conduz a ruínas” (23 janeiro 1876). Além disso, “muitos apresentam um crescimento prematuro, como que enganoso, mas o abatimento, a palidez doentia revela a ação do meio que habitam (19 de dezembro 1875).

A educação feminina não é esquecida por Fialho de Almeida que, numa crônica de 31 de agosto de 1890, inserida na obra *Vida irónica*, a isso alude, a propósito de um projeto de lei que pretende reorganizar a instrução secundária feminina. Este projeto propõe quatro anos de estudos simultâneos de moral, religião, direito, li-

teratura, história, geografia, ciências físicas e naturais, matemática, desenho, labores, canto e ginástica. O autor critica a ausência do estudo das línguas e o facto de ser um plano de estudos semelhante ao dos rapazes, que não tem obtido bons resultados. Para Fialho, o plano de estudos do ensino feminino parece desviar “a mulher de todas as missões de confiança e de ternura, para que ela parecia nascida e propensa desde a origem” (Almeida, 1957, p. 206). A nota de machismo prossegue, questionando se serão os homens a terem os filhos e a fazerem as refeições, uma vez que elas serão preparadas para invadir os cargos masculinos. Não devemos esquecer que a mulher é também um ‘outro’ na sociedade e Fialho não deixa de seguir a ideologia do seu tempo. Aliás, na crónica “Um juízo do ano” (n.d.), inserida na obra *Barbear, pentear*, Fialho de Almeida refere que esta figura nunca está bem na classe social a que pertence:

se é costureira ou cigarreira, querendo-se passar por senhora ou filha de empregado, se da burocracia ou do comércio, querendo passar por dama da alta; se da alta, fingindo-se princesa; se princesa, aspirando a divindade — nunca a lisboetazinha está quieta na categoria social que Deus lhe deu (Almeida, 1960, p. 23).

O recurso ao diminutivo em “lisboetazinha” apresenta um sentido depreciativo que vem na sequência do que foi afirmado, revelando uma característica do jornalismo literário, a possibilidade de deixar transparecer a opinião do jornalista. Fialho propõe, ainda em *Vida irónica*, que, em lugar de dois anos de matemática e de direito, devia haver cursos de cozinha, economia doméstica, alfaiataria e enfermagem, para que a mulher seja uma verdadeira dona de casa. Este último é de grande importância, pois seria útil no campo, onde os médicos estão longe, e nos cuidados às crianças. O jornalista literário não se coíbe de dar sugestões por forma a que se possa inverter a situação de degeneração vivida na capital.

Conclusão

Em suma, sendo a educação uma preocupação de Fialho de Almeida e dos intelectuais do final do século XIX, todos os autores mencionados criticam a falta de exercício físico dos alunos portugueses, por oposição aos ingleses - “as novas gerações passam o melhor dos dias jogando ao *cricket* e ao *football*, correndo, lutando, respirando ao ar livre e formando músculo” (Reis, 1988, p. 93); um aspeto imundo, frágil e decrépito, curvado como um “escravo” (Almeida, 1992b, p. 114), enquanto um aluno inglês transpira confiança, saúde e autonomia; a falta de estímulo para desenvolver o espírito crítico através da leitura de “Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura” (Queirós, n.d., p. 53), do estudo do Latim, da Retórica e da

Lógica (Queirós, n.d., p. 54). Para o homem que trouxe o Realismo para Portugal na conferência do Casino Lisbonense intitulada “A nova literatura – o Realismo como nova expressão de arte” (12 de junho de 1871), Lisboa está ainda romântica e, como tal, educar os “filhos inteligentemente, está decerto abaixo da sua dignidade” (Queirós, n.d., p. 54). A comparação entre os alunos portugueses e ingleses vem manifestar o apreço que os autores tinham por uma civilização por eles considerada superior, que formava dirigentes do maior império do mundo à altura, ao contrário dos alunos portugueses, ainda agarrados a um ensino retrógrado que não desenvolvia as suas plenas capacidades. Na realidade, é do equilíbrio das faculdades físicas, intelectuais e morais “que procedem os homens verdadeiramente superiores, os grandes homens úteis, os cidadãos prestáveis” (Ortigão, 1946, p. 50). O que se constata é que “ninguém se educa com o intuito de se completar como homem, de se formar como cidadão” (Ortigão, 1946, p. 40).

Fialho de Almeida, jornalista literário que dedicou muita da sua vida à escrita sobre a cidade de Lisboa, não descreveu apenas os aspetos que ele considerava negativos: as casas degradadas cujos habitantes eram igualmente decadentes social e moralmente, a educação providenciada na capital que, ao contrário do sistema educativo inglês, apenas criava alunos fracos e cidadãos impreparados para a vida e a saúde pública. Imbuído das ideologias da sua época, era ele próprio interventivo nas suas crónicas, deixando soluções que, no seu entender, e fruto dos seus conhecimentos científicos da área da medicina, eram as melhores para mudar as áreas acima referidas. O jornalista literário propunha a construção de habitações condignas e saudáveis em bairros bonitos, habitadas por cidadãos educados para as manterem em condições de salubridade. Propunha medidas higiénicas não só para os vivos, mas igualmente para os mortos, de forma que os cemitérios não fossem causadores de doenças devido a más práticas.

O jornalista literário era simultaneamente investigador social e tentava agir para que a mudança acontecesse. Fialho de Almeida, médico de formação e escritor de paixão, deixou nos seus textos muitas medidas que gostava de ver implementadas pelo poder político, sempre com a perspetiva de melhoria dos espaços e da saúde pública, não descurando a educação, o motor para a tão necessária mudança. O jornalismo literário, pela pena fialhiana, andou de braço dado com as políticas públicas na Lisboa da viragem do século XIX.

Referências

- Almeida, F. de (19 de dezembro de 1875). *Correspondência de Leiria*, nº 60.
Almeida, F. de (23 de janeiro de 1876). *Correspondência de Leiria*, nº 65.
Almeida, F. de (20 de fevereiro de 1876). *Correspondência de Leiria*, nº 69.

- Almeida, F. de (26 de novembro de 1876). *Correspondência de Leiria*, nº 109, p. 1.
- Almeida, F. de (13 de janeiro de 1881). Zigue-Zagues. *O Século*, nº 8, p. 2.
- Almeida, F. de (1903). *À esquina. Jornal d'um vagabundo*. Coimbra: F. França Amado.
- Almeida, F. de (1904). *Pasquinadas (jornal d'um vagabundo)*. (2ª ed.) Porto: Livraria Char-dron.
- Almeida, F. de (1957). *Vida irónica, jornal d'um vagabundo*. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1960). *Barbear, pentear: jornal d'um vagabundo*. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1969). *Figuras de destaque*. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1992). *Os gatos*, vol. 1. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1992). *Os gatos*, vol. 2. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1994). *Lisboa galante*. Lisboa: Vega.
- André, P. (n.d.). Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres. *Revista de História da Arte*, pp. 66-105. Artigo consultado em 16 de julho de 2016 em https://run.unl.pt/bitstream/10362/12450/1/ART_7_Andr%C3%A9.pdf
- Costa, L. V. da (2004). *Fialho d'Almeida, um decadente em revolta*. Lisboa: Frenesi.
- Hartsock, J. C. (2000). *A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- Ortigão, R. (1943). *John Bull. O processo Gordon Cumming, Lord Salisbury e correlativos desgostos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Ortigão, R. (1946). *As farpas*, vol. XVI. Lisboa: Clássica Editora.
- Ortigão, R. (1948). *As farpas*, vol. VII. Lisboa: Clássica Editora.
- Queirós, E. de (n.d). *Cartas de Inglaterra e crónicas de Londres*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Reis, J. B. (1988). *Revista inglesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote / Biblioteca Nacional.
- Rosa, Vanda Cristina (2009). *Revista Inglesa: percursos de Jaime Batalha Reis na Inglaterra vitoriana*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the news. A social history of American newspapers*. s.l.: Basic Books.
- Soares, I. (2017). At the intersection of the risk. When literary journalism and sociology study urban problems by means of akin methodologies. *Sociologia, Problemas e Práticas* 84: 63-80. doi: 10.7458/SPP2017843466.
- Sobrinho, D. A. (1994). *Espreme que sai sangue. Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus Editorial.
- Taine, H. (1866). *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Hachette.

O testemunho pessoal é político: A narrativa da pandemia COVID-19 no jornal *Público*

Marta Soares*

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP, ISCSP), Universidade de Lisboa, Portugal

RESUMO

Após o anúncio dos primeiros casos de COVID-19 em Portugal no início de março de 2020, o Governo e a Comissão Nacional de Proteção Civil iniciam a gestão da pandemia com o objetivo de conter a transmissão do vírus, adotando políticas públicas de saúde que procuravam garantir a capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde. Num contexto marcado por uma crise de saúde pública, os media noticiosos adquirem uma responsabilidade acrescida, assumindo, no caso de Portugal, a dupla função de informar e influenciar. Neste artigo, procura-se entender a ligação entre o jornal *Público* e as políticas públicas de saúde ao longo das três primeiras vagas da pandemia COVID-19, focando-se concretamente a utilização de narrativas pessoais da perspetiva do doente. Guiado pelo Jornalismo Literário, este artigo parte de uma análise narrativa destes relatos, baseada na identificação de temas e personagens e posterior enquadramento em quatro tipologias narrativas (restituição, caos, demanda e apocalíptica). Observou-se um alinhamento entre a utilização jornalística destes testemunhos pessoais e as orientações políticas sanitárias, visível so-

* Contacto da autora: msoares@iscsp.ulisboa.pt

bretudo no predomínio da narrativa apocalíptica. Termina-se com um apelo à necessidade de refletir sobre a eficácia desta narrativa e de considerar modos alternativos de narrar situações extremas de crise.

Palavras-chave: Jornalismo de Saúde; Pandemia COVID-19; Políticas Públicas de Saúde; Testemunho pessoal; Narrativas sobre a doença

ABSTRACT

As soon as the first cases of COVID-19 in Portugal were announced in early March 2020, the Portuguese Government and the National Commission for Civil Protection began managing the pandemic to prevent the spread of the virus, implementing public health policies so as to ensure the functioning of the National Health Service. In a context overwhelmed by a public health crisis, news media have an increased responsibility by assuming the double function of informing and influencing, as was the case in Portugal. This article aims to explore the connection between newspaper *Público* and public health policies during the first three waves of the COVID-19 pandemic, focusing on the use of patient narratives. Driven by Literary Journalism, the article starts from a narrative analysis of these accounts, based on the elicitation of themes and characters that are afterwards matched to four narrative types (restitution, chaos, quest, and apocalyptic). An alignment between the journalistic use of these personal testimonies and health policy guidelines has been observed, namely in the prevalence of the apocalyptic narrative. As a conclusion, we are invited to reflect on the effectiveness of this narrative type while envisioning other possible ways of narrating extreme events and crises

Keywords: Health Journalism; COVID-19 Pandemic; Public Health Policies; Personal testimony; Illness narratives

Introdução

No dia 2 de março de 2020, foram anunciados os dois primeiros casos em Portugal de infeção com o vírus SARS-COV-2, um tipo de coronavírus que causa a doença COVID-19, assim designada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2020 (SNS, 11 de março de 2020). Identificado pela primeira vez na China, na cidade de Wuhan, este vírus de fácil transmissão rapidamente se disseminou a nível mundial, levando a OMS a declarar a doença COVID-19 como pandemia no dia 11 de março de 2020, devido aos seus “níveis alarmantes de propagação e inação” (SNS, 11 de março de 2020). Começava assim um período crítico de emergência de saúde pública, que se viria a prolongar até ao dia 5 de maio de 2023, data em que a OMS declara o fim da pandemia COVID-19 (SNS, 2023).

Ao longo destes três anos de “luta contra a pandemia”, foi imperativo unir e mobilizar a nação contra um inimigo comum, invisível e desconhecido, o que implicava motivar a população a seguir as normas de proteção sanitária impostas pelos diversos estados de contenção, desde o estado de alerta ao estado de emer-

gência. A braços com uma crise de saúde pública inaudita na nossa era, o Governo socialista, na altura encabeçado pelo Primeiro-Ministro António Costa desde outubro de 2019, tomou a saúde como área prioritária, adotando várias políticas públicas com caráter de urgência de modo a reforçar a capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde (SNS) durante este período.

Cientes da sua responsabilidade perante uma crise de saúde pública global, os media noticiosos assumiram, em Portugal, uma dupla função de informar e influenciar, como apontado por Lopes et al. (2021), procurando orientar a população para a adoção de comportamentos preventivos, sobretudo na fase inicial da pandemia, constituindo-se como “uma frente de combate à pandemia, importante para ajudar o país a ficar em casa” (p. 110).

O presente artigo procura entender a ligação entre os media noticiosos e as políticas públicas de saúde, olhando especificamente para a utilização de narrativas pessoais (da perspetiva do doente) no jornal *Público* ao longo das três primeiras vagas da pandemia (entre março de 2020 e junho de 2021). Sistematicamente apresentadas como testemunhos pessoais que atestam uma determinada vivência como legítima e verídica (Sacramento & Lerner, 2015), estas narrativas da perspetiva leiga do doente constituem-se como “exemplares” (Hinnant et al., 2013; Thorbjørnsrud & Ytreberg, 2020), i.e., narrativas com caráter informativo, humanizador e persuasivo. Nesse sentido, procedeu-se a uma análise narrativa destes “exemplares”, baseada na identificação de temas e personagens e respetivo enquadramento em quatro tipologias narrativas dominantes no âmbito da doença e da pandemia (restituição, caos, demanda e apocalíptica; Frank, 1995/2013; Gesser-Edelsburg, 2021), para assim compreender a sua ligação com as políticas públicas de saúde. Verificou-se um alinhamento entre a utilização jornalística destes testemunhos pessoais e as orientações políticas sanitárias, visível no proveito do seu potencial informativo e na sua capacidade humanizadora, mas sobretudo no predomínio da narrativa apocalíptica ao longo das três vagas, ilustrativo da utilização do medo como estratégia de persuasão.

Impulsionado pelo Jornalismo Literário, este artigo explora as possibilidades do uso de ferramentas literárias em texto jornalístico como modo de contrapor uma abordagem objetivista e de envolver os leitores, indo deste modo ao encontro da observação de Hartsock (2007) sobre a presença crescente de elementos narrativos em jornalismo generalista nos Estados Unidos. Ademais, debruça-se sobre uma perspetiva frequentemente secundarizada, a do doente, alinhando-se, portanto, com o interesse do Jornalismo Literário no que é marginal e invisibilizado (Kramer, 1995; Wolfe, 1996). Por fim, sublinha-se a importância do estreitamento de laços entre o Jornalismo e a Literatura no âmbito da necessária reflexão sobre o

predomínio da narrativa apocalíptica e a possibilidade de pensar em outros modos de contar eventos extremos.

Após uma sistematização das políticas públicas de saúde adotadas pelo Governo português ao longo das três primeiras vagas da pandemia, tecem-se algumas considerações sobre a cobertura noticiosa da pandemia COVID-19 em Portugal, concluindo-se este enquadramento com uma reflexão sobre a narrativa na perspetiva do doente enquanto testemunho pessoal, e a sua utilização em texto jornalístico. Segue-se uma explicitação dos materiais, método, e técnicas utilizadas, apresentando-se por fim os resultados e respetiva discussão.

1. A doença COVID-19 e as políticas públicas de saúde

No início de março de 2020, logo após o anúncio dos dois primeiros casos de COVID-19 em Portugal pela então Ministra da Saúde, Marta Temido, o Governo e a Comissão Nacional de Proteção Civil iniciam o processo de gestão da pandemia que visava conter a transmissão do vírus (Ferreira et al., 2020). A gestão da pandemia foi variando consoante o contexto epidemiológico — índice de transmissibilidade (R_t) do vírus, incidência de casos de infeção e número de óbitos — ao longo de diferentes fases, comumente designadas por vagas (Lei n.º 24-C/2022, 2022). Apesar de, até ao momento, se considerar que a pandemia decorreu ao longo de seis vagas, consoante o número de infetados e de óbitos, e o predomínio de diferentes variantes (p. ex. Delta e Ómicron; Pinto, 2022), para o propósito deste estudo, apenas foram consideradas as três primeiras vagas. Além de serem aquelas em que o Governo teve uma intervenção mais notória, estas vagas foram também as mais intensas em termos de incidência da COVID-19, tendo, por conseguinte, uma cobertura mediática mais alargada.

Apresenta-se abaixo um quadro-síntese que procura não só balizar estas vagas, como também estabelecer uma relação entre a progressão da pandemia e as várias medidas implementadas pelo Governo no âmbito da saúde pública. Refira-se, desde já, a impossibilidade de delimitar rigorosamente cada vaga, havendo alguns casos de sobreposição, como na passagem da segunda para a terceira vaga (Pinto, 2022). Nesse sentido, a informação que se segue é sobretudo indicativa da gestão política da pandemia:

QUADRO-SÍNTESE 1 Relação entre as três primeiras vagas da pandemia, a gestão política e as políticas públicas de saúde

	GESTÃO POLÍTICA	POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE
Primeira vaga: março 2020 – agosto 2020	13 de março: Estado de alerta 18 de março: Estado de emergência 2 de maio: Estado de calamidade	<ul style="list-style-type: none"> - Isolamento profilático - Constituição de uma “task force” - Reforço do SNS (recursos humanos e materiais) - INEM: ambulâncias dedicadas para doentes suspeitos de terem contraído COVID-19 - Reforço da Linha Saúde 24 - Criação da Linha de Apoio ao Médico - DGS: medidas de prevenção, controlo e vigilância - Agilização do processo de testagem
Segunda vaga: setembro 2020 – dezembro 2020	20 de novembro: Estado de emergência	<ul style="list-style-type: none"> - 27 de dezembro: início do plano de vacinação, organizado pela DGS em 3 fases - Reforço do SNS (recursos humanos e materiais) - Reforço de testagem
Terceira vaga: janeiro 2021 – junho 2021	1 de maio: Estado de calamidade	<ul style="list-style-type: none"> - Reforço de testagem - Reforço do SNS (recursos humanos e materiais) - Alargamento das convenções com o setor social, privado e militar - Forte aposta na vacinação

Fonte: Elaboração própria, com base em: Agenda Parlamentar (2020); Programa de Estabilidade (2020); SGMAI (2021); Pinto (2022).

Como podemos verificar, as medidas sanitárias apoiaram-se na implementação de diferentes estados — alerta, contingência, calamidade e emergência, por ordem crescente de gravidade (SGMAI, 2021) — com restrições diferenciadas (imposição de confinamento, orientações sanitárias, etc.) que visavam conter a disseminação do vírus. Numa fase inicial, na sequência da declaração do primeiro estado de emergência, o Governo implementou diversas medidas com o intuito de atenuar a transmissão da doença, proteger os cidadãos, garantir a capacidade de resposta do SNS, e assegurar o abastecimento de bens essenciais (Programa de Estabilidade, 2020). Nas políticas públicas de saúde, a resposta à crise sanitária passou pelo reforço do SNS (infraestruturas, recursos materiais e humanos) e, numa segunda fase, por uma campanha de vacinação (Lei n.º 24-C/2022, 2022). Como explicitado no Programa de Estabilidade (2020), as linhas principais de atuação no campo da saúde passaram por reforçar a capacidade de resposta do SNS através da contratação de mais profissionais de saúde, do pagamento de horas extraordinárias e da “aquisição de medicamentos, equipamentos de proteção individual (e.g. máscaras

ras), testes de diagnóstico e ventiladores”, a par de uma forte aposta na testagem (p. 12). Numa escala mais alargada, foram impostas medidas de isolamento profilático e distanciamento social, com suspensão de atividades letivas, restrições nas fronteiras e condicionamento de deslocações e atividades (Programa de Estabilidade, 2020, pp. 57-62).

Numa fase posterior, o Governo apostou numa campanha nacional de vacinação, com início a 27 de dezembro de 2020, e organizada em três fases distintas (SNS, 4 de dezembro de 2020). A forte adesão da população à vacinação (a 9 de outubro de 2021, 85% da população estava vacinada; SNS, 2021) teve uma influência favorável sobre a situação epidemiológica, com uma redução do número de infeções, internamentos e óbitos, o que levou ao alívio das medidas restritivas com a declaração de situação de alerta no dia 18 de fevereiro de 2022 (Resolução do Conselho de Ministros n.º 25-A/2022, 2022).

Dada a abrangência, severidade e duração das medidas de gestão da pandemia, o impacto sobre o bem-estar da população foi profundo, indo além da saúde ao afetar áreas como a economia, educação, cultura, entre outros. Como observado por Monteiro & Jalali (2022), além do impacto negativo sobre estes setores, o contexto pandémico trouxe também consequências políticas, alterando o modo como os cidadãos olham para as entidades públicas e para a própria democracia, sobretudo no momento da declaração de estado de emergência, medida extrema de limitação dos direitos, liberdades, e garantias dos cidadãos (p. 10).

Não obstante o esforço concertado das entidades responsáveis pela Saúde, a imprevisibilidade do SARS-CoV-2, a par do desconhecimento generalizado sobre este vírus, colocaram vários desafios não só à formulação como à implementação das políticas públicas de saúde. Como apontado por Correia (2020), esta situação epidemiológica particularmente complexa, marcada por uma “dupla incerteza científica e política”, levou por vezes à tomada de decisões pouco claras ou fundamentadas, situação agravada pelo desfazamento entre a urgência da pandemia e o tempo das decisões políticas (p. 63). A falta de clareza é uma das críticas que Correia (2020) tece à gestão política da COVID-19, apresentando-a como causadora de medo na vida quotidiana, e visível nas mensagens transmitidas pelos media: “Assim se explica que se tenha entrado em um frenesim de contagens diárias de casos e de óbitos e os meios de comunicação social tenham passado a ocupar horas da grelha diária tentando encontrar justificação para variações de indicadores” (p. 65). Tendo em conta o papel fundamental dos media noticiosos na veiculação de políticas de saúde, influenciando a sua aceitação por parte da população e afetando a sua perceção da realidade pandémica (Mach et al., 2021), tecem-se de seguida algumas considerações sobre a cobertura jornalística da COVID-19 em Portugal.

2. A cobertura noticiosa da pandemia COVID-19

Os desafios colocados pelo contexto pandêmico afetaram naturalmente os meios de comunicação, implicando uma reconfiguração em termos de agenda noticiosa e funções (Lopes et al., 2021). No caso da cobertura jornalística, a urgência da pandemia obrigou a uma hegemonia temática desta crise sanitária global, o que alargou o espectro do jornalismo de saúde ao jornalismo generalista. Tratava-se não só de informar sobre a pandemia, veiculando informação específica deste âmbito, mas sobretudo de promover a saúde pública, objetivo principal do jornalismo especializado em saúde, como explicitado por Ruão et al. (2012), que passa pela criação e divulgação de “mensagens persuasivas” com o intuito de “influenciar percepções, atitudes e comportamentos” (p. 5).

Na saúde, o jornalismo é um veículo primordial para a aprendizagem por parte da população, tendo um contributo fundamental para a aquisição de competências de literacia em saúde (Hinnant & Len-Ríos, 2009). Segundo a OMS, o conceito de literacia em saúde designa as “competências cognitivas e sociais e a capacidade dos indivíduos para ganharem acesso a compreenderem e a usarem informação de formas que promovam e mantenham boa saúde” (SNS, 2016), sendo por isso fulcral num contexto pandêmico. Mais do que deter conhecimento, a literacia em saúde implica, como Nunes et al. (2019) sintetizam, a motivação e a capacidade para “compreender, avaliar e aplicar informação em saúde, de maneira a formar juízos e tomar decisões no quotidiano sobre cuidados de saúde, prevenção de doenças e promoção da saúde” (p. 97).

No entanto, a transmissão de mensagens credíveis, rigorosas e compreensíveis sobre saúde coloca uma série de desafios, como enumerado por Ruão et al. (2012), nomeadamente: a compreensão e utilização de linguagem técnica; o desfasamento entre o tempo da ciência, o tempo dos media, e o tempo da doença; a competição com novos meios interativos; e, no caso da comunicação de risco, a capacidade de noticiar sem alarmar (p. 7). Durante a pandemia COVID-19, estes desafios foram amplificados ao longo das diversas fases da sua gestão, desde a imposição de medidas sanitárias até à campanha de vacinação, o que, segundo Lopes et al. (2021), motivou o alargamento da agenda noticiosa, a valorização de outras fontes e uma maior atenção a elementos informativos como infografias ou textos explicativos (p. 111).

Estes desafios implicaram ainda uma reconfiguração das funções dos media noticiosos. O papel intermediário dos media durante a pandemia tornou-se evidente desde o seu início, afirmando-se como ponte entre a ciência e um público maioritariamente leigo, e entre as entidades governamentais e a população. Nesse sentido, como apontado por Lopes et al. (2021), os media noticiosos assumiram uma dupla função de *informar* (transmitindo diariamente dados sobre o estado e

a evolução da pandemia) e de *influenciar* (apelando à adoção de comportamentos preventivos e ao cumprimento das normas sanitárias declaradas pelas entidades governamentais), sendo esta última função inusitada na história da Democracia portuguesa desde 1974 (p. 110).

De um modo geral, a informação sobre a pandemia foi apresentada de forma didática, procurando apelar à componente cognitiva e assim aumentar não só a perceção do risco, mas também a adoção de atitudes com vista à proteção individual e comunitária (Siebenhaar et al., 2020). Em Portugal, a informação na base desta dupla função de informar e influenciar mostrou-se de teor predominantemente numérico, constituindo o que Gomes (2020) apelida de “jornalismo de números” (p. 137), e que Santos-Silva & Granado (2021) descrevem como sendo transversal ao período pandémico, começando pelos “números de infetados, de mortes, de doentes hospitalizados e de projeções relacionadas com progressão do vírus”, avançando depois para “números mais complexos respeitantes ao impacto da pandemia em várias áreas da sociedade, até chegar aos números desejados de taxas de vacinação” (p. 4).

A primazia da informação estatística justifica-se pela validade científica dos dados numéricos, o que lhe confere não só um poder mediático considerável (Garcia et al., 2017), mas também político, tendo inclusive servido como base para a tomada de decisões políticas (Silvestre, 2021). Porém, a eficácia da informação numérica implica um determinado nível de literacia matemática que, como observado por Magalhães et al. (2017), exclui um segmento considerável da população. Ademais, a repetição diária de informação numérica instável não só causa dúvida e ansiedade, como pode provocar uma saturação no público que, assoberbado pelo excesso de informação sobre a pandemia — ou “infodemia”, como designado pela OMS (WHO, 2020) — poderá procurar outros meios informativos, ou então evitar qualquer tipo de notícia, um comportamento de fuga que Siebenhaar et al. (2020) apelidam de “*information avoidance*”, e que entendem potenciar o incumprimento de normas preventivas (p. 2).

Perante este cenário, tornou-se imperativo garantir uma coordenação entre as fontes de informação oficiais (decisores políticos e autoridades sanitárias) e os media noticiosos para assim transmitir informação de qualidade e fidedigna, como sublinhado por Lopes et al. (2021), capaz de neutralizar a informação falsa sobre a pandemia que foi proliferando pelo espaço público (pp. 111-112). Deste modo, o jornalismo assumiu a responsabilidade de promover competências de literacia em saúde entre os cidadãos, sublinham Lopes et al. (2021), tornando a informação acessível e compreensível através de “infografias, *storytelling* e metáforas de uso corrente” (p. 113), o que aponta para o uso de informação narrativa em notícias sobre a COVID-19.

3. Testemunho pessoal: a narrativa na perspetiva do doente

Se, por um lado, a cobertura mediática da pandemia foi desafiante para o jornalismo, a braços com a saturação informativa do público e a desconfiança causada pela desinformação, por outro foi também uma oportunidade para se reinventar, como argumentam Santos-Silva & Granado (2021), visível na apresentação inovadora de informação através do “jornalismo visual e explicativo” e do “*storytelling* visual” (p. 4). Ao fazerem amplo uso de estratégias narrativas, dizem-nos Santos-Silva & Granado (2021) que estas “estórias visuais com abordagens explicativas, empáticas e imersivas” têm um valor não só explicativo, mas também emocional, pois fomentam empatia e reforçam o vínculo entre o jornalismo e o seu público (pp. 5-6).

Há muito que o recurso a práticas narrativas no jornalismo como forma de contrapor o paradigma objetivista dominante foi apontado por Hartsock (2007), que observou uma mudança no jornalismo dos Estados Unidos da América, nomeadamente o regresso, em algumas publicações diárias generalistas, de práticas literárias (como personagens, enredo, descrições vívidas, arcos narrativos complexos) há muito desconsideradas (p. 258). Segundo Hartsock (2007), além de proporcionar um jornalismo mais próximo e envolvente, capaz de contrapor a frieza e o distanciamento dos números, este tipo de jornalismo, designado por jornalismo literário, requer um envolvimento ativo por parte do leitor, que se relaciona com o texto de um modo mais profundo (pp. 272-274).

No caso concreto da narrativa na primeira pessoa, a sua capacidade relacional é sobejamente conhecida no campo dos estudos literários, com especial incidência no género (auto)biográfico, como explorado por Eakin (2020), entre outros. Tratando-se especificamente da narrativa na perspetiva do doente — principal foco deste artigo —, a esta capacidade relacional acresce um processo de significação, uma vez que a verbalização da experiência da doença é criadora de sentido e significado, processo que Carel (2018) designa por “fenomenologia da doença”. Segundo Carel (2018), o relato na primeira pessoa materializa a vivência subjetiva da doença, traçando um retrato mais vivo e complexo que enriquece a perspetiva naturalista, puramente focada em aspetos biomédicos. De facto, este processo de significação individual revelou-se central durante a pandemia, como argumentado por McLaughlin et al. (2022), pois, em tempos de crise, a narrativa pessoal permite materializar e organizar e uma realidade informe e caótica.

No jornalismo em saúde, as narrativas pessoais da perspetiva do doente são comumente designadas por “exemplares”, ou seja, relatos a partir de uma perspetiva leiga que dão conta de casos específicos, ilustrativos da experiência individual por apresentarem detalhes que permitem ao público visualizar os contornos dessa mesma vivência (Hinnant et al., 2013). Além de proporcionarem uma representa-

ção mais próxima e humana da experiência da doença, criando espaço para a (inter)subjetividade, relação e emoção, estes “exemplares”, por se basearem em relatos narrativos, i.e. facilmente inteligíveis, permitem contornar alguns dos desafios que se colocam ao jornalismo em saúde, nomeadamente a opacidade da linguagem científica (Ruão et al., 2012). Não nos surpreende, portanto, que os “exemplares” sejam frequentemente utilizados no jornalismo em saúde com o intuito de informar e de atrair a atenção do público, maximizando a capacidade destes relatos para estabelecer uma ligação emocional e influenciar comportamentos (Hinnant et al., 2013; Thorbjørnsrud & Ytreberg, 2020).

No contexto específico da pandemia, os “exemplares” oferecem-se como complemento fulcral ao “jornalismo de números” (Gomes, 2020, p. 137), completando um retrato distante, impessoal e abstrato com vivências próximas e identificáveis, mobilizadoras não só de aspetos cognitivos, mas também emocionais (Hinnant et al., 2013; Figenschou, 2017; Thorbjørnsrud & Ytreberg, 2020). Porém, a utilização de “exemplares” no jornalismo em saúde acarreta alguns riscos, como sublinhado por Hinnant et al. (2013), desde a veiculação de informação incorreta até à dramatização excessiva de determinadas situações com propósitos sensacionalistas, um gesto de apropriação que coloca questões éticas (pp. 539-540), ponto reforçado por Figenschou (2017) e Thorbjørnsrud & Ytreberg (2020).

As histórias de interesse humano são, de facto, apelativas, sobretudo numa era marcada pelo “défice de atenção” e pela “fadiga compassiva” (Thorbjørnsrud & Ytreberg, 2020, p. 8). Ainda que, segundo Hinnant et al. (2013), os “exemplares” sejam considerados menos válidos do que a informação estatística, são mais vívidos e credíveis, o que os torna mais eficazes do que as mensagens estatísticas (pp. 539-540). O poder persuasivo e didático desta narrativa pessoal advém, em grande parte, do seu valor testemunhal. Enquanto verbalização de uma experiência ancorada na materialidade corporal, como algo que se “viveu na pele”, estas narrativas pautam-se pela afirmação da sua veracidade, autenticidade e legitimidade, adquirindo uma qualidade jurídica de “prova”, como descrito por Sacramento & Lerner (2015): “é o vivido que confere estatuto de legitimidade a essas narrativas, seja para testemunhar, desabafar, acusar” (p. 67). A experiência vivida é apresentada como uma verdade inquestionável, prosseguem Sacramento & Lerner (2015), “como se o real chegasse ao leitor sem mediação” (p. 68). Para tal, muito contribui a utilização do discurso direto, que permite traçar, no entender de Arfuch (2010), um relato fiel, atestado pelo nome e pela voz do “outro”. Acrescente-se ainda a descrição detalhada da vivência pessoal quotidiana, onde, segundo Kramer (1995), reside a verdade: “narratives of the felt lives of everyday people test idealizations against actualities. Truth is in the details of real lives”.

O potencial didático destes relatos reside também no seu teor autobiográfico, estando enraizados na longa tradição iniciada pelo volume *Confissões* (397-400), de Santo Agostinho de Hipona, em que o narrador se apresenta como modelo exemplar que procura influenciar comportamentos, suscitando uma resposta emocional que leve à ação. Na verdade, se o poder persuasivo dos “exemplares” advém, em larga medida, do seu apelo à emoção (Hinnant et al., 2013; Figenschou, 2017; Thorbjørnsrud & Ytreberg, 2020), no caso das narrativas sobre a pandemia COVID-19, a emoção dominante foi o medo, como apontado por Gesser-Edelsburg (2021), veiculado através de narrativas do tipo apocalíptico (p. 4). Assente numa vasta matriz literária de obras sobre epidemias e pandemias, desde *Decameron* (1348-1353), de Giovanni Boccaccio, sobre a peste negra, a *A journal of the plague year* (1722), de Daniel Defoe, sobre a peste bubônica, a narrativa apocalíptica revela-se dominante em narrativas pessoais sobre a COVID-19, observa Gesser-Edelsburg (2021), tanto pelos temas retratados (incerteza, medo, culpa, estigmatização) como pela linguagem utilizada e pela atribuição de papéis (pp. 3-4).

Quando se trata de verbalizar a experiência da doença, há outras tipologias a serem consideradas além da apocalíptica, como avançado pelo trabalho seminal de Frank (1995/2013), nomeadamente a narrativa da restituição, do caos e da demanda.¹¹ Segundo Frank, a narrativa da experiência da doença tende a revelar determinadas características (metáforas, personagens, temas e enredos) que se enquadram em estruturas narrativas oriundas da literatura, ou seja, quando contamos a nossa história, seguimos (consciente ou inconscientemente) o modelo de outras histórias que nos são familiares. Uma das tipologias mais recorrentes é a narrativa da restituição (“restitution narrative”; pp. 75-96), tipologia culturalmente dominante que narra a doença como se fosse uma interrupção temporária de uma vida saudável, contando uma história com início (normalidade), meio (doença) e fim (recuperação). Oposta à linearidade narrativa da restituição, temos a narrativa do caos (“chaos narrative”; pp. 97-114), pautada pela ausência de ordem sequencial de eventos, pela impossibilidade de recuperação e pela descrença na possibilidade de cura. Uma outra tipologia definida por Frank (1995/2013) é a narrativa da demanda (“quest narrative”; pp. 115-136), em que a experiência da doença é relatada como uma oportunidade de crescimento e aprendizagem, propiciadora de um conhecimento a ser partilhado, logo detentora de potencial didático. No trabalho que aqui se apresenta, foram considerados estes três tipos de narrativa, bem como a narrativa apocalíptica descrita por Gesser-Edelsburg (2021), por se tratar de um contexto pandémico; as suas principais características são abaixo sintetizadas:

1. Ainda que, na reedição de 2013 de *The wounded storyteller*, Frank considere outras tipologias além das inicialmente definidas em 1995, neste estudo apenas foram considerados estes três tipos (restituição, caos e demanda) por serem os mais comuns e para evitar dispersão na análise dos artigos.

QUADRO-SÍNTESE 2 Narrativa sobre a doença – quatro tipologias

NARRATIVA DA RESTITUIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Temas: recuperação, esperança, crença nos cuidados médicos ▪ Doença: interrupção temporária de uma vida normal e saudável ▪ Arco narrativo sequencial: apresentação, conflito, solução
NARRATIVA DO CAOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Temas: vulnerabilidade, impotência, desespero, descrença na cura ou recuperação ▪ Arco narrativo caótico: ausência de sequencialidade ou causalidade ▪ Linguagem entrecortada ou ausente (silêncio)
NARRATIVA DA DEMANDA	<p>Temas: aceitação, crescimento, exemplo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A doença é aceite e entendida como uma oportunidade de aprendizagem ▪ A doença é vista como uma demanda pelo conhecimento a ser partilhado com terceiros (potencial didático)
NARRATIVA APOCALÍPTICA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Temas: incerteza, medo, culpa, estigmatização ▪ Linguagem: domínio da metáfora da guerra ▪ Papéis: vilão; herói; vítima ▪ Promove vigilância (policiamento) e culpabilização

Fonte: elaboração própria, com base em Frank (1995/2013) e Gesser-Edelsburg (2021).

4. Materiais e métodos

Este estudo baseia-se num *corpus* constituído por 15 artigos publicados no jornal *Público* entre 20 de março de 2020 e 25 de junho de 2021 (Cf. Apêndice 1). Optou-se por esta publicação por ser de distribuição alargada e por se afirmar como uma “referência da imprensa de qualidade em Portugal” (Carvalho et al., 2018). Ainda que a pandemia COVID-19 se tenha alargado por um período superior ao que aqui é considerado, este estudo incide sobre a fase inicial por diversas razões. Em primeiro lugar, uma vez que as três primeiras vagas foram as mais intensas em Portugal (sobretudo a terceira) em termos de infeções, internamentos e mortalidade (Pinto, 2022), a cobertura noticiosa da pandemia foi também mais intensiva neste período. Em segundo lugar, a pesquisa por artigos no *Público* com base nos termos “testemunho pessoal” e “COVID-19” obteve resultados residuais a partir de julho de 2021, não se justificando por isso a inclusão de artigos referentes às vagas subsequentes. Por conseguinte, foram consideradas as três primeiras vagas, com a seguinte distribuição de artigos: 4 para a primeira; 6 para a segunda e 5 para a terceira (Cf. Tabela 1).

Quanto aos critérios de inclusão dos artigos: além de terem como temática a experiência pessoal com a doença COVID-19, em Portugal, os artigos selecionados incidem sobre a perspetiva do doente, e não do profissional de saúde. Ainda que esta segunda perspetiva seja fundamental num estudo deste tipo, não nos é possí-

vel incluí-la, dada a sua complexidade e abrangência. Além disso, procurou dar-se atenção a uma voz frequentemente secundarizada, a do doente, sobretudo durante a pandemia, como observado por Santos-Silva & Granado (2021), em que os profissionais de saúde protagonizaram a maior parte das peças com personalização da COVID-19 (p. 10). Deste modo, a opção pela perspectiva do doente está alinhada com um dos preceitos do Jornalismo Literário, nomeadamente o interesse pelo marginal (Wolfe, 1996, p. 47), por aqueles que normalmente não têm acesso a um lugar de fala, dando-lhes voz por entender que todas as vidas são noticiáveis, como descrito por Kramer (1995): “Most anyone’s life, discovered in depth and from a compassionate perspective, is interesting”.

Dado o foco na linguagem utilizada por indivíduos específicos numa determinada realidade social, o método adotado é o qualitativo (Bryman, 2001/2012), usando-se como técnica a análise narrativa. Após a recolha e seleção dos artigos com base nos critérios indicados, procedeu-se a uma análise narrativa de teor temático (Riessman, 2008), fazendo-se o levantamento de determinados temas a partir da linguagem utilizada pelos “exemplares” em discurso direto, e identificando-se os diferentes papéis atribuídos aos vários intervenientes nos seus relatos. Por fim, estes dois aspetos (temas e personagens) são enquadrados nas quatro tipologias narrativas em consideração (Cf. Apêndice 1).

5. Resultados e discussão

Ainda que os artigos em análise sejam de teor generalista, o foco na temática da pandemia alinha-os com o jornalismo em saúde, exibindo, por conseguinte, aspetos referentes a este jornalismo especializado, nomeadamente a promoção da saúde pública através da veiculação de mensagens informativas e persuasivas (Ruão et al., 2012). De facto, ao longo das três vagas, observa-se nos artigos uma descrição detalhada de sintomas (relevante sobretudo na primeira vaga, altura em que a doença COVID-19 era desconhecida) e, a partir da segunda vaga (inclusive), acresce a descrição de tratamentos médicos, com notas explicativas numa linguagem acessível (por exemplo, “cateter fixo das gasimetrias [exame que avalia os níveis de oxigénio no sangue]; Chaíça, 2021). Nesse sentido, a utilização de “exemplares” é aqui propiciadora de competências de literacia em saúde, como argumentado por Hinnant & Len-Ríos (2009), facultando o acesso generalizado a informação com vista à tomada de decisões capazes de promover a saúde (Nunes et al., 2019). A veiculação de informação de teor médico numa linguagem compreensível permite ainda contornar um dos maiores obstáculos no jornalismo em saúde, nomeadamente a opacidade da linguagem científica (Ruão et al., 2012).

Enquanto a presença de informação médica é constante nos artigos referentes às três vagas, as tipologias narrativas demonstram alguma variação, como abaixo sistematizado e de seguida discutido:

TABELA 1 Tipologia narrativa por vaga

	NARRATIVA DA RESTITUIÇÃO	NARRATIVA DO CAOS	NARRATIVA DA DEMANDA	NARRATIVA APOCALÍPTICA
Primeira vaga (4 artigos)	4	1	3	4
Segunda vaga (6 artigos)	5	2	4	6
Terceira vaga (5 artigos)	1	4	2	5

A primeira vaga da pandemia COVID-19 (março a agosto de 2020) foi pautada por um ambiente de incerteza por se estar a lidar com um vírus amplamente desconhecido. Seguindo as recomendações da OMS e o exemplo de outros países (Correia, 2020), o Governo português apostou fortemente na adoção de medidas de prevenção, controlo e vigilância, tais como o isolamento profilático, a agilização do processo de testagem, e o reforço do SNS (recursos humanos e materiais; reforço da linha de atendimento Saúde 24, entre outras; Cf. Quadro-síntese 1).

Os artigos referentes à primeira vaga refletem precisamente este ambiente de dúvida, em que o medo coexiste com a esperança, como demonstrado pelo domínio da narrativa apocalíptica e da restituição. Nos quatro artigos em análise, são várias as referências que apontam para temas da tipologia apocalíptica, como o medo (“o que tinha era de facto muito perigoso”; Faria, 2020), o estigma (“as pessoas são mesmo más e olham de lado para nós”; Costa, 2020), e o autopolicimento (“esteja atento a sintomas que não lhe são normais”; Faria, 2020), havendo ainda uma atribuição de papéis fortemente enraizados na metáfora da guerra: o doente como guerreiro (Costa, 2020), prisioneiro de guerra ou leproso (Faria, 2020), e os profissionais de saúde como heróis que salvam vidas (Miranda, 2020). A par desta tipologia, verificam-se também vários aspetos da narrativa da restituição, nomeadamente a ênfase na recuperação (“o pior já passou”; Faria, 2020) e a crença na medicina (“só poderemos voltar quando houver uma vacina”; Faria, 2020), o que se traduz numa mensagem generalizada de esperança, acalentada por laivos de narrativa da demanda, em que a vivência da doença resulta num testemunho apresentado como exemplo a seguir: “A minha filha foi uma guerreira, esteve mal, mas conseguiu recuperar. E se ela conseguiu, muitos de nós também vão conseguir” (Costa, 2020).

O teor didático da narrativa da demanda está patente no apelo ao cumprimento das normas comunicadas pela DGS, em que a narrativa pessoal funciona como advertência: “Ao ouvir a minha história, os meus amigos começaram a to-

mar mais precauções” (Monteiro, 2020). Observa-se assim um alinhamento entre estes testemunhos pessoais e as políticas de saúde, com o apelo direto ao cumprimento das normas de confinamento (“o mais importante que se pode fazer para garantir que... teremos o tal planalto de que se fala nas notícias é ficar em casa”; Faria, 2020), ilustrando o contributo dos media noticiosos para o cumprimento generalizado das medidas decretadas pelo Governo nesta primeira fase, como referido por Lopes et al. (2021, p. 111). Por outro lado, são tecidas algumas críticas ao funcionamento dos serviços hospitalares, nomeadamente a demora no atendimento (Costa, 2020) e a falta de preparação inicial da linha Saúde 24 (Faria, 2020). Apesar destas críticas, os profissionais de saúde são elogiados com palavras de gratidão: “É a esses que devo a vida” (Miranda, 2020).

A segunda vaga (setembro a dezembro de 2020) revela um igual predomínio da narrativa apocalíptica e da restituição, com uma presença crescente da narrativa da demanda à medida que o conhecimento científico e empírico sobre a pandemia vai aumentando. Nesta altura, além de se continuar o reforço dos recursos humanos e materiais do SNS, vislumbra-se uma hipótese de cura com o início do plano de vacinação a 27 de dezembro de 2020 (Cf. Quadro-síntese 1). A narrativa apocalíptica é visível em temas como o medo, cada vez mais preponderante (“Uma espécie de pesadelo, mas em longa-metragem”; Ribeiro & Garrido, 2020), a culpa (“Seria culpa minha?”; Mendes, 2020), o estigma (“E, pior, o estigma — indissociável do medo — que tinha por mim própria”; Mendes, 2020), e na apresentação de personagens sustentadas pela metáfora da guerra: os profissionais de saúde como heróis que salvam vidas (Lusa, 2020; Freitas, 2020; Neves, 2020); o vírus como um inimigo invisível (“algo que não conseguimos ver, que não é palpável”; Mendes, 2020); o doente como um prisioneiro (Freitas, 2020) e um sobrevivente (Neves, 2020).

A par da tónica no medo, há uma ênfase na recuperação (“mesmo com todos os contratempos estamos todos, hoje, juntos e saudáveis”; Ribeiro & Garrido, 2020) e na crença na cura (“penso que, em 2021, a vacina nos vai ajudar bastante”; Moreira, 2020), traços da narrativa da restituição que confirmam o entendimento de Frank (1995/2013) sobre este tipo como sendo o mais recorrente – e culturalmente preferido – na narrativa sobre a doença. Se, por um lado, há uma mensagem de alento nestas histórias de superação, por outro há um reforço da necessidade de cumprir as normas de isolamento e confinamento, como atestado pelos vários testemunhos que apresentam a sua experiência como uma demanda exemplar: “Sei, agora, que já estamos mais à frente do conhecimento de como se comporta o vírus e a doença, que algumas medidas podem ter sido bastante zelosas, mas não me arrependo por um segundo de o ter feito” (Ribeiro & Garrido, 2020). O apelo direto ao cumprimento de normas sanitárias (“como o uso de máscara, a desinfecção das mãos e o distanciamento, e com a vacina, poderemos decapitar uma possível terceira vaga”;

Moreira, 2020), apresentado como uma missão comunitária, comprova novamente o alinhamento destes testemunhos com as políticas de saúde, em que o seu potencial persuasivo é utilizado com o propósito de influenciar comportamentos.

Nos artigos referentes à terceira vaga (janeiro a junho de 2021), observa-se uma diminuição considerável das narrativas da restituição e da demanda, e um aumento de narrativas do caos, mantendo-se a narrativa apocalíptica como dominante. De facto, a terceira vaga foi a mais crítica da pandemia (Pinto, 2022), altura em que foram atingidos os valores máximos de infeções, internamentos e óbitos por COVID-19; foram vários os serviços hospitalares a entrar em rutura, apesar das políticas públicas continuarem a reforçar os recursos materiais e humanos do SNS e a alargar convenções com o sector social, privado e militar (Cf. Quadro-síntese 1). Por conseguinte, há vários testemunhos que tecem uma narrativa caótica, verbalizando o desespero e impotência perante a incapacidade de resposta por parte dos serviços hospitalares (“E a confusão que eu via à volta não permitia sossegar ninguém”; Faria, 2021), a braços com falta de recursos materiais e humanos (“estava a abarrotar, eram cerca de 30 camas para três enfermeiros”; Chaíça, 2021), levando à exaustão dos profissionais de saúde (“E os profissionais estavam tão estourados que já não tinham paciência para nada”; Faria, 2021). Ainda assim, mesmo nesta fase mais crítica, mantém-se o tom elogioso para com médicos e enfermeiros: “o pessoal do hospital foi sempre cinco estrelas” (Faria, 2021). Em contrapartida, a gestão política desta altura é fortemente criticada, com alguns testemunhos a responsabilizarem o Governo pelo elevado número de óbitos: “Um dia talvez se faça a história de quantas pessoas morreram que podiam ter sido salvas, se a estratégia e a liderança tivessem sido outras” (Faria, 2021).

Ao contrário das vagas anteriores, em que a experiência da doença era tendencialmente contada através de um arco sequencial de restituição, na terceira vaga frisa-se a continuidade da doença (“vivem o pesadelo das sequelas há meses”; Pinto, 2021) e a possibilidade da não-recuperação (“Estava a sentir-me melhor há duas semanas do que estou agora”; Monteiro, 2021), o que aponta não só para a narrativa do caos, como também para a narrativa apocalíptica, dado o medo resultante da continuidade da doença e de relatos que dão conta da sua gravidade (“A sensação que tive foi que já não ia sair viva dali”; Faria, 2021). Face às outras duas vagas, verifica-se também uma presença mais significativa de temas pertencentes à narrativa apocalíptica, como o policiamento e a culpabilização de quem não cumpre normas (“malta que ainda anda por aí como se nada fosse”; Faria, 2021; “mandei-lhes os pedidos dos médicos para as pessoas que estiveram nos festejos ficarem em casa e eles não estão a respeitar”; Monteiro, 2021), mantendo-se a atribuição de papéis marcadamente assentes na metáfora da guerra: o vírus como o

“inimigo ultra-invisível” (Carmo, 2021) ou o “bicho que está lá fora” (Pinto, 2021), e os profissionais de saúde como heróis que salvam vidas (Faria, 2021).

Muito por conta da forte aposta no processo de vacinação, os números de infecções, internamentos e óbitos por COVID-19 foram diminuindo ao longo da terceira vaga (Pinto, 2022). Porém, apesar desta melhoria generalizada, mantém-se a tônica no medo, dirigido sobretudo à população jovem e saudável, mais exposta ao vírus, uma vez que a população mais idosa e vulnerável estava já vacinada por esta altura; veja-se p. ex. o título “Os jovens que a covid-19 pôs no hospital: ‘Achava que esta doença era só para matar os velhos’” (Chaiça, 2021). Nesta terceira vaga, à medida que o processo de vacinação ia avançando, o apelo ao cumprimento de normas não é feito através de narrativas positivas de demanda, mas de narrativas ancoradas no medo e no choque, estrategicamente incutidos no público jovem: “Acho que só quem passa por isto é que dá o devido valor ao vírus... É importante perceber que nós, jovens, não somos invencíveis nem indestrutíveis, o vírus também nos mata” (Chaiça, 2021).

Deste modo, observa-se de novo um alinhamento entre a utilização jornalística de testemunhos e as políticas públicas de saúde, em que a experiência pessoal é apresentada como apocalíptica de modo a apelar ao cumprimento de normas sanitárias a uma população que, por esta altura, manifestava cansaço e saturação, bem como alguma descrença nos decisores políticos e nos media noticiosos, descrença esta acalentada pela instabilidade e por discursos negacionistas (Lopes et al., 2021). Neste ponto, refira-se a utilização claramente estratégica da narrativa pessoal, desta feita com o propósito de neutralizar informação falsa recorrendo ao seu valor testemunhal de verdade inquestionável (Sacramento & Lerner, 2015): “tudo o que oiço à minha volta é: ‘A covid-19 é mito’, ‘é uma constipação’” (Monteiro, 2021).

Em suma, a presença jornalística no *Público* de testemunhos pessoais sobre a experiência com a doença COVID-19 permite-nos observar um uso estratégico generalizado destes “exemplares” nas suas três vertentes: informativa, humanizadora e persuasiva. Informativa, tendo em conta o modo como estas narrativas pessoais ilustram a vivência com a doença (Hinnant et al., 2013), permitindo ao público visualizar os seus contornos e aprender mais sobre uma realidade na altura desconhecida. Humanizadora, pois o recurso a “exemplares” atribui um rosto ao “jornalismo de números” (Gomes, 2020, p. 137) da pandemia, criando um vínculo emotivo entre o texto jornalístico e os seus leitores (Santos-Silva & Granado, 2021). Para tal, muito contribui a utilização de práticas narrativas (personagens, descrições, arcos narrativos) que, como há muito observado por Hartsock (2007), propiciam um jornalismo mais próximo e envolvente. Persuasiva, pois a capacidade dos “exemplares” para influenciar comportamentos por via da emoção (Hinnant et al., 2013; Thorbjørnsrud & Ytreberg, 2020) é aqui amplamente ilustrada,

seja através da apresentação de modelos a seguir (narrativa da demanda), seja pela presença recorrente da metáfora da guerra e do medo (narrativa apocalíptica).

De facto, nas três fases em análise, é notório o predomínio da narrativa apocalíptica, que comprova a utilização estratégica do testemunho pessoal (e do medo) em prol do jornalismo ao serviço das políticas públicas, sobretudo na terceira vaga. Porém, como questionado por Gesser-Edelsburg (2021), num contexto de incerteza e vulnerabilidade, será esta a tipologia mais adequada, tendo em conta que a narrativa apocalíptica impele à luta e não à superação (p. 4)? As limitações do uso estratégico do medo ficaram patentes não só na impossibilidade de conter o vírus por via do confinamento, mas sobretudo no impacto negativo na saúde mental da população portuguesa, exacerbando situações de depressão e ansiedade (Aguiar et al., 2022). Para Gesser-Edelsburg (2021), é fundamental considerar outras narrativas, por exemplo “*coping narratives*”, i.e., narrativas que permitam fazer face a situações de crise ao assentarem na empatia, apoio mútuo, ou eficácia comunitária, minimizando o estigma e a incerteza (pp. 5-6). Nesse sentido, importa estreitar laços entre o jornalismo e a literatura para assim aceder a um substrato cultural comum, capaz de abrir caminho a outras metáforas, personagens e arcos narrativos que apelem à ação através de outras estratégias que não o medo ou a culpabilização.

Conclusão

Perante uma crise de saúde pública, os *media* noticiosos assumem um papel fundamental, como sublinhado por Lopes et al. (2021), sendo fulcrais na gestão da crise pandémica pela sua dupla função de informar e influenciar (p. 116). Este estudo debruçou-se sobre a utilização específica de narrativas na primeira pessoa sobre a doença COVID-19 no jornal *Público* com o intuito de entender a sua ligação com as políticas públicas de saúde decretadas ao longo das três primeiras vagas. Verificou-se uma utilização estratégica destes testemunhos pessoais, apresentados como fonte de informação médica, logo potenciadores de competências de literacia em saúde, e como “exemplares” didáticos, através dos quais se apela ao cumprimento de normas sanitárias, procurando influenciar comportamentos sobretudo através do medo e da culpa.

Ainda que tenha ficado ilustrado o potencial da narrativa na primeira pessoa da perspetiva do doente, assinala-se a ausência da perspetiva fundamental do profissional de saúde, o que nos leva a remetê-la para estudos futuros. Outros estudos possíveis sobre esta temática poderiam consistir na comparação com outras publicações jornalísticas afins, em Portugal e/ou no estrangeiro.

Tendo em conta o poder dos *media* em tempos de pandemia enquanto narradores que criam uma determinada realidade (Gesser-Edelsburg, 2021; Mach et al.,

2021), é imperativo refletirmos sobre as narrativas da pandemia que foram contadas e considerar as suas possibilidades e limitações. Como aqui evidenciado, esta reflexão pode ser propiciada pelo Jornalismo Literário que, ao permitir olhar para o texto jornalístico através da narrativa, desvenda uma matriz literária culturalmente transversal, feita de metáforas, personagens e arcos narrativos tão recorrentes que são naturalizados e interiorizados. Porém, é com base nesta mesma matriz que podemos cogitar alternativas à tipologia apocalíptica, outros modos de narrar eventos extremos e adversos — os que já vivemos no passado, vivemos neste momento, e viveremos futuramente — que não assentem na culpa, no medo, ou no estigma.

Referências

- Agenda Parlamentar. (2020). *Estado de emergência: COVID-19*. Assembleia da República. <https://www.parlamento.pt/Paginas/covid19.aspx>
- Aguiar, A., Maia, I., Duarte, R., & Pinto, M. (2022). The other side of COVID-19: Preliminary results of a descriptive study on the COVID-19-related psychological impact and social determinants in Portugal residents. *Journal of Affective Disorders Reports*, 7(100294), 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.jadr.2021.100294>
- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (P. Vidal, Trad.). Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4th ed.). Oxford University Press. (Edição original em 2001).
- Carel, H. (2016/2018). *Phenomenology of illness*. Oxford University Press.
- Carmo, I. (29 de janeiro de 2021). Notícias do túnel. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/01/29/sociedade/noticia/noticias-tunel-1947979>
- Carvalho, M., Correia, A., Lopes, A.S., Pontes, D., & Pedro, T.L. (16 de agosto de 2018). Os compromissos da Direção Editorial. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/08/16/opiniao/noticia/os-compromissos-da-direcao-editorial-1841144>
- Chaiça, I. (25 de junho de 2021). Os jovens que a covid-19 pôs no hospital. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/06/25/sociedade/noticia/achava-doenca-so-matar-velhos-jovens-covid19-levou-hospital-1967982>
- Correia, T. (2020). A gestão política da Covid-19 em Portugal: contributos analíticos para o debate internacional. *Saúde em Debate*, 44(4), 62-72. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E403>
- Costa, S.S. (20 de março de 2020). Coronavírus em Ovar. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/03/20/sociedade/noticia/coronavirus-ovar-passar-s-quer-ir-mar-1908708>
- Eakin, P.J. (2020). *Writing life writing: narrative, history, autobiography*. Routledge.
- Faria, N. (1 de abril de 2020). Os “recuperados” da covid-19. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/04/01/sociedade/noticia/recuperados-covid19-1910317>
- Faria, N. (14 de fevereiro de 2021). “Não é assim que se salvam pessoas”. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/02/14/sociedade/noticia/nao-assim-salvam-pessoas-1948511>

- Ferreira, P.A., Machado, J.P., Narita, F.Z. (2020). Pandemia da COVID-19 e políticas públicas de saúde em Portugal: entrevista com Paulo Alexandre Ferreira. *Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação*, 1(1), 9-23. <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v1n1a20201>
- Figenschou, T.U. (2017). Patient narratives: health journalists' reflections, dilemmas and criticism of a compelling journalistic tool. In B.K. Fonn et al. (Eds.), *Putting a face on it: Individual exposure and subjectivity in journalism* (pp. 235-256). Cappelen Damm Akademisk.
- Frank, A.W. (2013). *The wounded storyteller* (2nd ed.). The University of Chicago Press. (Edição original em 1995)
- Freitas, A.C. (7 de dezembro de 2020). "Percebi que tinha estado resvés com as paredes da morte". *Público*. <https://www.publico.pt/2020/12/07/ciencia/noticia/percebi-estado-resves-paredes-morte-1941214>
- Garcia, R., Rosa M.J.V., & Barbosa L. (2017). *Que número é este? Um guia sobre estatísticas para jornalistas*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Gesser-Edelsburg, A. (2021). Using narrative evidence to convey health information on social media: the case of COVID-19. *Journal of Medical Internet Research*, 23(3), 1-17. doi: 10.2196/24948
- Gomes, E.S. (2020). O jornalismo em saúde e as fontes de informação: o caso da COVID-19 em Portugal. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 7(14), 127-149. <https://doi.org/10.24137/raec.7.14.6>
- Hartsock, J.C. (2007). "It was a dark and stormy night": Newspaper reporters rediscover the art of narrative literary journalism and their own epistemological heritage. *Prose Studies*, 29(2), 257-284. <https://doi.org/10.1080/01440350701432853>
- Hinnant, A. & Len-Ríos, M.E. (2009). Tacit understandings of health literacy: interview and survey research with health journalists. *Science Communication*, 31(1), 84-115. <https://doi.org/10.1177/1075547009335345>
- Hinnant, A., Len-Ríos, M.E., & Young, R. (2013). Journalistic use of exemplars to humanize health news. *Journalism Studies*, 14(4), 539-554. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2012.721633>
- Kramer, M. (1995). *Breakable rules for literary journalists*. <https://nieman.harvard.edu/stories/breakable-rules-for-literary-journalists/>
- Lei n.º 24-C/2022. (2022). Diário da República n.º 251/2022, 2º Suplemento, Série I de 2022-12-30. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/24-c-2022-205557191>
- Lopes, F., Santos, C.A, Magalhães, O., Burnay, C.D, Araújo, R., & Sá, A. (2021). A cobertura noticiosa da pandemia: um retrato dos dilemas e práticas profissionais na era Covid-19. *Mediapolis*, 13, 109-124. https://doi.org/10.14195/2183-6019_13_6
- Lusa. (20 de novembro de 2020). Eles venceram a covid-19, mas enfrentam sequelas. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/11/20/sociedade/noticia/centro-gaia-acolhe-pessoas-arrumaram-covid19-enfrentam-sequelas-1940023>
- Mach, K.J., Reyes, R.S., Pentz, B. et al. (2021). News media coverage of COVID-19 public health and policy information. *Humanities & Social Sciences Communication*, 8(220), 1-11. <https://doi.org/10.1057/s41599-021-00900-z>

- Magalhães, O.E., Lopes, F., & Costa-Pereira, A. (2017). Qual o papel do jornalismo na literacia da saúde? – estado da arte. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Literacia, media e cidadania* (pp. 251-265). CECS.
- McLaughlin, C., Pelletier, P., & Boespflug, M. (2022). Storytelling of a virus: a focus on COVID-19 narratives of older adults. *International Journal of Arts, Humanities and Social Studies*, 4(1), 86-95. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5894026>
- Mendes, F.A. (25 de novembro de 2020). Crónica de uma infectada com covid-19. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/11/25/p3/cronica/cronica-infectada-covid19-nao-acontece-so-1940507>
- Miranda, T. (7 de abril de 2020). “Devo a vida” ao SNS. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/04/07/sociedade/video/devo-vida-sns-testemunho-recupera-coronavirus-20200405-175134>
- Monteiro, N., & Jalali, C. (Coord.). (2022). *Impactos da pandemia de COVID-19 em Portugal*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Monteiro, R. (14 de julho de 2020). “Saí de casa para o hospital e não vi mais ninguém”. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/07/14/p3/noticia/sai-casa-hospital-nao-vi-ninguem-testemunho-bruno-36-anos-20-dias-cuidados-intensivos-1924261>
- Monteiro, R. (24 de maio de 2021). “Agradece a tua idade, porque foi o que te safou”. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/05/24/p3/noticia/agradece-idade-safou-22-anos-maria-parar-cuidados-intensivos-covid19-1963524>
- Moreira, C.F. (14 de dezembro de 2020). “Isto não acaba para o ano. 2021 vai ser o ‘ano zero’”. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/12/14/sociedade/noticia/nao-acaba-ano-2021-vai-ano-zero-1942622>
- Neves, S. (22 de dezembro de 2020). Rui e a arte de enganar a morte durante seis meses. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/12/22/sociedade/noticia/rui-arte-enganar-morte-durante-seis-meses-1943297>
- Nunes, C., Barroca, M. & Marino, P. (2019). Promoção da literacia em saúde através dos *media*. In C. Lopes, & C.V. Almeida (Coords.). *Literacia em saúde na prática* (pp. 97-117). Edições ISPA.
- Pinto, I.M. (8 de junho de 2021). Sete meses depois da infecção, eles ainda não disseram adeus à covid-19. *Público*. <https://www.publico.pt/2021/06/08/sociedade/reportagem/sete-meses-infecao-nao-disseram-adeus-covid19-1964971>
- Pinto, J.V. (2 de março de 2022). Vagas de covid-19 em Portugal: uma história em cinco actos. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/03/02/sociedade/noticia/vagas-covid19-portugal-historia-cinco-actos-1997229>
- Programa de Estabilidade 2020. (2020). *República portuguesa: XXII governo constitucional*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAAB%2bLCAAAAAAABACztDA1AQAc6poFBAAAAA%3d%3d>
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 25-A/2022. (2022). Diário da República n.º 35/2022, 2º Suplemento, Série I de 2022-02-18. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-conselho-ministros/25-a-2022-179327570>
- Ribeiro, C.B., & Garrido, N. (16 de dezembro de 2020). “Uma vida inteira não vai ser suficiente para recuperar o tempo perdido”. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/12/16/impar/noticia/vida-inteira-nao-vai-suficiente-recuperar-tempo-perdido-1942979>

- Riessman, C.K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Sage Publications.
- Ruão, T., Lopes, F., & Marinho, S. (2012). Comunicação e saúde, dois campos em intersecção. In M.L. Martins (Dir.). *Comunicação e sociedade: Mediatização jornalística do campo da saúde* (pp. 5-7). Húmus.
- Sacramento, I., & Lerner, K. (2015). Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em *O Dia*. *Revista FAMECOS*, 22(4), 55-70. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.4.19552>
- Santos-Silva, D., & Granado, A. (2021). *Cobertura jornalística dos números da Covid-19: casos de inovação em Portugal*. (Relatórios Obi.Media). ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova. <https://doi.org/10.34619/x70x-posb>
- SGMAI. (2021). *Dossiê temático: COVID-19: Compilação legislativa europeia, nacional e regional: de 2021-10-01 a 2021-10-31; Jurisprudência*. https://www.sg.mai.gov.pt/BibliotecaArquivo/Biblioteca/Documents/Dossi%C3%AA%20Tem%C3%A1tico_%20Covid-19_outubro2021.pdf
- Siebenhaar, K.U., Köther, A.K., & Alpers, G. W. (2020). Dealing with the COVID-19 infodemic: distress by information, information avoidance, and compliance with preventive measures. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.567905>
- Silvestre, C. (2021). Numbers and journalism during the Covid-19 pandemic. *Comunicação Pública*, 16(31), 1-17. <https://doi.org/10.34629/cpublica.245>
- SNS. (15 de novembro de 2016). *Literacia em saúde*. Serviço Nacional de Saúde. <https://www.sns.gov.pt/noticias/2016/11/15/estrategia-nacional-para-a-literacia-em-saude/>
- SNS. (11 de março de 2020). *COVID-19: Pandemia*. Serviço Nacional de Saúde. <https://www.sns.gov.pt/noticias/2020/03/11/covid-19-pandemia/>
- SNS. (4 de dezembro de 2020). *Plano de vacinação contra a Covid-19*. Serviço Nacional de Saúde. <https://www.sns.gov.pt/noticias/2020/12/04/plano-de-vacinacao-contra-a-covid-19/>
- SNS. (9 de outubro de 2021). *85% da população portuguesa vacinada*. Serviço Nacional de Saúde. <https://www.sns.gov.pt/noticias/2021/10/09/85-da-populacao-portuguesa-vacinada/>
- SNS. (5 de maio de 2023). *Organização Mundial da Saúde declara fim da emergência global da COVID-19*. Serviço Nacional de Saúde. <https://www.insa.min-saude.pt/organizacao-mundial-da-saude-declara-fim-da-emergencia-global-da-covid-19/>
- Thorbjørnsrud, K., & Ytreberg, E. (2020). A human-interest economy: the strategic value of turning ordinary people into exemplars in the news media. *Journalism Studies*, 21(8), 1093-1108. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1720520>
- WHO. (23 de setembro de 2020). *Managing the COVID-19 infodemic: promoting healthy behaviours and mitigating the harm from misinformation and disinformation*. World Health Organization. <https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation>
- Wolfe, T. (1996). *The new journalism*. Picador.

Apêndice 1: Grelha de análise narrativa – Artigos do jornal Público

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
Primeira vaga: março 2020 – agosto 2020	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Isolamento profilático (previsto na Lei de Bases da Saúde e na Lei 81/2009) ▪ Constituição de uma "task force" ▪ Reforço SMS (recursos humanos e materiais) ▪ NEM: ambulâncias dedicadas para doentes suspeitos de terem contraído o vírus ▪ Reforço da Linha Saúde 24 ▪ Criação da Linha de Apoio ao Médico ▪ Direção-Geral da Saúde: medidas de prevenção, controlo e vigilância ▪ agilização do processo de testagem 	<p>20 março 2020 Costa, S.S. Coronavírus em Ovar</p>	<p>TESTEMUNHO DIDÁTICO Depois de tudo o que passei com a minha filha, gostava de dizer a todas as pessoas, estejam ou não infectadas, que não fiquem com medo. ▪ A minha filha foi uma guerreira, esteve mal, mas conseguiu recuperar. E se ela conseguiu, muitos de nós também vão conseguir.</p> <p>RECUPERAÇÃO E ESPERANÇA Mas ambas estão "com vontade de recuperar o mais rápido possível" e esperançosas de que "tudo vai correr bem"</p> <p>CUMPRIMENTO DE NORMAS (ISOLAMENTO) Mas circulo pelo resto da casa, em-bora com muito cuidado para não tocar em nada.</p> <p>SINTOMAS Má disposição, dores de cabeça, dores musculares, febre; cansaço</p> <p>ELOGIO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE Temos muito bons médicos; felizmente.</p> <p>ESTIGMA As pessoas são mesmo más e olham de lado para nós, sem saberem aquilo por que nós passamos.</p> <p>MEDO Eu estava em pânico por não estar com a minha filha</p> <p>CRÍTICA AOS SERVIÇOS HOSPITALARES Acredito que se tivesse sido socorrida mais cedo, o estado clínico dela não teria sido este</p>	<p>Doente: guerreira</p>	<p>Apocalíptica – estigma – medo – personagens – metáfora da guerra</p> <p>Demanda – teor didático – apelo ao cumprimento de normas</p> <p>Restituição – recuperação</p>

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		1 abril 2020 Faria, N. Os “recuperados” da covid-19	<p>MEDO Na altura, era tudo muito assustador ■ Foi rápido mas assustou-me ■ Comecei a achar que o que tinha era de facto muito perigoso ■ Foi horrível</p> <p>ELOGIO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE O que me tranquilizava era saber que, se precisasse, tinha os profissionais do hospital sempre disponíveis. Foram extraordinários. ■ Eles têm um cuidado extremo com os infectados</p> <p>SINTOMAS Dores musculares; tosse, dores de ouvidos, espirros, dores de garganta, ausência de olfato e paladar</p> <p>ESTIGMA METÁFORA: Sentia-me uma leprosa</p> <p>CUMPRIMENTO DE NORMAS (ISOLAMENTO) E hoje fico contente por saber que nem eu nem o meu marido contagiámos outras pessoas</p> <p>CRÍTICA AO SNS24 Inicialmente, a linha de saúde não estava preparada para identificar estes casos</p> <p>POLICIAMENTO DO CORPO Esteja atento a sintomas que não lhes são normais</p> <p>RECUPERAÇÃO O pior já passou</p> <p>APELO AO CUMPRIMENTO DAS NORMAS DE CONFINAMENTO O mais importante que se pode fazer para garantir que, em vez de um pico de infeções, teremos o tal planalto de que se fala nas notícias é ficar em casa</p> <p>CENÁRIO SURREAL (HOSPITAIS) Os médicos e enfermeiros entravam no quarto e pareciam extraterrestres</p> <p>CRENÇA NA RESTITUIÇÃO E NA CURA/ TRATAMENTO As coisas normais a que não se dava muito valor e a que só poderemos voltar quando houver uma vacina.</p>	<p>Doente: prisioneiro de guerra; leproso</p> <p>Demanda</p> <ul style="list-style-type: none"> - teor didático - apelo ao cumprimento de normas <p>Restituição</p> <ul style="list-style-type: none"> - recuperação - crença na cura (vacina) 	<p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - medo - estigma - policiamento - personagens <p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - personagens
		7 abril 2020 Miranda, T. Devo a vida “ao SNS	<p>SINTOMAS Febre, dores musculares, falta de apetite, falta de força, dificuldade respiratória</p> <p>ELOGIO DO SNS O hospital pareceu-lhe “perfeitamente preparado”. Tudo estava “muito bem organizado”</p> <p>ELOGIO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE É a esses que devo a vida</p> <p>APELO AO CUMPRIMENTO DAS NORMAS DE CONFINAMENTO Custou muito, mas a eficácia está provada</p>	<p>Profissionais de saúde; heróis que salvam vidas</p> <p>Restituição</p> <ul style="list-style-type: none"> - recuperação <p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - personagens 	<p>Restituição</p> <ul style="list-style-type: none"> - recuperação <p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - personagens

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		14 julho 2020 Monteiro, R. Saí de casa para o hospital e não vi mais ninguém	APELO AO CUMPRIMENTO DAS NORMAS DE CONFINAMENTO Ao ouvir a minha história, os meus amigos começaram a tomar mais precauções. ■ Não tenho receio, mas vou tentar ter ainda mais cuidado, apesar de achar que já tinha cuidados. ■ Diria às pessoas jovens para, se não se preocuparem por elas, se preocuparem com a família. TRATAMENTOS O oxigénio já estava quase nos 15 litros por minuto, que é o [débito] máximo. ■ No dia a seguir, iniciei o ECMO. ■ Fazer pedaleira de mão. ■ Eu fazia fisioterapia respiratória. SINTOMAS Dores de cabeça, febre, tosse. MEDO Pensava sempre era que, se a tivesse, não ia ser tão forte como foi. ■ Para nós pode ou não ser nada, mas para os nossos pode ser fatal. SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Com a gravidade e a possibilidade de não recuperar: Os primeiros cinco dias foram muito complicados. Foi difícil, estava a ver que aquilo não passava. ■ Ainda não tinha acabado. RECUPERAÇÃO A verdade é que eu recuperei muito mais depressa		Demanda – teor didático – apelo ao cumprimento de normas Apocalíptica – medo Caos – possibilidade de não recuperar Restituição – recuperação
Segunda vaga: setembro 2020 – dezembro 2020	<ul style="list-style-type: none"> ■ 27 de dezembro: início do plano de vacinação, organizado pela DGS em 3 fases ■ Reforço SNS (recursos humanos e materiais) ■ Reforço de testagem 	20 novembro 2020 Lusa Eles venceram a covid-19	RECUPERAÇÃO Tinha de fazer muita força para me levantar e agora já me levanto sozinho. Já não me sinto cansado. ■ “Orgulhoso” das suas “conquistas diárias”. ■ Na primeira semana foi complicado. Agora subo e deço as vezes que forem precisas. SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Há quem recupere rapidamente e quem fique com sequelas para toda a vida. Só o tempo o dirá. A esta distância nenhum médico arrisca dizer-me se vou ou não voltar a andar ELOGIO DO SNS Quero ser útil ao meu país, como o meu país, através dos hospitais, me é útil a mim. Salvaram-me e continuam a tratar de mim SINTOMAS Febre, tosse, cansaço	Profissionais de saúde salvam vidas Caos – possibilidade de não recuperar Apocalíptica – personagens	Restituição – recuperação Caos – possibilidade de não recuperar Apocalíptica – personagens

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		25 de novembro de 2020 Mendes, F.A. Crônica de uma infectada com covid-19	<p>APELO AO CUMPRIMENTO DAS NORMAS Apesar dos meus esforços para convencer os outros (e a mim mesma), durante os últimos meses, de que não somos intocáveis. ■ Continuo a repetir incessantemente a necessidade de cumprirmos as normas e limitarmos o risco ao máximo.</p> <p>TESTEMUNHO DIDÁTICO Não acontece só aos outros.</p> <p>ESTIGMA Aquele amigo que dizia não ter medo "de nenhum vírus", que era contra o confinamento mas que, quando a ameaça se tornou real, se desdobrou em receios e pôs oficialmente em prática o conceito de distanciamento social. E, pior, o estigma — indissociável do medo — que tinha por mim própria.</p> <p>MEDO À culpa, juntou-se o medo. ■ Tenho covid-19. Hoje estou bem, mas será que amanhã vou estar? ■ Indissociável do medo — que tinha por mim própria.</p> <p>SINTOMAS Ausência de olfato e paladar.</p> <p>CRÍTICA À DESORGANIZAÇÃO DAS AUTORIDADES DE SAÚDE (Rastreamento) Desorganização e descoordenação das autoridades de saúde me começaram a preocupar.</p> <p>CULPABILIZAÇÃO Seria culpa minha?</p> <p>RECUPERAÇÃO Fui melhorando, tive alta, fiz parte daquele número de recuperados.</p>	<p>Vírus: inimigo invisível (algo que não conseguimos ver, que não é palpável)</p> <p>– personagens</p> <p>Demanda</p> <p>– teor didático</p> <p>– apelo ao cumprimento de normas</p> <p>Restituição</p> <p>– recuperação</p>	<p>Apocalíptica</p> <p>– estigma</p> <p>– medo</p> <p>– culpa</p> <p>– personagens</p> <p>Demanda</p> <p>– teor didático</p> <p>– apelo ao cumprimento de normas</p> <p>Restituição</p> <p>– recuperação</p>

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		<p>7 dezembro 2020 Freitas, A.C.</p> <p>Percebi que tinha estado resvês com as paredes da morte</p>	<p>SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Tudo continua a ser aleatório, há dias em que estou mais cansada e outros que um pouco menos. ■ O que é que eu trouxe para casa? Trouxe um tromboembolismo pulmonar bilateral, uma pneumonia organizativa, aqueles delírios e alteração de consciência, uma lesão no ombro, menos seis quilos e menos massa muscular, a úlcera de pressão na face esquerda, a memória a falhar e muito, muito, cansaço.</p> <p>MEDO Um pesadelo. ■ Resvês com as paredes da morte.</p> <p>CENÁRIO SURREAL (HOSPITAIS) muitos aparelhos, luzinhas e barulhos a apitar e as vozes de pessoas de bata só com os olhinhos à mostra.</p> <p>CRÍTICA AO SNS Um apoio psicológico "alguém, que me dissesse que o que eu estava a sentir era normal" teria sido importante, avalia. ■ Ali fiquei revoltada, foram uns dias péssimos, chamava àquele quarto as masmorras.</p> <p>ELOGIO AO SNS Trouxe também uma imensa gratidão aos dedicados médicos que "estão ali a salvar vidas".</p> <p>SINTOMAS Perda de voz, febre, dores no corpo.</p> <p>TRATAMENTOS avançar para a ECMO, uma técnica de suporte vital extracorporal.</p> <p>APELO AO CUMPRIMENTO DAS NORMAS Eu tinha todos os cuidados e é preciso que as pessoas saibam que este vírus apanha qualquer um na primeira curva.</p>	<p>Doente: prisioneiro (masmorras)</p> <p>Médicos: heróis que salvavam vidas</p> <p>– personagens</p> <p>Demanda</p> <p>– teor didático</p>	<p>Caos</p> <p>– sequelas</p> <p>Apocalíptica</p> <p>– medo</p>

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		14 dezembro 2020 Moreira, C.F. Isto não acaba para o ano	MEDO E eu só pensei: "OK, já foste". ■ A gente sabe que vai, mas às vezes não volta. ■ Aquilo parte um indivíduo todo. ■ A covid-19 afectou 100% a minha gente. É uma coisa incrível. APELO AO CUMPRIMENTO DE NORMAS vamos ter nova pressão durante algumas semanas, mas com medidas como o uso de máscara, a desinfecção das mãos e o distanciamento, e com a vacina, poderemos decapitar uma possível terceira vaga. SINTOMAS Tosse, febre, diarreia. TRATAMENTOS Tomei hidroxicloroquina, fui dos pioneiros nessas coisas. SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Amnésia pós-traumática. ELOGIO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE Tive o apoio fantástico de muita gente lá em Coimbra e cá no hospital. RECUPERAÇÃO Nesta fase pós-covid. Para mim, é como se não tivesse sido nada. CRENÇA NA CURA/ TRATAMENTO Penso que, em 2021, a vacina nos vai ajudar bastante.	Doente: pioneiro Vírus: agressor invisível (aquilo)	Apocalíptica – medo – personagens Restituição – recuperação – crença na cura/tratamento
		16 dezembro 2020 Ribeiro, C.B., & e Garrido, N. "Uma vida inteira não vai ser suficiente para recuperar o tempo perdido"	MEDO Uma espécie de pesadelo, mas em longa-metragem. ■ Tive tanto medo de o levar para casa quando os meus testes continuavam a regressar positivos. ■ Primeiro balde de água fria: um resultado positivo. ■ Mas, embora ligeiro, o meu processo pesa-me mental e emocionalmente. APELO AO CUMPRIMENTO DE NORMAS Sei, agora, que já estamos mais à frente do conhecimento de como se comporta o vírus e a doença, que algumas medidas podem ter sido bastante zelosas, mas não me arrependo por um segundo de o ter feito. RECUPERAÇÃO Mesmo com todos os contratempos estamos todos, hoje, juntos e saudáveis. SINTOMAS Ausência de paladar e olfacto.		Apocalíptica – medo Demanda – teor didático Restituição – recuperação

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		22 de dezembro 2020 Neves, S. Rui e a arte de enganar a morte durante seis meses	<p>MEDO Eu percebi que estava a controlar-se para não arregalar os olhos e que algo não estava bem. ■ Recordar-se “de estar a morrer”.</p> <p>TESTEMUNHO DIDÁTICO “Um exemplo e uma força da natureza”.</p> <p>ELOGIO AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE Que descreve a unidade como “uma segunda casa”. ■ Os médicos e enfermeiros a salvarem a vida a doentes.</p> <p>RECUPERAÇÃO Rui é o paciente que mais tempo esteve ligado a esta máquina no mundo — e sobreviveu.</p> <p>CRENÇA NA RESTITUIÇÃO E NA CURA/TRATAMENTO Já começo a sentir algo nas pernas. Pode demorar vários anos, mas acredito que vou voltar a andar...</p> <p>SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Não consigo caminhar e não sente as pernas.</p> <p>SINTOMAS Indisposição, dores no corpo, febre.</p> <p>TRATAMENTO O ECMO é uma “espécie de tecnologia de ponta”.</p>	<p>Doente: sobrevivente, (herói de guerra)</p> <p>Profissionais de saúde: heróis que salvam vidas</p>	<p>Restituição – recuperação – crença na cura – estrutura do artigo: Capítulo I: a incógnita da covid-19 Capítulo II: os quatro meses em coma Capítulo III: mais dois meses de cuidados intensivos Capítulo IV: a lenta recuperação</p> <p>Apocalíptica – medo – personagens</p> <p>Demanda – teor didático</p>

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
Terceira vaga: janeiro 2021 – junho 2021	São atingidos os valores máximos de infecções e óbitos (janeiro-Fevereiro) Os serviços hospitalares entram em rutura: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reforço de testagem ▪ Reforço SNS (recursos humanos e materiais) ▪ Alargamento das convenções com sector social, privado e militar ▪ Forte aposta na vacinação (85% da população estava vacinada a 9 de outubro) Abandamento gradual por conta da vacinação	29 janeiro 2021 Carmo, I. Notícias do túnel	MEDO (GRAVIDADE) Alerta para o risco real e atual. <ul style="list-style-type: none"> ▪ O meu colega do centro de SME ordenou, e bem, que fosse à urgência de covid. Se não tivesse ido, tinha morrido, e esse é o primeiro alerta a manifestar. ▪ Esta “hipoxemia feliz” mata. ELOGIO AO SNS Dar graças à vida pela existência do nosso Serviço Nacional de Saúde. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aquilo a que assisti de serenidade, de eficácia, de competência, ficará para sempre marcado como um momento muito alto da minha vida. APELO AO CUMPRIMENTO DE NORMAS (rastrear e confirmar é preciso) Quando lançam o alarme cá para fora, não é um pedido de socorro para eles, é dizer que só o confinamento melhora o problema. TESTEMUNHO DIDÁTICO Penso que o meu testemunho pode servir de alerta e de um enorme reconhecimento. TRATAMENTO Fizeram-me aquilo que está protocolado que se faça: oxigénio, corticóides, broncodilatadores, antibiótico se necessário. DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO SNS Quer isto dizer que reina a paz nos serviços de urgência do Serviço Nacional de Saúde? Não.	Virus: inimigo ultra-invisível Demanda – teor didático	Apocalíptica – medo -personagens Demanda – teor didático

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		14 de fevereiro 2021 Faria, N.	<p>MEDO A sensação que tive foi que já não ia sair viva dali. ■ Agora ando sempre cheio de medo. ■ É assustador e aflitivo para toda a gente. ■ Tende cuidado, porque não sabeis o perigo em que podeis estar metidos. ■ Ia morrer sem poder ver os meus filhos.</p> <p>ELOGIO AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE A minha vida, devo-a aos médicos e enfermeiros. ■ Foram fantásticos. ■ Eles fazem um grande trabalho. Só posso dizer bem da assistência que me deram. ■ Foram todos muito cuidadosos e atenciosos. ■ O pessoal do hospital foi sempre cinco estrelas</p> <p>EXAUSTÃO POR PARTE DO PROFISSIONAIS DE SAÚDE E os profissionais estavam tão estourados que já não tinham paciência para nada. ■ Havia dias em que eles simplesmente não aguentavam tanta pressão. ■ Os médicos e enfermeiros estão a passar um mau bocado.</p> <p>CAOS NOS SERVIÇOS HOSPITALARES (FALTA DE RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS) Os doentes estavam uns em cima dos outros, sem o mínimo distanciamento. ■ E a confusão que eu via à volta não permitia sossegar ninguém. ■ Já nessa altura não havia macas para deitar os doentes. ■ Chegou a acontecer não terem como medir a tensão.</p> <p>CRÍTICA À GESTÃO HOSPITALAR Vidas que podiam ter sido salvas, caso o país tivesse sabido. ■ Muitas ficaram pelo caminho porque não é assim que se salvam vidas.</p> <p>CRÍTICA À GESTÃO POLÍTICA Um dia talvez se faça a história de quantas pessoas morreram que podiam ter sido salvas, se a estratégia e a liderança tivessem sido outras.</p> <p>SINTOMAS Febre, dores de cabeça, dificuldade respiratória.</p> <p>SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Ainda não estou a 100%. Canso-me um bocado a falar. ■ E ainda tenho algumas sequelas em termos de pulmões.</p> <p>CRÍTICA AO INCUMPRIMENTO DE NORMAS (POLICIAMENTO) Malta que ainda anda por aí como se nada fosse. ■ Mas há pessoas que ainda brincam um bocado com o assunto.</p> <p>TESTEMUNHO DIDÁTICO Isto é como uma peste que pode chegar a todos.</p>	<p>Profissionais de saúde: heróis que salvam vidas</p> <p>Doente: leproso</p>	<p>Caos</p> <ul style="list-style-type: none"> - desespero (caos nos serviços hospitalares; críticas) - sequelas <p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - medo - policiamento - personagens

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		<p>24 maio 2021 Monteiro, R. Agradece a tua idade, porque foi o que te safou</p>	<p>SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Nas últimas semanas, tenho-me sentido frustrada. O cabelo caiu-me muito no hospital e continua a cair. ■ Estava a sentir-me melhor há duas semanas do que estou agora.... Agora sinto-me mais cansada.</p> <p>SINTOMAS Febre, tosse, cansaço, tremores.</p> <p>TRATAMENTOS Oxímetro. ■ Espirometro de incentivo.</p> <p>CRÍTICA AO FUNCIONAMENTO DA LINHA SAÚDE 24 A Linha Saúde 24 nunca me tinha falado nisto, não fazia ideia do que era um oxímetro.</p> <p>MEDO Mas sabia que era grave. ■ Agora, quando tenho uma dor, entro completamente em pânico.</p> <p>CRÍTICA À DESVALORIZAÇÃO DA GRAVIDADE DA PANDEMIA Muito mais quando tudo o que oiço à minha volta é: 'A covid-19 é mito,' é uma constipação'.</p> <p>CRÍTICA AO INCUMPRIMENTO DE NORMAS (POLICIAMENTO) Depois mandei-lhes os pedidos dos médicos para as pessoas que estiveram nos festejos ficarem em casa e eles não estão a respeitar.</p> <p>REVOLTA 'Eu sou tão nova! Porque é que estou aqui? Isto só a mim é que me acontece.</p>		<p>Caos</p> <ul style="list-style-type: none"> - sequelas - desespero, revolta (críticas) <p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - medo - policiamento
		<p>8 de junho 2021 Pinto, J.M. Sete meses depois da infeção, eles ainda não disseram adeus à covid-19</p>	<p>RECUPERAÇÃO Hoje não, faço tudo. ■ Algumas coisas foram melhorando, outras mais lentamente, mas conseguimos fazer o dia-a-dia normal dentro dos possíveis.</p> <p>MEDO Quando apanhei covid, eu disse 'bom, pronto, eu vou morrer'. ■ É a pior sensação do mundo, parece que fiquei sem chão.</p> <p>SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Vivem o pesadelo das sequelas há meses (jornalistas). ■ Perda de memória, fadiga, queda de cabelo</p> <p>Nota: Observa-se um contraste entre o discurso da jornalista (pesadelo das sequelas) e dos entrevistados (foco na restituição)</p>	<p>Virus: bicho que está lá fora</p>	<p>Apocalíptica</p> <ul style="list-style-type: none"> - medo - sequelas - personagens <p>Caos</p> <ul style="list-style-type: none"> - sequelas <p>Restituição</p> <ul style="list-style-type: none"> - recuperação

Vagas da Pandemia	Políticas Públicas de Saúde	Artigo	Temas	Personagens	Tipologia narrativa
		25 de Junho de 2021 Chaiça, I. Os jovens que a covid-19 pôs no hospital: "Achava que esta doença era só para matar os velhos"	<p>MEDO (GRAVIDADE) Eu era daquelas que achava que esta doença era só para matar os velhos. ■ Não se assuste quando acordar. ■ Tive percepção de pessoas a morrer, pessoas a entrarem e a saírem mortas durante a semana toda que lá estive. ■ Na minha segunda noite, a pessoa que estava internada ao meu lado faleceu. Não é fácil estar num espaço confinado sabendo que a pessoa ao lado está falecida há cerca de cinco, seis horas. ■ Nunca percebi nem vou perceber porque tive a infecção neste estado tão grave. Supostamente era saudável. ■ Assustou-me bastante. Assustou-me tanto que nem sequer dormi na primeira noite. ■ Tinha medo de ir dormir e não voltar a acordar</p> <p>TESTEMUNHO DIDÁTICO Não ficou com sequelas a longo prazo, mas aprendeu uma lição valiosa: não "descurar" a gravidade da doença. ■ "Acho que só quem passa por isto é que dá o devido valor ao vírus", afirma. E, em jeito de última reflexão, diz: "É importante perceber que nós, jovens, não somos invencíveis nem indestrutíveis, o vírus também nos mata."</p> <p>SEQUELAS (NÃO RECUPERAÇÃO) Em casa, parando a medicação, parecia que tinha sido atropelado. Doía-me tudo, nem tinha posição para estar deitado. ■ Conheço o meu corpo e sei que não estou a 100%, ainda fico cansado com coisas com as quais antigamente não ficava.</p> <p>TRATAMENTOS Cateter fixo das gasimetrias [exame que avalia os níveis de oxigénio no sangue]. ■ ECMO. ■ Fizeram-me um raio-X ao tórax e uma gasimetria para verem os níveis do oxigénio no sangue.</p> <p>SINTOMAS Sensação de sinusite, tosse, ausência de paladar, febre, cansaço, vômitos.</p> <p>CAOS NOS HOSPITAIS Estava a abarrotar, eram cerca de 30 camas para três enfermeiros.</p>		<p>Caos - sequelas - desespero</p> <p>Apocalíptica - medo</p> <p>Demanda - teor didático</p>

Portugal's Literary Journalism: Books, Foundations and the Search for Funding

Jornalismo Literário em Portugal:
Livros, Fundações e a Procura de Financiamento

Manuel Carvalho Coutinho*

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa

RESUMO

Quando se considera o futuro do jornalismo, ouve-se frequentemente palavras de incerteza. Se é verdade que tais perceções são proeminentes em argumentações modernas, então igual discussão deve ser tida em conta quando se fala sobre o futuro do jornalismo literário, um género que normalmente exige mais tempo tanto para os leitores como para os autores, assim como um maior investimento para a sua criação. Sobre esta temática, e dado o presente panorama, é de referir que Portugal não possui ainda uma plataforma de notícias online dedicada ao jornalismo literário, nem existe um jornal/revista ou uma editora específica que imprima especificamente este tipo de obras. Estas razões e outras fazem com que as perspetivas futuras para o jornalismo literário em Portugal pareçam, na melhor das hipóteses, duvidosas. No entanto, nos últimos anos parece haver uma nova tendência em Portugal com o lançamento de vários novos livros de jornalismo literário, tratando-se estes de exemplos notáveis que contribuem para mudar este paradigma. Para compreender como e porquê é que isto está a acontecer, este estudo irá analisar o jornalismo literário português contemporâneo e como novas oportunidades e publicações estão a contribuir para esta transformação.

Palavras-chave: jornalismo literário, Portugal, fundações, editores

* Contacto do autor: mccoutinho@ucp.pt

ABSTRACT

When considering the future of journalism, one often hears words of uncertainty. If such perceptions are prominent in modern discussions, then a similar discussion should be present when talking about the future of literary journalism, a genre that typically demands more time from both its readers and authors, as well as a larger investment to see it through. To this point, and as it stands, Portugal doesn't yet have a dedicated online news platform for literary journalism, nor is there a newspaper/magazine or a specific publishing company specifically printing these types of works. These reasons and others make Portugal's future prospects for literary journalism seem doubtful at best. However, there seems to be a new trend emerging in Portugal in the last couple of years, with several new books of literary journalism coming out, with these notable examples thus contributing to change this paradigm. To understand how and why this is happening, this study will analyze contemporary Portuguese literary journalism and how new opportunities and publications are contributing to this change.

Keywords: literary journalism, Portugal, foundations, publishers

Introduction: Concerning Portuguese literary journalism and the book business

When researching Portuguese literary journalism, one is often met with a number of academic papers and book chapters from the many scholars who research the topic. But we are, as of yet, far from having a publication that specifically studies and researches Portuguese literary journalism in depth. Still, when considering this topic, it is quite common to find a number of literary journalists that continuously seem to be the focus of Portuguese academic scrutiny: from Fialho de Almeida (Rosa, 2019) to Susana Moreira Marques (Trindade, Nery, Amorim & Baltazar, 2020), from Jaime Batalha Reis (Soares, 2020) to Paulo Moura (Coutinho, 2018). And yet, it is the latter that seems to stand out among the list of contemporary Portuguese literary journalists, both for his prolific writing but also for his descriptive and yet approachable writing style, worthy of praise (see Kramer, 2015, pp. 17-19) by one of the founding fathers of literary journalism's North-American academic study: Mark Kramer, co-editor of *Literary Journalism* (1995) and *Telling True Stories* (2007).

At the same time, Moura represents an important addition to Portugal's public policy, in the sense that his work has continuously touched upon relevant national and international matters. To this point, while *Longe do Mar* (2014) is a clear contribution to better understand a forgotten side of countryside Portugal (as we will see), more recent books — such as *Uma Casa em Mossul* (2018), and *Viagem ao Coração de uma Guerra Futura* (2022) — are both great examples of his reporting abroad. Indeed, they are both valuable journalistic contributions on two distinct

and complex political issues at the time of publication: the first being a report on the fight against the self-proclaimed Islamic State and its aftermath in Mossul, and the second concerns Russia and former-USSR countries from 1995 to 2022, and is indirectly related to Ukraine's War. To this point, Moura's work seems to continue to contribute to form public policy, due to the fact that his work throughout the years has, again and again touched upon important and relevant topics of its time, through this journalist's insight, research and writing.

Still, while Moura continues to publish noteworthy books of reportage, his *Longe do Mar*, however, continues to endure as one of his most seminal works and perhaps one of the best to introduce Portugal's literary journalism to new readers. And, since it is published in book form, it is still widely available, therefore prolonging the reach and life of the journalistic articles within it. At the same time, *Longe do Mar*'s structure, subjects and themes throughout serve as an engaging narrative and a great book to analyze and explore with Portuguese speaking students. Since the book compiles several different articles printed in newspapers prior to the book's publishing, the stories in it can be read separately and therefore presented in class with no need for an intricate context. Indeed, each chapter in it makes sense in the setting of the book and in no way does one feel that it is merely a mix bag of different articles assorted together with no narrative tread. That is, in part, because it compiles reports all taking place in cities and villages around highway EN2: the longest road in Portugal, crossing the whole nation through the countryside. And so, with this guiding principle, *Longe do Mar* ends up following a common perspective and theme, although each story in it often varies deeply in style and approach. At the same time, each chapter can be accompanied by a wider context behind the real (and still quite recent) news articles depicted in *Longe do Mar*, and how other news outlets, at the time, choose to tell the very same stories.

Indeed, and to this point, consider now one of Moura's articles included in this book: the story of Joana Fulgêncio, a twenty-year-old woman who lived with her mother in Viseu, Portugal (Moura, 2014, pp. 45-49). As the story progresses, it explores Fulgêncio's complicated relationship with her boyfriend, her mother's supportive role in her life and the young woman's dreams of one day working as a TV anchor. As the narrative devolves into what appears to be just another juvenile love story, it unexpectedly takes a turn. After the young couple had a fight, Fulgêncio disappears. Her boyfriend tells an elaborate story involving carjacking and kidnapping, but later admits to the authorities that he took her life. What stands out about Moura's article is that if we have no knowledge of this story beforehand, we, the readers, are at no point aware of what will ensue. Moura keeps the narrative light, almost childish at one point, before he suddenly reveals the events that unfolded as we become aware of the protagonist's tragic fate. Fulgêncio's story

would go on to inspire other journalists, such as Fernanda Cândia's *É só porquê*s (2009), and even a feature film *Amor Impossível* (2015). And yet, as we here argue, Moura's report on the topic, reprinted in the book *Longe do Mar*, still stands out as a noteworthy example of Portuguese literary journalism.

That being said, and as we return to the importance of Moura's *Longe do Mar*, we should note how that this narrative stands out not only because of the examples of literary journalism contained in it. In fact, from a technical and commercial standpoint, for example, and concerning Portugal's book market for literary journalism, it should be said that *Longe do Mar* is certainly out of the ordinary: with close to 120 pages, its price tag is just 3,5€. If you consider Moura's other books, and this also includes his fiction novels, the price tag ranges between 14€ and 29€ (with the exception of *Passaporte para o Céu*, 2006). For context purposes we should emphasize that these price tags for books are quite common in Portugal, with most publishers typically favoring bigger pages — A5 or larger —, sizable lettering and wider line spacing; instead of traditionally cheaper and smaller options like the pocket books that many major international publications favor (like Penguin Books, for example). Still, while pocket books don't necessarily represent the majority of the literary world, it is still quite indicative that there is a trend here. Indeed, we can see similar price tags in other examples of Portuguese literary journalism in book form, like: Alexandra Lucas Coelho's *Tahrir! Os Dias da Revolução* (2011) – 13€-14€; Tiago Carrasco's *A Estrada da Revolução* (2011) – 14€-15€; and Susana Moreira Marques' *Agora e na Hora da Nossa Morte* (2012) – 14€-15€, as well as its English translation, *Now and at the Hour of Our Death* (2015) – 17€-18€ (one of the few examples of Portuguese literary journalism translated into English and widely available for purchase).

Before moving on, it should be disclosed, since this is an important aspect of this study, that these prices are typically not the authors' fault. In fact, publishers, for the most part, are the ones who have control over the whole process, including a book's format, its price tag and the expected revenue for its author or authors. But in a small country like Portugal, where a recent study (Gouveia, 2021) revealed that 40% of its population only reads one book a year, and given that there aren't many book publishers; one wonders if better book prices could help improve these numbers (that and a reasonable and realistic cultural and educational investment).

Books of literary journalism and a new world for Portuguese literary journalism

Following the previous argument, bear in mind that lower prices could indeed open room for affordability and accessibility, even if that wouldn't necessarily mean a bigger readership (although we argue that it couldn't hurt). Furthermore,

from an educational and academic point of view, this issue seems much clearer: indeed, a decrease in price seems like a natural and solid solution to increase ease of access to different examples of literary journalism in class (and, perhaps, it could even inspire students to explore these and other options by themselves, without breaking the bank). At the same time, it should be noted that research books on the topic of Portuguese and international literary journalism are also generally expensive, which further adds to the problem at hand. Consequently, as we here argue, asking a student to buy a 3,5€ book, like Paulo Moura's, where its contents effectively showcase some of the best work by one of the most noteworthy contemporary Portuguese literary journalists, does seem like a doable and reasonable proposal to begin with, and a good starting point in academic terms.

Another solution to increase accessibility to cheaper options of literary journalism in class, would be to consider online platforms dedicated to the craft. Although, given the costs and specificity that define said platforms, these are typically sustained by a pay wall of sorts or by a limit of free articles, ultimately allowing for a continued stream of noteworthy stories and diversity (which adds to the argument that these platforms are typically not for everyone). This, however, does prove to be another challenge, at least when talking about Portugal. Indeed, currently there is still no Portuguese online platform sustainable and profitable — from an economic standpoint — dedicated to high quality long form journalism (although Portuguese news platform *Divergente* is worth a mention). At the same time, according to *Reuters Institute Digital News Report* of 2023, Portuguese news readers do not seem to be keen in paying for online news content and their overall trust in media has been declining. This, ultimately, means that Portuguese speaking readers who seek to find and read literary journalism, from and about Portugal, must, for the most part, choose between books or magazines/newspapers (and, to this point, it is difficult to argue with the notion that the latter has been steadily declining in readership and printing, as shown in the same Reuters' report). Furthermore, while Anglo-Saxon countries might have more options, in terms of online platforms for long form journalism, the fact is that Portugal and other nations with a smaller regional representation online are still, for the most part, deprived of it. And, as we here argue, in here lies the issue behind the difficult access to noteworthy and important works of literary journalism nowadays, and how there is a pressing need for a shift in the present paradigm.

Additionally, while there are reasons to believe that book form isn't yet the benchmark for publishing Portuguese literary journalism, with newspapers/magazines and online journalism still occupying that role — just like it isn't the benchmark for most of worldwide literary journalism, for that matter — recent events, however, seem to contribute to accelerate that change. To this point, the reason

why this appears to be happening does seem to be connected, more and more, to journalism's structural and editorial changes in recent years, and the subsequent need for newsrooms to keep profits whilst cutting costs (and how this trend often means cutting journalists off the payroll). For example, Paulo Moura and Alexandra Lucas Coelho, two of the most prolific contemporary Portuguese literary journalists, decided to quit newspaper *Público* in January 2017, in face of the new Director's changes to their contracts and structural reshaping of the newspaper. For Paulo Moura it was the end of a work relationship of 27 years and for Alexandra Lucas Coelho the end of 19, both deciding to leave *Público* simultaneously — alongside journalist José Vítor Malheiros — as a sign of protest. As an older generation that was actively still working, Moura and Coelho's longer contract with *Público* was, however, part of the exception. Indeed, for younger generations of Portuguese literary journalists, like Susana Moreira Marques and Tiago Carrasco, they, like others in the journalism world, have only known short-term contracts throughout their careers, while mostly experiencing freelance work and other seasonal opportunities.

Interestingly enough, and given the present predicament, when asked about the future of journalism under these circumstances, Paulo Moura does seem to defend the theory:

(...) that journalism has to become financed [by other outlets] because these are subjects of public interest (...) someone must finance them because they will never be commercially [successful]. (...) It must be an enterprise that invests in it because that brings them prestige and they take [that] responsibility in a different manner (...). [T]here must be an entity like a foundation that finances journalism (...). (Coutinho, 2018, pp. 392-3).

Rethinking the future of journalism through foundations, or even through travel prizes and non-profit organizations, is not a new discussion, and indeed its true efficacy can be seen as a possible workaround in a time where old revenue models prove to be inadequate to sustain long form journalism as we know it. But is this workaround temporary or did it come to stay? And could similar models truly work for literary journalism? In a way, it seems to be already happening in Portugal. Take the example of journalist Susana Moreira Marques and the book we previously mentioned: *Agora e na Hora da Nossa Morte* (2012). The idea to write this book began when the journalist was exploring the subject of palliative care programs in Portugal and the medical efforts to give relief from pain and serious illness for people living in rural areas, who, due to their location and economical status, often have a harder access to this type of treatment. And, coincidentally, while researching the subject Marques found a health program financed by

Foundation Calouste Gulbenkian. As the journalist got into contact with Gulbenkian, they suggested coming up with some sort of documentary that could bring focus to the project, and so came the idea of the book (as explained in Coutinho, 2018, pp. 368-9). While one could expect the book to focus on the palliative care program itself and Gulbenkian's staff, Marques' explained how the end result was different: "The book isn't even about the project. The book tells the stories of these people and it is a reflection (...) about the end of life and the journey that I did."¹ The book, in itself, is thus a journey through the lives of these anonymous individuals in countryside Portugal, their stories and struggles to cope with aging relatives and their desire for a dignified end of life: there, in the house and village they have known all their lives.

As an example of literary journalism, Marques' book stands as a case in point of the possibilities and success of these types of funding and the amount of creative freedom allowed by a foundation, in this case Gulbenkian, who ended up fully paying the book's first edition, whilst giving room for the journalist to choose its book's focus, approach and contents.

At the same time, and in terms of other types of subsidies, one could argue that crowd funding can be seen as another possible path for successfully financing journalism, although, as of yet, in Portugal, these have had small success. Indeed, while it is noteworthy that, for example, the backing of the documentary *Até lá Abaixo*, through crowd funding platform *iFundNews*, was seen as a victory back in 2014 (the documentary being a follow-up to the 2011 book of the same name, by journalist Tiago Carrasco), there are yet to be other journalistic projects funded by that platform. And, ultimately, *iFundNews* ceased its social media presence and engagement that very same year of 2014 and, so far, there appears to be no other platforms in Portugal with the same degree of success for outside projects such as this one (although, on the matter, we should note that this does not mean that there are no examples of successful crowdfunding of Portuguese independent journalism, with platforms *Divergente*, *setenta e quatro* and *Fumaça* being examples worthy of mention on the topic).

Still, it would appear that there are other financial options for Portuguese literary journalism, such as the one that successfully supported Paulo Moura's already mentioned 2018 book *Uma Casa em Mossul*: an in-depth reportage during the aftermath of Battle of Mosul, which was financed by a travel prize award. The journalist would later remark in an interview that with the monetary support came no constraints or directions whatsoever, apart from a small sticker in the

1. Translated by the author of this essay from the original quote by Susana Moreira Marques during an interview for Portuguese radio station Antena 3: "O livro nem sequer é sobre o projecto. O livro são as histórias destas pessoas e é uma reflexão (...) sobre o fim da vida e esta viagem que eu fiz."

back cover of the book identifying the name of the prize givers (M. Santos, 2018). But then again, these awards and prizes aren't common place, and the one entity that specially financed Moura's book — *Nomad's* travel agency — has since ceased awarding said travel prize.

Ultimately, while these examples are noteworthy and a sign that there are options for Portuguese literary journalism beyond the traditional medium of news media; these, however, do not necessarily mean that this is a new trend, or that these can indeed help change the current environment that literary journalism seems to need in order to thrive in Portugal. Indeed, these award givers and book publishers don't seem to have started a trend of supporting similar projects, and thus, for the most part, while the mentioned examples are important, they are mostly isolated cases. Still, as we will argue, there appears to be a recent transformation concerning Portuguese literary journalism in book form, one that is carving a positive path in the development and growth of this genre.

Retratos and the role of foundations in publishing Portuguese literary journalism

We've started this essay by addressing Paulo Moura's *Longe do Mar* and how this book represents a remarkable staple of contemporary Portuguese literary journalism. Due to its narrative style, themes and direction, as argued, the book stands out as an important depiction of the many stories within the often-forgotten countryside Portugal: a vast geographical landscape in much need of analysis and focus, further making its subject line current and enduring. We have also argued for the affordability of this book, in comparison with other examples on the market, therefore making it an appealing prospect for readers and academics alike, as well as a remarkable book to show students in order to effectively introduce them to contemporary Portuguese literary journalism. Interestingly, what separates *Longe do Mar* from the other books we've addressed so far, is that it is not a one-off: it didn't come from a publisher that tried to publish long form reportage and then backed out from the trend, possibly due to lower than expected profits or a lack of funds. In fact, *Longe do Mar* opened room to a new collection of essays that we here argue are changing the landscape of Portuguese literary journalism, and are yet to be fully analyzed by academia. To address this matter, let us first give a short introduction and background to the publisher of these essays.

Back in 2009 Alexandre Soares dos Santos and his family started the Foundation Francisco Manuel dos Santos (FFMS) in order to study the greater economic issues in Portugal. To do this, this Foundation focused on a non-lucrative approach centred mainly in publishing books and different studies, and by creating an online platform with official and certified statistics about Portugal and Europe.

While the Foundation expanded and broadened its scope, it was during the last year of its first presidency (2009 to 2014) that a new project was implemented: *Retratos* (translated to Portraits). *Retratos* was to be a collected series of new and original books that sought to be less scientific or academic, like most of the other Foundation's publications, and instead these would be more like a larger piece of reportage, a work of research with the focus on real life stories about Portugal and the Portuguese population (L. Santos, 2018). This new collection started in May 2014, with the release of four distinct books financed by the Foundation, including in it *Longe do Mar*, by Paulo Moura. Since then, *Retratos* has released over seventy books, all concerning different subjects and written by different authors, with a large number of new releases scheduled each year.

It should be noted that not all books in *Retratos* could be, or should be, considered literary journalism, although there are many that certainly can be seen through that lens. In fact, we should note that more than half of the authors in this collection aren't journalists — a necessary condition for literary journalism — with authors coming from various areas such as: anthropology, sociology, philosophy, science, art, among others. While every book in this collection is singular in its topic, style and approach, there is however a similar guiding structure throughout: each book is around 100 to 120 pages, its paper size is slightly shorter than A5, the price range is 3,5€, or 5€ for new releases, there are no pictures besides the one on the cover, and each book has the same Director of Publications — António Araújo. To further explore the idea behind this collection, I got in contact with António Araújo in an informal conversation about the Foundation's publications and the idea behind *Retratos*: a collection that we here argue as being a fruitful contribution to publishing contemporary Portuguese literary journalism.

In our conversation, Araújo was quick to point how *Retratos* came to be:

Our founder wanted the foundation to be completely focused on the study of Portugal's contemporary reality from the social point of view, economic, institutional, etc. (...) Then at a certain point we felt that there was a need to complement this with a collection that was more narrative (...). Where the authors were journalists or writers, not necessarily academics (...).^[2]

2. Translated by the author of this essay from the original interview conducted in Portuguese for the purposes of this study [following quotes from this interview will only include the note "Translated by the author of this essay from" followed by the original quote in Portuguese, in the footnotes]: "O fundador pretendia que a fundação tivesse completamente concentrada no estudo da realidade contemporânea do país do ponto de vista social, económico, institucional, etc. (...) E depois a dada altura nós sentimos alguma necessidade de complementar com uma colecção que tivesse texto (...) mais narrativa. Que fossem os autores fossem jornalistas ou escritores, não académicos (...)."

Following this explanation, Araújo then explained the three pillars of this publication, the main focus of the books' financial support and topic: "In our approach to the *Retratos* collection, [the first pillar] would be institutional: an author working (...) in an urgent care centre, in a prison, in a court room (...)." [3] This approach can clearly be seen in several of *Retratos*' books, that, for that matter, we here argue to be examples of literary journalism. Consider, for example: *Urgência* (2014) by journalist Joana Bénard da Costa, about an emergency care service in one of Lisbon's busiest hospitals; *A Escola* (2015) by journalist Paulo Chitas, where the author follows an innovative school program in an impoverished area and the efforts made to fight failing grades and school dropouts; *Guardas de passagem de nível* (2017) by journalist Carlos Cipriano, about the dying profession of level crossing keepers, that is, the railway staff who looks after a train level crossing; and *Vida de prisão* (2018) by journalist Pedro Prostes da Fonseca, concerning prison life and first-hand accounts by ex-inmates, guards and others involved in the Portuguese prison system.

The second defining pillar and focus for *Retratos*, according to António Araújo, would be: "Personal stories, where we take an individual or a specific group and we follow that person or group (...)." [4] This can be seen in a number of other *Retratos*' books, that, again, deserve to be further analysed through the lens of literary journalism. Consider, for example, the following: *A Porteira, a madame e outras histórias de portugueses em França* (2015) by journalist Joana Carvalho Fernandes, about the Portuguese emigrant population currently living and working in France; *Em nome da filha* (2017) by journalist Carla Maia de Almeida, about individual stories of domestic violence in Portugal and why the implications of this issue should come to the forefront of the political agenda; *Filhos da Químio* (2018) by journalist Nelson Marques, concerning the story of five pregnant women living with cancer and their fight to preserve their unborn children's life; and *Os pombos da senhora Alice* (2020) by journalist Ana Catarina André, a book that tells the story of an older generation and their day to day lives, and how these are often rooted in solitude and social discrimination.

The third and last pillar, as pointed out by *Retratos*' Director of Publications, is: "Regional: and by regional we don't mean that we have to cover the whole country systematically, or sort of like a guide, but by considering various regions (...)." [5]

3. Translated by the author of this essay from: "(...) nas abordagens na colecção dos *Retratos*, uma seria institucional: um autor trabalharia (...) nas urgências, nas prisões, numa sala de tribunal (...)."

4. Translated by the author of this essay from: "História pessoais, pegávamos num caso pessoal ou de um determinado grupo e seguiríamos essa uma pessoa ou um grupo."

5. Translated by the author of this essay from: "E outro seria regionais: na parte regional não significa fazer uma cobertura do país tipo guia de Portugal ou sistemática, mas ir pegando em regiões tão diversas."

This perspective can be seen in the book that opened this study – *Longe do Mar* (2014) by journalist Paulo Moura – but it can also be seen as a guiding principle in other noteworthy *Retratos*' books. Consider, for example, the following: *Portugal de Perto* (2014) by journalist Nuno Ferreira, where the author depicts a journey through Portugal and the many stories he encountered along the way; *Porto, última estação* (2017) by journalist Mariana Correia Pinto, about the civil parish of Campanhã and the financial and social problems that affect those living in it; *Ainda aqui estou* (2018) by journalist Patrícia Carvalho, concerning the forest fires that took place in 2017 and its tragic consequences; and the book *Ilhas da Ria* (2021) by journalist Maria José Santana, concerning the often forgotten islands of the Ria de Aveiro region; to name a few.

With these and other journalists published in *Retratos*, and concerning the contents of the mentioned books, it is thus reasonable to assert that this Foundation is actively supporting contemporary Portuguese literary journalists and their respective research. Indeed, according to António Araújo, the Foundation recognizes the importance of journalism and how periodical publications help shape *Retratos*', since oftentimes the journalists chosen to be published have previously written in a newspaper/magazine about a certain subject that interests the Foundation. And, when that happens, Araújo invites the journalist to present a lengthier research on the topic, and, as he explains:

(...) the authors are more than happy for the opportunity, given that they had [already] accumulated this material. A lot of times they don't even need to do further fieldwork since they already have a lot of material and, [in fact,] they would have liked to write a larger reportage to begin with, but their newspapers had no room for it. (...) The Foundation aims to cover a gap that exists in journalism, in press, a gap that also exists in other publishers.⁶

Because of this, it should be noted that not all books published in *Retratos* were originally financed and written for this specific publication, even if the assembled material in the end is, in itself, a complete and separate work of Portuguese literary journalism. And, for that matter, we have here purposefully referred to several examples of *Retratos* in order to bring attention to some of the ones that we consider to better fit the cannon of Portuguese literary journalism. By doing so we hope to incentivize readers, students and academics alike to explore them; and with it we

6. Translated by the author of this essay from: "E quando eu falo com os autores eles até ficam contentes porque tinham material que acumularam. Muitas vezes nem precisam de fazer mais trabalho de campo, pois já tinham feito material e até gostariam de ter escrito uma grande reportagem, mas não têm espaço nos jornais para o fazer (...)."

also here hope to contribute to expand future literary journalism studies on the subject.

Interestingly enough, while we previously argued that the price for each *Retratos*' book is undoubtedly competitive (as mentioned, it is currently 3,5€ for each book), that very same price has meant a harder job for the Foundation to sell and promote them in bookstores. In fact, as Araújo explained:

(...) bookstores don't want these books. They don't want to have books that cost three and half euros to occupy their shop windows; they would rather have books that are fifteen, twenty or thirty euros. So, we often have to (...) pay to have our own book stands and we can't release new books all year round.^[7]

This constraint would certainly hinder any publisher that hopes to promote its catalogue in bookstores — or that seeks to make a profit — so it is noteworthy that, despite this, the Foundation has strived to find its way into different bookstores across the country with relative success. With this in mind, and considering the prospects of contemporary literary journalism, let us conclude this essay with an eye on the future.

Conclusion: Portugal as a case study and the role of foundations and book form for contemporary literary journalism

Throughout this study, there were multiple reasons given to support the argument that, in the current landscape of Portuguese literary journalism, *Retratos* can represent an opportunity to give voice to a new generation of journalists. This collection can also be a way to broaden the horizon on different subjects concerning Portugal and, to this point, reach a different and perhaps wider public because of it. Indeed, it should be noted that there are remarkable examples of Portuguese literary journalism concerning foreign countries and foreign subject matters, such as the already mentioned *Tahrir* (2011) by Alexandra Lucas Coelho, *Estrada da Revolução* (2012) by Tiago Carrasco, *Uma Casa em Mossul* (2018) by Paulo Moura, and, more recently, *Ali está o Taras Shevchenko com um tiro na cabeça* (2023) by Ana França; among others. These books must and will continue to exist, and thus *Retratos*, as it stands, won't substitute other publishers' much needed support for these journalists and their respective investigative work abroad. At the same time, *Retratos* won't substitute newspapers/magazines or other publishers that seek to

7. Translated by the author of this essay from: "(...) as livrarias não querem. As livrarias não querem que lhes estejam a ocupar espaço de montra com livros a três e meio, quando podem ter livros de quinze, vinte ou trinta euros, ou o que for. Por isso é que nós temos de fazer (...) expositores próprios, muitas vezes pagamos e não podemos fazer lançamentos o ano inteiro."

invest in journalists researching in Portugal and the many important stories yet to be told in various mediums. The investment done by these different periodical publications and publishers continues to be necessary to support Portuguese literary journalism and it is essential aspect for this genre to continue to exist, in book form or in any other viable option, both commercially and professionally.

Still, as we explored before, publishers' specific investment in literary journalism isn't commonplace, at least not in Portugal. In fact, it should be said that there have been noteworthy efforts worth mentioning, particularly with the series *Cadernos de Reportagem* by Dom Quixote and *Literatura de Viagens* by Tinta-da-China; but the first ceased its publication early on and the second is a mish-mash of travel books, with some notable exceptions of Portuguese literary journalism. At the same time, efforts to publish these types of books of investigative journalism tend to only to give a platform to more established journalists that, expectedly and justifiably, from a financial standpoint, can offer some promise of returns for the publisher's initial investment. With that in mind, while we here argue that funds from Foundations might not represent long-term solutions for the continuity of literary journalism, or at least it is too early to assert that it will be so, we should, however, recognize the value of this investment and the impact it can have for new journalistic voices.

This is why *Retratos*, as argued, represents a much-needed contribution to Portuguese literary journalism, not only for its stream of financial support, but also for effectively giving room to publish books about lesser-known — and, at times niche — topics in Portugal. Because *Retratos* often gives room to publish different existing reportages in book form, it is a way for journalists to finally give voice to their work as a whole, and thus make use of all the source material they have gathered, source material that could otherwise be confined to a drawer (or to years of trying to publish it as a book or in a long form online format that is financially justifiable and sustainable). At the same time, since it doesn't aim for profit, *Retratos* also regularly publishes first time authors giving them recognition and a proof of their work that, ideally, can serve as a ramp for future endeavours in book form. And, as António Araújo explained, these books reach a large audience in Portugal, in part due to the publication's policy of: "(...) donating many of our books to schools, prisons, everywhere; and these contributions, and mostly our sales, have allowed us to publish almost a million and half books."⁸

At the same time, and as we reach our conclusion, it should also be pointed out that, so far, the vast majority of these books are yet to be formally analysed or even

8. Translated by the author of this essay from: "(...) nós fazemos uma grande oferta de livros para escolas, para prisões, para tudo; e nós com estas ofertas e sobretudo vendas já estamos com quase um milhão e meio de livros."

recognized by Portuguese academia, and the journalists published in *Retratos* are, for the most part, not known currently by the scholars that seek to study Portuguese literary journalism. Because of this, this study not only hopes to make these books better known, but, at the same time, this essay hopes to serve as a stimulus to Portugal's communication sciences and media/journalism academia, as well as a rallying cry to those that wish to read, understand and treasure contemporary Portuguese literary journalism. *Retratos* thus represents a unique opportunity to grow and establish contemporary Portuguese literary journalism as a literary and journalistic form, one that can no longer be ignored or overlooked. And, because Fundação Francisco Manuel dos Santos is one of the few publishers in Portugal consistently giving room to young and working journalists, by supporting these important works of reportage, these books, and all the others yet to come, could mean a brighter future for Portuguese literary journalism and the possibility for a continued investment in long form reportage.

Bibliography

- Almeida, C. M. (2017). *Em nome da filha*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Amorim, R. & Baltazar, R (2020). Behind the Mountains, Dying, Alone. *Literary Journalism Studies*, Vol. 12 (1), pp. 195-196. <https://ialjs.org/august-2020-vol-12-no-1/>
- André, A. C. (2020). *Os pombos da senhora Alice*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Câncio, F. (2009, November). É só porquê. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/portugal/e-so-porques-1432999.html>
- Carvalho, P. (2018). *Ainda aqui estou*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Carrasco, T. (2011). *Até lá Abaixo*. Oficina do Livro.
- Carrasco, T. (2012). *A Estrada da Revolução*. Oficina do Livro.
- Chitas, P. (2015). *A Escola*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Cipriano, C. (2017). *Guardas de passagem de nível*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Coelho, A. L. (2011). *Tahrir! Os dias da Revolução*. Tinta-da-China.
- Costa, J. B. (2014). *Urgência*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Coutinho, M. (2018). *21st Century Literary Journalism: Narrative Techniques and the Concept of Plot and Hero*. [PhD Dissertation, Universidade Nova de Lisboa]. Run UNL. <https://run.unl.pt/handle/10362/49928>
- Fernandes, J. C. (2015). *A Porteira, a madame e outras histórias de portuguesas em França*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Ferreira, N. (2014). *Portugal de Perto*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Fonseca, P. P. (2018). *Vida de prisão*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Gouveia, H. F. (2021, March). A conversão dos convertidos? *Público*. <https://www.publico.pt/2021/03/12/opiniao/noticia/conversao-convertidos-1954239>
- Kramer, M. (2015). Prefácios. In P. Moura, *Passaporte para o Céu* (pp. 17-19). Dom Quixote.

-
- Kramer, M., & Call, W. (Eds.). (2007). *Telling True Stories*. Penguin Books.
- Marques, N. (2018). *Filhos da Quimio*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Marques, S. M. (2012). *Agora e na Hora da Nossa Morte*. Tinta-da-China.
- Marques, S. M. (2015). *Now and at the Hour of Our Death*. Any Other Stories.
- Moura, P. (2014). *Longe do Mar*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Moura, P. (2015). *Passaporte para o Céu*. Dom Quixote.
- Moura, P. (2016). *Extremo Ocidental*. Elsinore.
- Moura, P. (2016). *Depois do Fim: Crónica dos Primeiros 25 Anos da Guerra de Civilizações*. Elsinore.
- Moura, P. (2018). *Uma Casa em Mossul*. Objectiva.
- Moura, P. (2022). *Viagem ao Coração de uma Guerra Futura*. Objectiva.
- Pinto, M. C. (2017). *Porto, última estação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Reuters Institute. (2023). *Reuters Institute Digital News Report*. <https://www.digitalnews-report.org/>
- Rosa, V. (2019). *A cidade de Lisboa no jornalismo literário de Fialho de Almeida*. [Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas]
- RTP-Play. (2013). *Prova Oral: Susana Moreira Marques «Agora e na hora da nossa morte»*. <https://www.rtp.pt/play/p260/e120136/prova-oral>
- Santana, M. J. (2021). *Ilhas da Ria*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Santos, L. (2018, February). António Araújo: «Queremos que nos leiam». *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/artes/antonio-araujo-queremos-que-nos-leiam-9132988.html>
- Santos, M. (2018, July). Dez dias que (quase) abalaram um repórter. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/07/27/culturaipsilon/noticia/dez-dias-que-quase-abalaram-um-reporter-1838340>
- Sims, N., & Kramer, M., (Eds.). (1995). *Literary Journalism*. Ballantine Press.
- Soares, I. (2020, August). A Vision of Empire: Irish Home Rule, the Scramble for Africa, and Portuguese Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*, Vol. 12 (1), pp. 82-109. <https://ialjs.org/august-2020-vol-12-no-1/>
- Trindade, A. & Nery, I. (2020). Scholar-Practitioner Q&A: Alice Trindade and Isabel Nery Interview Susane Moreira Marques. *Literary Journalism Studies*, Vol. 12 (1), pp. 150-161. <https://ialjs.org/august-2020-vol-12-no-1/>

SOBRE A REVISTA

Public Sciences & Policies (PS&P) é uma revista interdisciplinar em ciências sociais, com foco em políticas públicas, administração pública, comunicação política e governação com abrangência internacional. PS&P publica artigos originais que são submetidos a um processo rigoroso de revisão por pares. As prioridades da Revista para publicação são trabalhos que:

- Apresentem investigação teórica, metodológica e empírica que contribua para o avanço do conhecimento em políticas públicas, administração pública e governação.
- Apresentem investigação teórica relevante relacionada com os problemas globais de políticas públicas.
- Promovam diversidade de estudos que abordem diferentes áreas geográficas, metodológicas e teóricas.

NORMAS PARA AUTORES

1. A contribuição é original e inédita e não se encontra sob revisão ou para publicação junto de outra revista. Caso contrário, deve-se justificar em “Comentários ao Editor”. A revista adota uma abordagem pluralista e incentiva submissões independentemente da abordagem metodológica e do país de estudo. São aceites para publicação, artigos em português, inglês e espanhol. Os artigos publicados são predominantemente artigos originais, sendo também aceites artigos de revisão que avaliem o estado da arte das políticas públicas.
2. O manuscrito deverá ser submetido num ficheiro editável e conter até 8.000 palavras, incluindo título, um resumo de 200 palavras no máximo, introdução, métodos e materiais, resultados, conclusões, referências, figuras e tabelas. As figuras e tabelas devem apresentar legenda. As figuras devem estar em alta resolução — inserir figuras e tabelas no corpo do texto e não no final do documento. Informações complementares devem ser submetidas em documentos separados.
3. A PS&P segue as normas do manual da APA (American Psychological Association) 7.^a edição para as referências bibliográficas.
4. É reservado aos autores os direitos em relação ao conteúdo da investigação sendo esta de total responsabilidade dos autores. Os trabalhos publicados na revista *Public Sciences & Policies* podem ser reproduzidos total ou parcialmente desde que citada a fonte. O autor detém os direitos autorais dos artigos publicados na revista. Os direitos da primeira publicação pertencem à revista *Public Sciences & Policies*. A revista poderá reproduzir os trabalhos publicados noutros meios para maior divulgação. Os autores aceitam as políticas de acesso aberto enviando os artigos para a revista. Esta segue a política de acesso aberto e gratuito a todos os artigos publicados. O trabalho não será aceite caso seja detetada qualquer ilegalidade, fraude ou comportamento antiético. Os dados pessoais fornecidos pelos autores serão utilizados apenas para a respetiva publicação.
5. Os autores receberão um exemplar cada da versão impressa da revista.

PROCESSO DE REVISÃO POR PARES

Todos os artigos submetidos passarão por uma avaliação preliminar pelo Conselho Editorial para aferir a adequação às normas e critérios da revista. A revista recorre a um processo de revisão anónima de pelo menos dois revisores. Validada a adequação do artigo no âmbito da revista o artigo serão submetidos a arbitragem dos revisores. Os pareceres dos revisores serão encaminhados aos autores, sob anonimato, para sejam realizadas as devidas revisões. A decisão final sobre a publicação do artigo proposto será tomada pelo Editorial Coletivo, considerando os pareceres dos revisores e as revisões efetuadas. O processo de arbitragem científica das recensões cabe ao Editorial Coletivo.

ABOUT THE JOURNAL

PS&P focuses primarily on the interdisciplinary areas of social sciences, such as public policy, public administration, political communication, and governance that have consequences of broad, international significance. It publishes original articles, which are assessed through a rigorous peer-review process. The journal aims to:

- Enable theoretical, methodological, and empirical advances in the study of public policy, public administration, and governance.
- Enable cutting-edge research connecting theoretical research with real-world policy problems and vice-versa.
- Encourage diversity in geographical, methodological, and theoretical approaches.

AUTHOR GUIDELINES

1. The submission has not been previously published, nor is it before another journal for consideration (or an explanation has been provided in Comments to the Editor). The journal takes a pluralist approach and encourages submissions regardless of the methodological approach and country of study. Also, *Public Sciences & Policies* publishes articles in Portuguese, English, and Spanish. Articles published are predominantly original research articles, but review articles that assess the state of the art of the policy field are also welcomed.
2. Your manuscript should be an editable file have up to 8.000 words, including title, abstract up to 200 words, introduction, methods and materials, results, conclusions, and references, figures and tables. Figures and tables should have legends. Figures should be uploaded in the highest resolution possible—place figures and tables in the text rather than at the end of the manuscript. Supporting information should be submitted in separate files.
3. PS&P follows APA Manual, 7th edition, for bibliographic references.
4. The author has the copyright of the articles published in the journal. The content of the research is from the total responsibility of the authors. The works published at Public Sciences & Policies can be reproduced totally or partially since the source is cited. The works sent to Public Sciences & Policies must be original and unpublished. The rights for the first publication belong to Public Sciences & Policies. The journal may reproduce the works published in other media for greater dissemination. The authors accept the open-access policy by submitting papers to this journal since Public Sciences & Policies publishes in free open access. The work will not be accepted if any illegality, fraud or unethical behaviour is detected. The personal data provided by the authors will only be used for the respective publication.
5. The authors will receive a hardcopy version of the publication.

PEER-REVIEW PROCESS

All research articles submitted to this journal have undergone rigorous double-blind peer review, based on initial editor screening and anonymized refereeing by two anonymous referees. Papers will only be sent to review if the Editorial Collective board or Associate Editors determine that the paper meets the appropriate quality and relevance requirements. Once the suitability of the article within the scope of the journal is validated, the article will be submitted to refereeing by the reviewers. The reviewers' opinions will be forwarded to the authors, anonymously, for the necessary revisions to be carried out. The Editorial Collective, considering the opinions of the reviewers, will take the final decision on the publication of the proposed article and the revisions carried out. The process of scientific refereeing of reviews is the responsibility of the Editorial Collective.

